

ALCIDES FERNANDO GUSI

IDENTIDADES NO CONTEXTO TRANSNACIONAL: LEMBRANÇAS E  
ESQUECIMENTOS DE SER BRASILEIRO, NORTE-AMERICANO E  
CONFEDERADO DE SANTA BÁRBARA D'OESTE E AMERICANA

MAIO/96

ALCIDES FERNANDO GUSSI

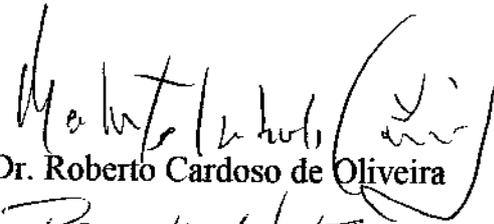
IDENTIDADES NO CONTEXTO TRANSNACIONAL: LEMBRANÇAS E  
ESQUECIMENTOS DE SER BRASILEIRO, NORTE-AMERICANO E  
CONFEDERADO DE SANTA BÁRBARA D'OESTE E AMERICANA

(Dissertação de Mestrado apresentada  
ao Departamento de Antropologia do  
Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas da Universidade Estadual  
de Campinas, sob a orientação do  
Prof. Dr. Guillermo Raúl Ruben).

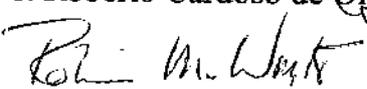
Este exemplar corresponde à  
redação final da dissertação  
defendida e aprovada pela  
Comissão Julgadora em  
13/05/96



Banca:



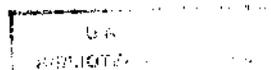
Prof. Dr. Roberto Cardoso de Oliveira



Prof. Dr. Robin Michael Wright

Prof. Dra. Guita Grin Debert (suplente)

MAIO/96



UNIDADE	BC
N.º CHAMADA	UNICAMP
	G975
	27940
	667/96
S	<input type="checkbox"/> IX
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	04/07/96
N.º CDS	

CM-00089536-7

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

G975i

**Gussi, Alcides Fernando**

**Identities no contexto transnacional: lembranças e esquecimentos de ser brasileiro, norte-americano e confederado de Santa Bárbara D'Oeste e Americana / Alcides Fernando Gussi. - - Campinas, SP : [s.n.], 1996.**

**Orientador: Guillermo Raúl Ruben.**

**Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Identidade - Aspectos antropológicos. 2. Memória. 3. Americanos - Brasil - História. 4. Confederados americanos em exílio voluntário - Brasil. 5. Ritos e cerimônias. 6. Americana - História. 7. Santa Bárbara D'Oeste - História. 8.\* Transnacionalidade. I. Ruben, Guillermo Raul, 1947 - II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.**

## AGRADECIMENTOS

À UNICAMP, pelo Programa de Mestrado oferecido; ao CNPQ, que financiou o período em que realizava os créditos; à FAPESP, que financiou a fase de pesquisa e redação; ao FAEP-UNICAMP e à Fundação FORD-ANPOCS pelas, respectivamente, dotação e bolsa recebidas para o término do trabalho.

Ao Prof. Dr. Guillermo Raúl Ruben, orientador e amigo, pelo estímulo que sempre deu a este trabalho e, também, a minha carreira acadêmica.

Aos Profs. Robin Michael Wright e Guita Grin Debert, do Departamento de Antropologia, pelas sugestões dadas no Exame de Qualificação; e, também, à Profa. Maria Suely Koffes, pelo apoio e sugestões na fase de elaboração do projeto de pesquisa.

Ao Prof. Paulo Celso Miceli, do Departamento de História, pela inspiração original para pesquisar o tema, quando tudo começou.

À colega Tânia Fontolan, pela colaboração e incentivo ao ingresso no mestrado.

Aos colegas do mestrado, por terem tornado mais leve o período dos créditos, sobretudo pelas conversas na cantina do IEL: ao Artur, à Juliana, à Joana, ao Edinho, à Maria Elisa, à Estela, à Vera, ao Carlos, ao Odair, à Kika, à Viviana, ao Fred, à Di Nhon, à Alicia e à Ana Maria (espero não ter esquecido ninguém...).

Aos colegas do mestrado, Marco Luiz de Castro, pelos toques dados quando elaborava o texto; e Léa Carvalho, pela leitura atenciosa do texto final.

Aos funcionários da Biblioteca, da Secretaria de Pós-Graduação, da Secretaria de Antropologia e da Secretaria de Pesquisa, pelo atendimento possível dentro das malhas da burocracia universitária: a Solange, o Luciano, a Mirian, o Betinho, a Esmeralda, a Lurdinha, a Marli, a Irene, a Silvana, a Rosa, a Cidinha, entre outros.

À D. Noêmia Cullen Pyles, descendente dos americanos confederados, pelas suas preciosas informações para a pesquisa, sempre carinhosamente solícita.

À D. Judith Mac Knight Jones, historiadora da descendência, por ser uma fonte de inspiração e de vida voltada à história.

Às famílias Minchin e Vaughn, pela acolhida nas reuniões do Campo e em Sumaré.

Aos descendentes de americanos e moradores de Santa Bárbara d'Oeste e Americana, pelos seus préstimos e colaboração (seriam inúmeras as citações dos nomes).

Aos funcionários da Biblioteca Municipal de Santa Bárbara d'Oeste e do Museu da Imigração, ao S. Angolini da Fundação Romi, ao Pastor Joás da Igreja Presbiteriana de Americana, pelo material fornecido, de grande valia para a pesquisa.

À D. Neide e à Andréa Mara, pelo excelente trabalho de transcrição de fitas.

À colega Ana Maria Favarelli, pela prestimosa revisão ortográfica do texto.

À amiga Priscila Fahl, pelas fotografias.

Aos amigos não-acadêmicos, pela sua afetuosidade que tornou tudo mais fácil: a Rose, a Rita Peluzzo, a Paula e o Paulo, a Carlota, o Paulo Volpato, a Regina, o César, a Rita Lodo, a Elaine e a Soninha (espero, de novo, não ter esquecido ninguém...).

Ao André, pelo que eu já disse a ele.

Ao Zé, meu irmão, e ele sabe bem o porquê.

Ao meu pai e a minha mãe, por tudo que eles e eu já sabemos, e pelo o que, com o tempo, eu vou vir a saber.

## ÍNDICE

Introdução.....	pag. 01
Capítulo 1: A morte e a festa.....	pag. 13
Capítulo 2: Os imigrantes americanos no Brasil.....	pag. 57
Capítulo 3: Os brasileiros, descendentes de americanos.....	pag. 101
Capítulo 4: Trabalho & negócios: os brasileiros, americanos e confederados.....	pag. 142
Considerações Finais.....	pag..177
Referências Bibliográficas	
Anexos	

## INTRODUÇÃO

Quem assistiu ao filme "*...E o Vento Levou*" deve se lembrar da cena em que a personagem principal, Scarlett O'Hara, observando no horizonte a sua fazenda Tara faz um juramento dramático de que nunca mais iria passar fome. Scarlett ousava, então, reconstruir a vida na sua terra natal. Mas a protagonista do filme poderia ter encontrado outra solução: emigrar. E emigrar para o Brasil.

Entre os anos de 1866 a 1868, houve o estabelecimento de imigrantes norte-americanos do Sul, recém-saídos da Guerra de Secessão, em Santa Bárbara, no interior de São Paulo. Entre 2.700 a 3.000 americanos sulistas emigraram para o Brasil nesse período, sendo que chegaram a se estabelecer 500 famílias nas, hoje, localidades de Santa Bárbara d'Oeste e Americana.<sup>1</sup>

Passados quase 130 anos, ainda hoje, uns poucos descendentes das 3a. e 4a. gerações destas famílias, organizados em uma associação, a Fraternidade de Descendência Americana - que mantém contato com um pouco mais de 300 associados dispersos em várias localidades - vêm promovendo eventos, como reuniões e festas, realizados em um cemitério onde estão sepultados os seus antepassados.

Nesses eventos no cemitério, os descendentes, e também alguns moradores das localidades, dramatizam cenas do passado de sua ancestralidade - do Sul, da Confederação, da Guerra, da

---

<sup>1</sup> Apud. Jones (1967:165).

Imigração - como se "*...E o Vento Levou*" estivesse sendo continuado aí, fora de lugar, e não na recente produção norte-americana, intitulada "*Scarlett*". Os eventos constituem situações sociais onde um conjunto de representações é acionado para lembrar e identificar os americanos confederados das localidades.

Este trabalho trata dos descendentes de imigrantes americanos de Santa Bárbara d'Oeste e Americana. O objetivo é analisar como diversas identidades americanas se constroem e se (re)formulam ao longo do tempo nas localidades.

Para tanto, a questão a que me remeto é a da formulação das identidades sociais e suas conexões com os mecanismos de constituição da memória. Julgo que a partir disto possa compreender as diversas (re)formulações das identidades americanas que vão se configurando historicamente, negociadas entre um conjunto de lembranças e esquecimentos.

Pretendo mostrar, ainda, que no contexto de internacionalização contemporâneo, e como decorrência deste, há a emergência das identidades americanas, quando os descendentes estão reforçando o processo de constituição de lembranças.

Este trabalho reflete a trajetória da Pesquisa que, confundida com a minha própria trajetória acadêmica, foi definindo os focos analíticos e a metodologia que utilizei para compreender o universo pesquisado. Da ingenuidade inicial, quando o trabalho enunciava-se como uma pesquisa sobre o caso de um grupo étnico que, curiosamente, tinha suas particularidades, com o tempo, os dados foram ganhando importância para refletir sobre questões maiores: os descendentes

de americanos de Santa Bárbara d'Oeste e Americana foram se tornando "*bons para pensar*".

A pré-história da Pesquisa situa-se em um período anterior ao meu ingresso no Programa de Mestrado em Antropologia Social, em 1992. O tema da "*Imigração Norte-Americana para o Brasil*" apareceu-me como proposta de pesquisa durante o curso "*História Oral*" que eu, recém-graduado em História, freqüentava no Departamento de História da UNICAMP. A metodologia, que era a história oral, definia o enfoque da pesquisa. Esta metodologia aproximou-me dos procedimentos de pesquisa da Antropologia, e daí a minha escolha pela disciplina.

Meu ritual de iniciação no campo foi em um "*Jantar Country*" promovido pela Fraternidade de Descendência Americana em um clube de Santa Bárbara d'Oeste em agosto de 1991. Morando em Americana desde a infância, qual não foi minha estranheza ao encontrar um grupo de pessoas que vinha promovendo eventos para identificar-se com sua ancestralidade americana? Mas suspeitei que aquilo tudo - descendentes de americanos de 3a. e 4a. geração dizendo ser americanos - poderia, significativamente, aparentar aquilo que não é, como numa realidade virtual, e construí uma paradigma apropriado para uma pesquisa inicial.

Aproximei-me da noção de identidade da Antropologia. A tradição disciplinar dos estudos de identidade, que se confunde arqueologicamente com a própria história da Antropologia, vem resultando na compreensão de uma diversidade de grupos étnicos, sexuais, urbanos, camponeses, etc.

Mas, o que poderia ser minha âncora analítica, a noção de identidade estava também sendo posta em suspeita pelos antropólogos que a desconstruíam analiticamente, ainda que, mesmo assim, utilizavam-se dela para compreender diversos universos empíricos. É que a polissemia do conceito põe em questão a sua própria utilidade. A noção de irreduzibilidade, constituindo as marcas e os limites dos grupos sociais que o conceito ontologicamente encerra, imprime-lhe uma limitação analítica na medida em que não dá conta de compreender a grande diversidade dos processos nas sociedades contemporâneas.<sup>2</sup>

Procurei desviar-me, momentaneamente, desta encruzilhada teórica trazendo a noção de memória, que recuperava da minha formação de historiador, visando apontar para outros caminhos. Nesse ínterim, a minha maior inserção no campo sugeria a necessidade de problematizar a noção de memória: os descendentes acionam em eventos no cemitério uma lembrança dos americanos, trazendo um tempo passado para o presente.

Para tanto, inspirei-me no conceito de memória coletiva, construído por Halbwachs(1992). Este sociólogo, de clara influência durkheimiana, trata a memória como fato social, considerando-a um fenômeno de representação coletiva. Ao situar os "*quadros sociais da memória*" vincula o ato de lembrar à memória coletiva, que é formada pelas instituições sociais como família, Igreja e classe. A memória coletiva é a memória do grupo no qual nos socializamos, a nossa "*comunidade afetiva*", representada pela tradição. Para Halbwachs, a

---

<sup>2</sup> Apud. Ruben (1988, 1992). Remeto ainda, para a formulação da teoria de identidade e suas críticas, dentre outros, aos estudos de Barth (1969), Brandão (1986), Cardoso de Oliveira (1976, 1983) e Carneiro da Cunha (1985, 1986).

lembrança é uma "*reconstrução do passado*", pois "*o que rege em última instância a atividade mnêmica é a função social exercida aqui e agora pelo sujeito que lembra*".<sup>3</sup>

A construção social da memória é um fato fundamental para a formulação das identidades. Nas sociedades multiétnicas, a história funciona como caução para os mecanismos de identificação que são acionados estrategicamente pelos grupos em seu processo de escolha dos valores culturais no contexto das relações interétnicas. No entanto, ao recuperar o passado, assim como nas representações do presente, os grupos sociais podem atribuir novos significados ao que é aparentemente o mesmo referente, adequando-se o passado ao presente<sup>4</sup>. Segundo Halbwachs, é assim que se faz quando se lembra. Então, é possível pensar que a constituição da memória no contexto das estratégias identitárias passaria pela dialética da lembrança e também do esquecimento.

Partindo da noção de memória coletiva, fui procurando utilizar neste trabalho, como foco analítico, uma noção de identidade marcada pela fluidez, como resultado das negociações dos grupos sociais que escolhem traços para distingui-los nos diversos contextos sociais e históricos, mas que, nos dizeres de Levi-Strauss (1986): "*não há quem possa prever quais (traços) nem para que fins*"(p.152). A irredutibilidade, se a pudéssemos encontrar, não estaria nos traços que distinguem os grupos sociais, mas nas suas escolhas.

Realizei uma etnografia dos eventos que envolvem os descendentes de americanos, compreendendo suas reuniões e

---

<sup>3</sup> Apud. Bosi (1979:46).

<sup>4</sup> V. Carneiro da Cunha (1985).

festas como um momento ritual, associado a um tempo mítico-sagrado, quando há a construção de possíveis diferenciações étnicas<sup>5</sup>.

A participação nos eventos foi possibilitando uma negociação, entre eu, como antropólogo, e um grupo de descendentes, mais seus cônjuges e amigos, que vêm participando dos eventos da Fraternidade de Descendência Americana. Na primeira vez que compareci a uma reunião no cemitério, em outubro de 1991, identificaram-me com um crachá, um papelzinho com o meu nome e o símbolo da Fraternidade. Na ocasião, fui convidado a me apresentar publicamente. Era estranho a todos.

Mas a convivência com o grupo, geralmente velhos, que não raro esforçavam-se por contar-me suas histórias sobre o passado - pessoas que, com certeza, no seu dia-a-dia, têm muitos poucos interessados em ouvi-las - foi, com o tempo, tornando-me familiar. Passei a ser, então, "*aquele moço da UNICAMP que faz um estudo sobre a gente*".

Assim é que, depois de outras tantas reuniões e festas, e também das visitas posteriores nas residências e nos locais trabalho para as entrevistas e conversas, já não foi mais necessária a minha apresentação. Como em um movimento antropofágico, ao tornarem-me familiar, foram, pode-se dizer, considerando-me "*americano*". Engraçado, porque eu, antropólogo, em um movimento diverso, necessitava cada vez

---

<sup>5</sup> A etnografia dos eventos foi construída levando-se em conta, além das questões centrais do trabalho, também a sua especificidade para compreensão do universo pesquisado. Para tanto, utilizei os pressupostos metodológicos das etnografias clássicas da chamada "*Escola de Manchester*" remetendo a antropólogos como Cohen (1969), Gluckman (1987), Van Velsen (1987) e Victor Turner (1967) como "*paradigmas etnográficos*".

mais estranhar o outro, torná-lo exótico. Assim, negociando com a familiaridade e o estranhamento, com a antropofagia do outro e a minha antropologia, fui construindo a etnografia.

O contexto atual em que realizei a Pesquisa foi contribuindo para ampliar os focos da análise. As tendências do capitalismo atual vêm apontando para a globalização das economias mundiais, quando estão sendo redimensionadas as fronteiras políticas dos estados-nacionais. Mas, ao mesmo tempo em que os processos de globalização se desenvolvem, e como decorrência destes, estão emergindo as identidades de grupos locais que problematizam o seu lugar na história. Refletir acerca das identidades e a memória no interior deste contexto significa contemplar, também, as contradições entre processos globais e os processos locais.<sup>6</sup>

A pergunta que fazia era, por que, passados mais de cem anos, justamente neste momento, as 3a. e 4a. gerações de descendentes de americanos vêm festejando com tanta ênfase em um cemitério, lembrando os seus antepassados?

A noção de transnacionalidade, compreendida como *"tudo aquilo que acontece fora das fronteiras nacionais sem que isto subentenda uma automática ruptura com a nação de origem"*<sup>7</sup>, apresentou-se como possibilidade analítica. Os processos transnacionais podem explicar porque, neste momento, há a emergência das identidades americanas nos eventos no cemitério, induzindo a lembranças e esquecimentos.

---

<sup>6</sup> V. Marcus (1990).

<sup>7</sup> Apud. Ruben (1992).

A noção de transnacionalidade, contudo, subentende também as nacionalidades. Os estudos contemporâneos sobre nacionalismo vêm apontando para o caráter de "*invenção da idéia de nação*" em torno de uma história unilateral e seletiva<sup>8</sup>. A dialética da memória, entre a lembrança e o esquecimento, tende a se manifestar em contraposição às memórias nacionais as quais pretendem, através de processos políticos arbitrários, definir as fronteiras de uma identidade nacional. Assim, nos limites da legitimidade de uma "*memória nacional enquadrada*", posta em questão mediante os processos transnacionais, emergem "*memórias subterrâneas*"<sup>9</sup>; e, destas tantas "*memórias subterrâneas*", emergiriam também diversas identidades.

Em contrapartida a um prognosticado mundo globalizado que estaria liberto dos estados-nação, os processos transnacionais podem permitir a reflexão, a partir da emergência das identidades, sobre como estão sendo (re)construídas as nacionalidades neste cenário.

O caso dos descendentes de americanos de Santa Bárbara e Americana pode tomar-se paradigmático - exagerando, talvez - dos processos de emergência das identidades no contexto de internacionalização contemporâneo, que vêm permitindo, ainda, nos indagar: quem somos nós, brasileiros?

A Pesquisa, desde o seu início, não se restringia somente à participação nos eventos. Situada disciplinarmente entre a Antropologia e a História, a questão era saber como as possíveis diferenciações étnicas eram construídas para além dos eventos do cemitério, em um tempo histórico-profano, associado às

---

<sup>8</sup> V. Anderson (1983), Gellner (1983) e Hobsbawn (1990).

<sup>9</sup> V. Pollack (1989).

trajetórias das gerações de imigrantes e descendentes nas localidades de Santa Bárbara d'Oeste e Americana ao longo do tempo. Assim, busquei os sentidos identitários em diferentes temporalidades, associando sincronicidade e historicidade.

Inicialmente, tomando a história como um redutor, reconstruí as trajetórias das gerações de imigrantes e descendentes, ao mesmo tempo em que analisei os diversos discursos - elaborados em diferentes épocas, **de e sobre** os imigrantes e descendentes americanos, a respeito de suas próprias histórias de vida e de seus antepassados -, visando descrever o "*passado identitário*" da descendência.

No decorrer desta fase da Pesquisa, abri uma outra possibilidade empírica. Paralelamente aos rituais, às reuniões e às festas, voltei-me para a trajetória do trabalho e dos negócios dos descendentes ao longo do tempo. Pretendi associar etnicidade e economia - o dado mais palpável da vida cotidiana -, sobretudo, através da religião, inspirando-me nos argumentos de Weber (1979), para compreender em que medida o protestantismo orientou a conduta no trabalho e nos negócios.

Para tanto, analisei as representações e práticas relacionadas ao trabalho, ao lucro e à acumulação a partir de diferentes categorias de profissionais entrevistadas. Como resultado, busquei refletir sobre uma articulação entre o tempo ritual e o tempo histórico, do trabalho e dos negócios.

E parti de uma categoria norteadora da análise: os empresários. Esta categoria pareceu-me instigante para observar empiricamente as noções de identidade, memória, e nacionalidade em um contexto transnacional, como justifica Ruben (1992) ao propor que se tome os empresários como um

universo empírico privilegiado: primeiro, porque sua prática engendra combinações novas que dialogam com a tradição; e, segundo, porque esta prática supõe situações em que há o "*confronto das tradições*", quando se considera o atual contexto de internacionalização da economia. Nesse contexto, poderia caber aos empresários descendentes de americanos a responsabilidade de continuar ou não a tradição, (re)construindo uma outra conduta para seus negócios associada à etnicidade. Realizei, então, o estudo de caso de quatro empresários.

Entrevistas e documentos escritos constituíram os materiais de análise centrais da Pesquisa. A metodologia escolhida pretendeu estabelecer um diálogo entre as fontes orais e escritas, não tomadas como dados em si, mas como dados significativos para compor um quadro de análise<sup>10</sup>. Assim, inseria-me dentro de uma discussão metodológica interdisciplinar, entre a Antropologia e a História, que novamente reflete a minha formação acadêmica.<sup>11</sup>

Levantei os documentos, procurando indícios nos registros escritos e nas narrativas, levando em conta a crítica

---

<sup>10</sup> Não utilizei-me de genealogias como estratégia de pesquisa em virtude de que, desde o início, percebi que elas, embora autenticam a ancestralidade, na prática pouco respondem quem pode ou não "*ser americano*", ligado antes ao fato de se compartilhar processos sociais e históricos comuns que aqui serão analisados. Acredito, também, que a utilização de genealogias restringiria o universo maior de descendentes pesquisados, do qual foram consideradas categorias, tais como classe social, gênero e geração.

<sup>11</sup> Se, por um lado, a utilização da memória como objeto de análise pela História deu-se no desenvolvimento dos estudos de história oral, que ampliou o campo documental do historiador, por outro lado, a fonte oral sempre foi, por excelência, o material recolhido pelo trabalho etnográfico. Por seu turno, a fonte escrita, como instrumento metodológico, tem sido problematizada pela Antropologia, particularmente a partir dos estudos centrados nas sociedades contemporâneas, que vêm apontando para a necessidade dos antropólogos utilizarem os documentos escritos e a crítica documental dos historiadores em suas etnografias, aproximando-se dos procedimentos da História (Evans-Pritchard, 1978).

metodológica de que todo o documento pretende ser monumento no sentido que institui ou pretende instituir uma lembrança.<sup>12</sup> Considerando isto, procurei fazer uma leitura das fontes escritas e orais, observando seus silêncios, suas entrelinhas e suas contradições, considerando-as não somente pelo dado positivo que contêm, mas também pelas suas ausências.

De um lado, realizei um levantamento documental e bibliográfico<sup>13</sup>. Consultei uma documentação escrita diversificada, tais como, documentos pessoais (correspondências, diários, escrituras de compra e venda de imóveis, documentos escolares), documentos institucionais (cartoriais, da Câmara Municipal de Santa Bárbara) e periódicos. E, de outro lado, realizei entrevistas com descendentes das 3a. e 4a. gerações visando recuperar histórias de vida, e, no contexto mais amplo

---

<sup>12</sup> V. Le Goff (1992).

<sup>13</sup> Aproximei-me de uma bibliografia de historiadores não-profissionais que resgataram a experiência histórica dando-lhe uma abordagem de cunho épico e romântico (Jones, 1967; Harter, 1987). Tais obras, contudo, servem como referências, seja porque apresentam uma massa de informações consideráveis, seja porque o discurso nelas contido representa um universo mental a ser considerado. É que, tratando-se de obras de autoria de descendentes, além da documentação primária que utilizam, os autores se valem de informações que remetem às reminiscências de família. As suas narrativas constituem, também, referenciais significativos da construção pela descendência de sua própria história. Por tudo isto, são relevantes enquanto fonte de dados para responder às questões deste trabalho.

Outras referências bibliográficas procuraram tratar o assunto procurando apresentar outras abordagens. Goldman (1972) realiza uma sistematização de dados sobre o tema, constituindo um dos primeiros estudos específicos sobre o tema. Costa (1985) pretende “*estudar o processo de adaptação da comunidade americana na sociedade brasileira e a resistência mental das famílias imigrantes à assimilação do meio brasileiro*”( p. 13). Dawsey (1994), de abordagem antropológica, pretende explorar o tema das identidades étnicas dos descendentes de americanos confederados. Indico ainda, como referência, a coletânea Dawsey & Dawsey (1995) que em virtude de tê-la obtida três semanas antes do término deste trabalho não pôde aqui ser analisada a contento.

V. ainda as Referências Bibliográficas.

das localidades, conversei com vários segmentos de moradores de Americana e Santa Bárbara d'Oeste.

No final de tudo isto, como outros antropólogos, percebi que utilizei largamente a noção de identidade, desconstruindo-a analiticamente na medida em que exagerava a sua historicidade ao mesmo tempo que, em contrapartida, procurava construir esta noção empiricamente.

Os dados etnográficos, no entanto, remetiam para possibilidades de formulações identitárias infundáveis, colocando a noção de identidade também sob suspeita empírica. Encontrei tantos traços identitários para definir o que é ser americano ao longo do tempo que, pode-se dizer, que se tudo e todos podem ser - ou vir a ser - americanos, qualquer um pode, de fato, ser americano de Santa Bárbara e Americana.

O resultado foi que procurei, como recurso de pesquisa, analisar processos sociais e históricos reveladores de sentidos identitários, mas estes sentidos não se esgotam *per se* nestes processos - não existe o irredutível. É que alguém pode vir ainda a ser, de fato, o que não é.

Esta dissertação está dividida em capítulos, onde farei: (1) a descrição etnográfica dos eventos; (2) a reconstrução das trajetórias dos imigrantes, e (3) das trajetórias dos descendentes ao longo do tempo associadas à etnicidade; (4) a análise das representações e práticas relacionadas à condução do trabalho e dos negócios, associando economia e etnicidade; e, por fim, as considerações finais, apropriando-me do caso dos descendentes de americanos para refletir sobre as identidades, a memória, a nacionalidade e a transnacionalidade.

## CAPÍTULO 1

### A MORTE E A FESTA

#### Um cenário: o Cemitério do Campo e os descendentes de americanos

Percorrendo as estradas de terra em meio a canaviais, nos limites das áreas rurais das cidades de Americana e Santa Bárbara d'Oeste, chega-se ao Cemitério do Campo. Mas não se trata de um cemitério qualquer: lá estão sepultadas as gerações das famílias de imigrantes americanos que se estabeleceram na região entre os anos de 1866 a 1868.

O Cemitério ocupa uma área de 2.000 m<sup>2</sup> no território de Santa Bárbara e está equidistante cerca de 12 quilômetros dessa cidade e de Americana. Possui, logo avistados na entrada, um galpão, um obelisco comemorativo, uma capela, uma casa de madeira onde mora a família de um zelador, e, ao fundo, uma porção de lápides enfileiradas, ao que se sabe, totalizando quase 400 lápides.

As lápides encravadas nas sepulturas dizem respeito aos antepassados americanos. Algumas delas já se perderam e outras estão quebradas como resultado da ação do tempo; mas, na maioria, estão inscritos os nomes dos seus mortos. Algumas indicam tratar-se de veteranos soldados de guerra e, a menos que se saiba um pouco de história, alguém não saberia dizer de qual se trata: os mortos são soldados confederados de uma guerra longínqua no tempo e no espaço, a Guerra de Secessão (1861-1865).

As inscrições são, quase sempre, complementadas com mensagens religiosas, retiradas de textos bíblicos, as mais velhas escritas em inglês. As mensagens, que pretendem associar a vinculação dos mortos - e dos vivos - ao protestantismo, evocam uma solução de continuidade na morte: "*It shall not pass*", é uma mensagem comum.

A história deste Cemitério confunde-se com o processo de diferenciação dos americanos na localidade. O Cemitério do Campo, delimitado em 1869 na propriedade de um dos imigrantes, originou-se na época em que a Igreja não permitia que os protestantes fossem enterrados nos cemitérios locais, geralmente ligados às paróquias, como acontecia em Santa Bárbara. O local, além dos sepultamentos, passou a ser um centro religioso e social da colônia americana. Ao redor do Cemitério foi construída uma capela, várias vezes reformada, onde os americanos realizavam, em um tempo passado, reuniões periódicas aos domingos com cultos evangélicos e piqueniques.

Mas os mortos não seriam o que são e nem o cemitério deixaria de ser um cemitério qualquer se não fosse o que os vivos fazem deles no tempo presente. Para um pequeno número de pessoas, os descendentes dos americanos e também alguns moradores de Santa Bárbara d'Oeste e Americana, as sepulturas falam. Elas dizem respeito a sua ancestralidade e ao passado das localidades. Para estas pessoas, o mortos representam a possibilidade de lembrarem o passado.

Os descendentes de americanos são hoje em número reduzido e estão dispersos. A Fraternidade de Descendência Americana, entidade que congrega a descendência, mantém contato com 315 descendentes, sendo que 45 são moradores de Santa Bárbara, 21 de Americana e, nas outras

idades vizinhas, 8 moram em Nova Odessa e 24 em Sumaré. E estão, ainda, espalhados por outras cidades do estado de São Paulo, pelo país, e até por Miami<sup>14</sup>.

Um perfil dos descendentes que participam dos eventos da Fraternidade revela que eles são, em sua maioria: pertencentes à 3a. e 4a. gerações, moradores de Santa Bárbara, mulheres, de meia idade, de classe média, têm escolaridade secundária e exercem ocupações de domésticas e no setor terciário. Ao contrário do que falam dos seus antepassados, a grande maioria é casada com descendentes de outras etnias; um pouco mais da metade são católicos ou de outras religiões não protestantes; não têm domínio, ou têm apenas poucos conhecimentos, da língua inglesa; não mantêm contato com os Estados Unidos, e nem mesmo viajaram por lá, ainda que dizem ter parentes americanos, como primos distantes, mas que não os conhecem. Eles são sócios da Fraternidade, participam com relativa frequência das reuniões trimestrais e das festas anuais, contribuindo para a sua organização, e costumam visitar o Cemitério do Campo.<sup>15</sup>

Estas pessoas vêm lembrando, em reuniões e em festas, a sua ancestralidade americana. É quando os vivos identificam-se com os mortos. O Cemitério do Campo constitui o espaço da lembrança, e é por isto que os eventos são realizados lá, nos limites das suas lápides.

---

<sup>14</sup> V. Anexo I.

<sup>15</sup> V. Anexo II

### **Outro cenário: Americana e Santa Bárbara d'Oeste, a história e os descendentes de americanos**

Saindo do Cemitério reconhece-se as cidades de Americana e Santa Bárbara d'Oeste. Estas localidades vêm constituindo o espaço das trajetórias das gerações de imigrantes e descendentes de americanos ao longo do tempo.

Tanto em Americana quanto em Santa Bárbara, pouco se reconhece hoje a presença dos descendentes. Existem aproximadamente 15 troncos de famílias de descendentes que vivem como quaisquer outros moradores no cotidiano destas cidades e são, portanto, invisíveis dentro do conjunto da população local. Isto pode ser explicado, em parte, pelo desenvolvimento urbano dos municípios.

O espaço urbano de Americana e Santa Bárbara, cidades de porte médio que distam respectivamente 136 km e 139 km de São Paulo, transformou-se bastante nas últimas duas décadas. Estas cidades passaram por um crescimento populacional muito rápido como resultado da expansão do seu parque industrial, o que atraiu milhares de migrantes, particularmente do interior de São Paulo, que constituem hoje grande parte da população das cidades<sup>16</sup>. Disto decorre o fato da atual população local não reconhecer mais o traçado das cidades e os seus moradores, e, menos ainda, reconhecer a ascendência de origem dos moradores.

---

<sup>16</sup>Segundo o Censo do IBGE de 1991, Americana possui 153.840 habitantes, sendo 99,9% da população urbana, distribuídos em uma área de 144 km<sup>2</sup>, com densidade demográfica de 1.068 hab/km<sup>2</sup>. Santa Bárbara d'Oeste, possui 145.266 habitantes, sendo 97,2 % de sua população urbana, e uma área de 270 km<sup>2</sup>, com densidade demográfica de 538 hab/km<sup>2</sup> (apud. Sumário de Dados da Região de Campinas - 1992. Agência do IBGE de Americana).

Santa Bárbara d'Oeste, no entanto, parece ser menos refratária a este processo que Americana. O traçado urbano da cidade vem distinguindo duas áreas distintas: a chamada "*cidade velha*", que constitui a região central da cidade e os bairros circunvizinhos; e a "*zona leste*", distante 4 quilômetros do centro, onde estão localizados os bairros novos formados pela onda migratória e que fazem divisa com Americana, revelando o processo de conurbação que vem ocorrendo com as duas cidades. Ao contrário, em Americana, com uma área bem menor que Santa Bárbara, não se distingue exatamente o lugar do "*novo*" e do "*velho*".

Somado a isto, considerando que o setor industrial é o *leit motiv* das mudanças, se tem que, em Santa Bárbara, a atividade agrícola representa ainda certo peso, apesar de residual, na economia da cidade, particularmente o setor açucareiro, diferentemente de Americana.<sup>17</sup>

Os próprios moradores comparam as duas cidades. Americana é vista como "*moderna*", "*industrial*", "*capitalista*", e, por oposição, Santa Bárbara é vista como "*atrasada*", "*agrícola*", "*tradicional*"<sup>18</sup>. Estas oposições são reforçadas por rixas que, às vezes, expressam-se entre as cidades que disputam os mesmos espaços econômicos e políticos. A divisa das duas cidades, por exemplo, concentra os populosos bairros de

---

<sup>17</sup> De fato, segundo dados do Censo Econômico do IBGE de 1985, o montante da produção agropecuária de Santa Bárbara foi de Cr\$ 100.398.000 - a área colhida de cana-de-açúcar foi de 12.000 ha em 1990 - e a produção industrial foi de Cr\$ 1.002.184.078. Em Americana, o montante da produção industrial foi de Cr\$ 3.244.162.693, e da produção agrícola de apenas Cr\$ 15.158.000 ( apud. Sumário de Dados da Região de Campinas - 1992).

<sup>18</sup> Em que pese o potencial econômico das duas cidades para justificar estas oposições, a arrecadação da receita tributária de Americana em 1990 foi de Cr\$ 273.418, e de Santa Bárbara foi de Cr\$ 194.882 ( apud. Sumário de Dados da Região de Campinas).

periferia de Santa Bárbara sendo alvo de contendas políticas pela redefinição de territórios dos municípios, de modo que algumas indústrias de Americana transferiram-se nos últimos anos para aquela região.

A par destas diferenças e oposições entre as cidades, as transformações urbanas em Santa Bárbara são menos percebidas por uma parte da população de Santa Bárbara, principalmente pelos moradores da "*cidade velha*". Isto explica porque a descendência moradora de Santa Bárbara pode ter uma visibilidade um pouco maior que em Americana - mesmo sabendo que os descendentes que moram em Santa Bárbara são em maior número - e participa mais ativamente da organização das reuniões e das festas no cemitério.

Essas transformações no espaço urbano vêm, também, provocando uma acelerada ruptura de seus moradores com o passado das cidades. As referências da imensa maioria sobre o passado local são mínimas. E, se no presente os descendentes são pouco reconhecidos pela população local, pode-se dizer, da mesma forma, que a presença dos americanos no passado das localidades é quase desconhecida no contexto da memória local.

A origem do nome da cidade de Americana, a bandeira confederada que compõe o brasão da cidade, a Praça dos Americanos, o Museu da Imigração de Santa Bárbara<sup>19</sup>, algumas ruas e bairros com nomes americanos, e mesmo o Cemitério do Campo, compõem um conjunto de referências sobre o passado quase sempre ignorado pela maioria da população.

---

<sup>19</sup> O Museu da Imigração foi inaugurado em 1989 pela Prefeitura de Santa Bárbara no prédio da antiga Cadeia Municipal, no centro da cidade, com uma exposição permanente sobre a imigração americana.

Então, as localidades de Americana e Santa Bárbara, onde vêm ocorrendo as trajetórias das gerações de americanos e descendentes no decorrer do tempo, constituem o espaço da ausência dos americanos, e, portanto, como contraponto da lembrança, é o espaço do esquecimento.

Todavia, quando se considera um tempo passado, verifica-se que os registros históricos confirmam inúmeras vezes a presença dos americanos em Santa Bárbara e Americana, justamente o espaço de sua ausência hoje reconhecida. A presença dos americanos está associada a um passado remoto, aos primeiros tempos, à atividade agrícola anterior à atividade industrial, remetendo a um mito de origem das localidades.<sup>20</sup>

A vila de Santa Bárbara situava-se entre Campinas e Nova Constituição (hoje Piracicaba), sua economia girava em torno do plantio de cana-de-açúcar e aguardente quando os americanos aí se estabeleceram a partir de 1866, com a chegada do pioneiro Cel. William Norris e seu filho Robert<sup>21</sup> que compraram terras a alguns quilômetros do povoado Santa Bárbara na sesmaria de Domingos da Costa Machado para plantar algodão.

Por sua vez, Americana tem sua origem ligada à fundação da Estação Ferroviária, ramal da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, construída em 1875, também na propriedade de Domingos da Costa Machado, a cerca de 10 quilômetros de Santa Bárbara, com o objetivo de escoar a produção agrícola da região, o que serviu notadamente aos americanos das redondezas. O povoado

---

<sup>20</sup> Recentemente, uma emissora de televisão local veiculou uma chamada de comemoração do aniversário de Americana em agosto de 1994 que dizia que “Americana foi fundada por imigrantes americanos”.

<sup>21</sup> William Norris nasceu na Geórgia, foi senador pelo Alabama e obteve sua patente na guerra contra o México; seu filho lutou na Guerra Civil pelo Regimento do Alabama (apud. Jones, 1967).

que se formou em torno da Estação tornou-se conhecido como Vila dos Americanos.<sup>22</sup>

Assim, paradoxalmente, os registros sobre a história das cidades, que pretendem confirmar a presença americana na sua origem, contrapõem-se com a sua ausência hoje na memória local, combinando-se a presença na ausência.<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup>Santa Bárbara dos Toledos consistia inicialmente de uma antiga capela curada do município de Constituição, foi elevada à freguesia de Santa Bárbara em 1842 e, finalmente, a município em 1869. O povoado de Santo Antonio de Villa Americana foi elevado à distrito de Campinas em 1904, deixando de pertencer à Santa Bárbara, e tornou-se município em 1924 (apud. Ensaio de um quadro demonstrativo do desmembramento dos municípios - 1931 e dados a agência do IBGE de Americana).

<sup>23</sup> Os exemplos dos registros, em diferentes temporalidades, podem ser inúmeros. Observa-se que quando mais se retrocede no tempo aparece a presença do americano.

O Almanach Histórico e Estatístico de Campinas de 1912-1914 destaca a origem de Americana na Estação, onde “*para ela acorreram cidadãos da América do Norte o que explica a denominação conferida à estação e à freguesia.*” No entanto, para destacar o posterior desenvolvimento da localidade, menciona a indústria Carioba, uma grande indústria têxtil pioneira na localidade, que “*acarretou como era natural o [desenvolvimento] de Villa Americana e falar de uma é lembrar a outra*”<sup>23</sup>. E ainda, o Almanach, ao listar os comerciantes da vila por aquela época, não menciona a presença de nenhum americano, com exceção de um médico, o Dr. Cícero Jones.

Já, o anterior Almanak de Campinas de 1908 parece tributar mais o desenvolvimento da localidade aos americanos. Registra, então, que a Villa Americana, “*desenvolveu-se extraordinariamente com a linha férrea e maximé pela iniciativa de cidadãos norte-americanos que deram nome ao bairro.*” Listando os comerciantes da vila cita um americano fabricante de aguardente, Charles Hall.

Retrocedendo no tempo, o Almanaque da Província de São Paulo de 1873, quando refere-se ao município de Santa Bárbara, destaca que “*o desenvolvimento que tem a lavoura principalmente a cultura do algodão, café, cana e fumo, tem sido extraordinário desde a vinda dos imigrantes norte-americanos, e em breve sua exportação competirá com a de outros municípios mais adiantados pela boa qualidade de seus produtos, já pela quantidade enviada ao mercado.*” Lista, então, 41 fazendeiros de algodão e cana-de-açúcar com sobrenomes americanos, de um total de 54 nomes.

Em suma, existem dois *loci* distintos que compõem o universo da pesquisa: o Cemitério do Campo e as localidades de Americana e Santa Bárbara d'Oeste. Como tentar-se-á ser demonstrado, o primeiro constitui o espaço da lembrança dos americanos, e as localidades vêm constituindo o espaço do seu esquecimento. E, quando se considera o tempo passado nestes espaços, há uma composição que combina a presença na história e a ausência dos americanos da memória local.

Delinea-se aí um perfil dos descendentes de americanos. Trata-se de um grupo reduzido, disperso e invisível para a maior parte dos moradores das localidades. Este grupo, particularmente os que moram em Santa Bárbara, vêm lembrando os americanos nas reuniões e nas festas no cemitério.

Tais cenários, que interligam "*gente, tempo e lugar*", associando os esquecimentos e as lembranças, os mortos e os vivos, o passado e o presente, vêm combinando-se para a reformulação das identidades americanas.

### **A reconstrução do passado (confederado)**

Entre os esquecimentos e as lembranças, entre os mortos e os vivos, os descendentes, hoje, vêm tratando de criar lembranças dos americanos em reuniões e festas no Cemitério. Para tanto, isto vem demandando, por parte de algumas poucas famílias de descendentes, o esforço de reconstrução do passado.

Os descendentes contam que seus pais e avós não tinham tempo de conversar sobre o passado: a sobrevivência em uma nova terra e as vicissitudes do trabalho, impunham a eles, como necessidade, um voltar-se sobretudo para o presente. "O

*passado, ele [o pai] deixou no passado mesmo, né?"*, dizia-me um descendente que, ao contrário do seu pai, preocupa-se hoje com o seu passado.

Se isto foi resultando em uma ruptura com a tradição dos antepassados, a reconstituição da história, como contraponto de memória, surgiu como redentora para os descendentes reverterem um alegado processo de esquecimento.<sup>24</sup>

Os descendentes contam, também, que a situação de conservação do Cemitério do Campo já esteve bastante precária no tempo passado. Cada vez menos descendentes visitavam o local, restringindo-se as visitas aos enterros, e poucas famílias cuidavam das lápides de seus mortos. A perda do cemitério como espaço único da lembrança implicava no risco do esquecimento definitivo dos americanos. Neste sentido, havia necessidade dos descendentes preservarem o patrimônio do Cemitério.

A reconstrução do passado significou a reconstituição da história dos antepassados. Mas implicou, paralelamente, um voltar-se para a preservação do Cemitério. Vertentes de uma

---

<sup>24</sup> Pierre Nora distingue memória e história: *"Memória é a vida, sempre guardada pelos grupos vivos e em seu nome, ela está em evoluções permanente, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todas utilizações e manipulações, suscetível a longas latências e súbitas revitalizações. A história é reconstrução sempre problemática e incompleta daquilo que já não é mais. A memória é um fenômeno sempre atual, uma ligação do vivido com o eterno presente; a história é uma representação do passado. Porque ela é afetiva e mágica, a memória se acomoda apenas nos detalhes que a conformam; ela se nutre de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a toda transferência, censura ou projeção. A história, porque operação intelectual e laicizante, exige análise e discurso crítico. A memória se enraiza no concreto, no espaço, no gesto, na linguagem, no objeto. A história não se liga a não ser em continuidade temporais, nas evoluções e nas relações de coisas. A memória é um absoluto, a história não conhece mais que o relativo. Não coração da história trabalha um criticismo destruidor da memória espontânea. A memória é sempre suspeita à história, donde sua verdadeira missão é a de destruí-la e de rechaçá-la"* (apud. De Decca: 1992:130-1).

mesma trama, a história e o Cemitério - e os seus mortos-, ambos, convergiram para que os descendentes pudessem criar as lembranças dos americanos<sup>25</sup>.

A fundação da Fraternidade de Descendência Americana em 1954 constitui o marco da organização para a reconstrução do passado. Os estatutos da Fraternidade, entidade de associação civil, estabelecem que as suas finalidades são a manutenção do patrimônio do Cemitério do Campo, divulgando-o por meio de palestras e pesquisas da história da imigração, bem como a entidade deve estimular a "*amizade, a filantropia e a cooperação mútua*" entre os descendentes<sup>26</sup>.

A Fraternidade tem uma estrutura própria e funciona como um clube. A entidade é administrada por uma Diretoria composta de um presidente, tesoureiro e dois secretários, eleitos a cada dois anos, e os associados, conforme os estatutos, "*descendentes da antiga colônia norte-americana ou estejam a ela ligados por laços de amizade e mútua cooperação*", pagam uma anuidade. O seu Regimento interno estabelece sobre a conservação do Cemitério do Campo e sobre os sepultamentos, no caso,

---

<sup>25</sup> Halbwachs (1992:55) ao opor memória coletiva e história, significativamente compara o ato de reconstituir a história a um cemitério: "*Nomes próprios, datas, fórmulas que resumem uma longa seqüência de detalhes, algumas vezes uma anedota ou uma citação: é o epitáfio dos acontecimentos de outrora, tão curto, geral e pobre de sentido como a maioria das inscrições que lemos sobre os túmulos. É que a história, com efeito, assemelha-se a um cemitério onde o espaço é medido e onde é preciso, a cada instante, achar lugar para novas sepulturas.*"

<sup>26</sup> Os objetivos associativos da entidade inspiraram-se na maçonaria - alguns antepassados americanos eram reconhecidamente maçons e fundaram a primeira Loja na localidade - como fica claro na composição de seu emblema que constitui, conforme os Estatutos, "*um triângulo azul sobre fundo branco, tendo na parte interna outro triângulo menor, e entre eles, as palavras 'Fraternidade de Descendência Americana', e no centro, duas mãos entrelaçadas.*"

reservados para "*todos os descendentes da colônia americana e seus cônjuges.*"

Neste sentido, a reconstituição da história e a preservação do Cemitério impôs a organização da descendência, explicando a existência da Fraternidade. A tentativa da montagem do "*Museu da Fraternidade*", na década de 60, em um prédio anexo dentro do Cemitério do Campo, quando foi patrocinada uma campanha de doações de acervos particulares da descendência, parece sintetizar esta combinação entre a história, o Cemitério e a Fraternidade.

O trabalho de reconstruir o passado coube a algumas famílias de descendentes, que assumiram o papel de agentes étnicos<sup>27</sup>, como os Jones, particularmente D. Judith Mac Knight Jones, 77 anos, e seu já falecido marido, James (Jaime) Jones. O Sr. Jaime foi Presidente da Fraternidade durante décadas e exerceu a função de zelador do Cemitério, e D. Judith escreveu o livro "*O Soldado Descansa!*" sobre a história dos americanos confederados; ambos foram os relações públicas da descendência junto a imprensa, pesquisadores e autoridades (brasileiras e norte-americanas) nas últimas três décadas.

A história dos Jones os torna credenciados, perante aos demais descendentes, e também aos moradores locais, para este papel porque sua ascendência remete ao Cel. Norris, o pioneiro americano em Santa Bárbara. Descendentes do patriarca, além disto, os casamentos entre os membros da família Jones geralmente se fizeram entre americanos e descendentes. E, ainda, proprietários de uma gleba de terras, localizada hoje quase no

---

<sup>27</sup> Esta categoria foi utilizada por Chiarini(1992) em seu estudo sobre os italianos, referindo-se aos promotores da produção e reprodução da italianidade na cidade de São Paulo, como associações e o Consulado italiano.

centro do município de Americana, o casal Jones tornou-se muito conhecido na localidade - mesmo que este reconhecimento nem sempre envolvesse alguma vinculação étnica por parte da maioria dos moradores.

Os Jones sempre mantiveram contato com os Estados Unidos, seja através de viagens, seja através de cartas de parentes, amigos e associações. Há um acervo documental no Museu da Imigração de Santa Bárbara d'Oeste, doado pela família, composto de livretos, folhetos turísticos, cartões-postais dos Estados Unidos, correspondências particulares e de associações norte-americanas que contêm informações sobre o Sul dos Estados Unidos e sobre como os sulistas veiculam a sua tradição através da Guerra Civil e da Confederação. Estes documentos permitem compreender de que maneira os Jones foram reconstituindo a história: o seu trabalho assemelha-se antes ao de um "*bricoleur*", construído no emaranhado de múltiplas informações sobre o passado.

A publicação em 1966, no Centenário da Imigração, do livro "*O Soldado Descansa! Uma epopéia norte-americana sob os céus do Brasil*", escrito por D. Judith Jones, marcou uma nova etapa da reconstituição da história. Trata-se de um conjunto volumoso de dados históricos, muitos deles compilados da tradição oral da família da autora. O livro passou a ser o referencial da história da descendência, e sua autora, a porta-voz desta história, e é a ele que os descendentes remetem, antes de tudo, quando indagados sobre o passado.

"*Soldado descansa!*" representou um novo estatuto da memória da descendência: não é mais a memória oral, perdida na tênue transmissão da tradição oral entre as gerações, que representa o passado, mas sim a memória escrita. O livro

pretende ser, no revés do esquecimento, um documento escrito, ou antes, nos dizeres de Le Goff (1992), um monumento, no sentido que institui uma lembrança - a lembrança dos americanos confederados - atribuindo menos peso à oralidade. Neste sentido, D. Judith Jones, a autora, é uma "*mulher-memória*"<sup>28</sup>.

A combinação entre a história, o Cemitério e a Fraternidade, permitiu uma certa eficácia dos agentes étnicos na reconstrução do passado. Para tanto, a Fraternidade passou a promover a cada trimestre reuniões no Cemitério que foram constituindo as estratégias rituais desta temporalidade. Disto resulta que a descendência passa a ser melhor organizada<sup>29</sup>, também tornando-se mais visível.<sup>30</sup>

A reconstrução do passado, contudo, diz respeito ao tempo presente e aos vivos. A história, o Cemitério e a Fraternidade remetem aos sentidos identitários do grupo de descendência porque produzem alteridade.

---

<sup>28</sup> Os "*homens-memória*" são os especializados em memória nas sociedades sem escrita: "*são os 'genealogistas', guardiões dos códices reais, historiadores da corte, 'tradicionalistas'*." (Le Goff, 1992:429). Reapropriasse, aqui, a expressão em um outro contexto, não ao da memória oral, mas ao da memória escrita.

<sup>29</sup> Neste sentido, a edição dos "*Boletins da Fraternidade*", a partir do final da década de 70, enviados trimestralmente aos sócios, tem por objetivo, segundo a sua responsável, D. Judith Jones, "*trazer notícias, comunicados*" (Boletim no. 01, 14/10/79) para pessoas que não se encontram, resultando na possibilidade de "*manter viva a lembrança dos que a gente não vê*" (Boletim no. 07, 12/04/81). As notícias contam sobre mudanças de residências, nascimentos, casamentos, viagens, doenças e falecimentos. A organização de um grupo disperso através de uma rede de notícias tem o intuito, como dizem os Boletins, de convergir os esforços para a preservação do Cemitério e por isto os falecimentos são exaustivamente notificados, bem mais que os nascimentos e os casamentos; mas também os esforços convergem para a história, quando as notícias dos Boletins contam das origens, das genealogias e da divulgação da história dos antepassados.

<sup>30</sup> Assim é que os periódicos nacionais e norte-americanos passaram a dar mais ênfase aos descendentes e à sua história, sendo que nas décadas de 60 e 70 a quantidade de artigos publicados sobre a descendência é mais numerosa.

O tempo passado reconstruído corresponde a uma versão *a posteriori* da história dos antepassados enterrados no Cemitério. Uma versão, de tantas outras possíveis versões, que os agentes étnicos reconstruíram é a do passado associado aos valores aristocráticos e confederados da sua ancestralidade. O título escolhido por Judith Jones para o seu livro, "*Soldado descansa!*", extraído de um poema escrito na lápide do túmulo do seu avô, um soldado confederado, já diz o que é a obra<sup>31</sup>: trata-se de uma versão confederada da história. Dawsey (1994) enuncia os vários sentidos identitários que esta versão pode encerrar, oferecendo duas pistas:

*"Uma 'aristocracia sulista' que o 'vento levou' para o Brasil e para o brasileiro ver? Quem sabe também uma 'aristocracia sulista' brasileira para norte-americano ver."(p. 228)*

A segunda pista parece ser mais procedente: os descendentes passaram a ser vistos pelos norte-americanos de lá. A versão confederada da história dos americanos e o seu Cemitério atraiu, particularmente, toda uma gama de pesquisadores, turistas, parentes remotos, religiosos, jornalistas, que, esporadicamente, quiseram conhecer os descendentes de americanos daqui. A visita, em 1972, do então senador da Geórgia, Jimmy Carter, e sua mulher, Rosalyn, ao Cemitério do Campo, quando, na ocasião, colocou-se a pedra fundamental do Museu Confederado do Cemitério, foi o fato que mais

---

<sup>31</sup> A lápide inscreve: "*Soldado descansa! Tua luta acabou. Dorme o sono eterno, onda não há dias de fadigas, ou noites de vigília*"

eficazmente marcou o esforço dos descendentes de se fazerem vistos (pelos norte-americanos) por esta época. Rosalyn Carter descobriu que havia parentes remotos seus enterrados no Cemitério.<sup>32</sup>

Se há uma maior visibilidade a partir da versão confederada da história para os norte-americanos, uma das formas que os descendentes encontraram para tornarem-se perceptíveis aos moradores de Americana e Santa Bárbara d'Oeste, outros brasileiros daqui, foi criar conflitos sobre o lugar dos americanos no passado das localidades, negociando as versões sobre o passado, particularmente com o poder público local.<sup>33</sup> Ao criarem conflitos sobre fatos históricos que, de fato, nem existiriam para a maioria da população que desconhece o passado das localidades, os descendentes, estrategicamente, tornam-se visíveis - sem isto não o seriam - e identificam-se como grupo.

Uma outra forma encontrada por eles foi a de criar um certo isolamento do grupo em relação aos moradores locais, não compartilhando a sua história com a localidade. A organização dos descendentes fez-se à revelia dos moradores das localidades,

---

<sup>32</sup> "Governador da Geórgia visita Cemitério do Campo", Jornal d'Oeste, Santa Bárbara, 24/04/72; "Jimmy Carter visitou a nossa cidade", Jornal d'Oeste, 07/11/76.

<sup>33</sup> Os agentes étnicos criam polêmicas sobre o mérito dos americanos na fundação da cidade ( in. *Na estação, o berço da cidade*. Domingo Jornal. Americana. 13/04/75); sobre a permanência no brasão de Americana do arado americano, considerado símbolo dos agricultores americanos no passado (in. *Novo brasão provoca polêmica em Americana: encomendado pelo prefeito, emblema não faz referência à colônia de norte-americanos e causa indignação e protestos*. Correio popular. Campinas. 25/06/94); e, como também, já criaram polêmicas sobre o mérito das comemorações do Centenário da Imigração Americana em 1966 quando um vereador de Americana questionou a importância de liberar verbas para a construção da Praça dos Americanos ( in. *Dossiê sobre o Centenário da Imigração norte-americana*. O Liberal. Americana. 20/02 a 15/01/67).

e, nas reuniões, a maioria dos que participam são os descendentes e os seus familiares. Criou-se, então, um suposto isolamento com o intuito de marcar suas diferenças.

As estratégias de recuperação do passado, que mostravam-se eficazes para identificar o grupo de descendência, foram se esgotando com o tempo. Os descendentes, que se articulavam eram, ainda, um grupo numericamente reduzido, disperso, e, diante de sua maior visibilidade, estavam sendo incapazes de melhor organizarem-se. Em fins da década de 70, os quadros que compunham a Diretoria da Fraternidade eram os mesmos há décadas, o dinheiro arrecadado pelos sócios já não era suficiente para a conservação do Cemitério, não havia prédio próprio para a instalação do Museu, cujo acervo estava se perdendo na residência dos Jones, e as novas gerações não participavam assiduamente das reuniões da Fraternidade.

Diante disso, a Prefeitura de Santa Bárbara chegou a tentar transferir o patrimônio do Cemitério do Campo para o município com o propósito de conservar melhor o cemitério, destituindo-o como patrimônio de propriedade da Fraternidade<sup>34</sup>.

A descendência foi posta em uma situação de conflito: entre tornar pública a sua existência, compartilhando sua história com a população local, ou manter-se em posição de isolamento; entre as lembranças ou o esquecimento definitivo dos americanos confederados.

Como resposta a isto, alguns descendentes organizaram uma festa - a primeira das festas que se tornariam periódicas e

---

<sup>34</sup> "Santa Bárbara: disputa pelo cemitério americana", Correio Popular, Campinas, 04/10/1980.

depois anuais nas décadas de 80 e 90 - com o propósito inicial de arrecadar fundos para preservar o Cemitério.

Se as reuniões no Cemitério foram durante muito tempo os eventos significativos que, enquanto estratégias rituais, permitiram a recuperação do passado através da história, do Cemitério e da Fraternidade, todavia, os conflitos postos foram convergindo para outras estratégias: as festas, que vêm tornando pública a lembrança dos americanos. As reuniões e as festas vêm constituindo estratégias rituais distintas.

### As reuniões no Cemitério

As reuniões dos descendentes no Cemitério evocam os piqueniques realizados pelos seus antepassados americanos em um tempo pretérito. Realizados pela Fraternidade, no tempo presente, quatro vezes ao ano, estes eventos, que juntam um pouco mais de uma centena de participantes, transcorrem em manhãs de domingo: iniciam-se com um culto protestante; seguem com uma pauta administrativa, quando os participantes ouvem e discutem questões referentes a sua organização; e, finalmente, já no início da tarde, todos os participantes almoçam.

Primeiro, há o tempo de orar. O culto protestante é bem simples. No centro do galpão do Cemitério - e não na capela, onde eram, não faz muito tempo, realizados - , não mais que duas ou três dezenas de descendentes, em sua maioria mais velhos, sentados, participam atentamente do culto, acompanhados de surrados hinários e bíblias. Eles ouvem um pastor presbiteriano convidado a ministrar a prédica e entoam os seus hinos.

Nos arredores, a uma certa distância, uma outra dezena de pessoas, geralmente mais jovens, somente assistem, um pouco desatentos ou mesmo indiferentes, agindo como se desconhecessem os procedimentos de um culto protestante. De fato, as gerações mais novas, geralmente foram rompendo com a tradição protestante.

No momento do culto, então, configura-se, em um mesmo espaço, no galpão, dois lugares distintos: o centro, lugar dos velhos e dos protestantes; e o seu redor, lugar dos mais jovens e dos não-protestantes.

Os sermões do pastor falam exatamente o que os participantes do centro querem ouvir. Os textos bíblicos escolhidos refletem acerca da fraternidade, da velhice, da união, da morte. Não raro, o pastor remete à ligação espiritual dos participantes com o protestantismo, lembrando que foi a imigração americana que servira de base para as missões protestantes no passado. E, por fim, alguém do centro é convidado a fazer uma oração, quando se agradece a Deus pelas pessoas presentes, pela comida e também pelos antepassados falecidos.

Os sermões, os hinos e as orações conclamam à elevação espiritual para o dia, no sentido de levar o grupo a uma convivência fraterna. Os cultos pretendem que o tempo presente, ou seja, o tempo do evento, transfigure-se em um tempo do sagrado, evocando, para tanto, um tempo pretérito, identificado com os mais velhos, que também remete aos antepassados enterrados no Cemitério.

Há um outro momento das reuniões: o tempo de organizar. A pauta administrativa é apresentada pela Diretoria da Fraternidade

no galpão, onde estão dispostas cadeiras e uma grande mesa, lugar dos diretores - o presidente, a secretária e o tesoureiro - e, atrás da mesa estão geralmente distentidas a bandeira confederada, a bandeira norte-americana e, no meio delas, a bandeira brasileira.

Os informes são passados rapidamente para uma audiência pouco atenta que ouve, contudo, na maioria das vezes, apenas consente. Repetem-se procedimentos administrativos que parecem remontar há décadas: a leitura da Ata da reunião anterior e sua imediata aprovação - ata sempre escrita em um único livro por uma secretária que está na função há anos; a prestação de contas pelo tesoureiro; e a apresentação dos visitantes, tais como, descendentes que pela primeira vez participam, outros que participam esporadicamente, e turistas, religiosos, pesquisadores, apresentados com mais ênfase se forem americanos (sejam nortistas, ianques, ou sulistas, confederados).

Esses reiterados procedimentos administrativos realizados pela Diretoria levam sempre à convergência de interesses e, portanto, ao equilíbrio. Diante do novo, no entanto, estão surgindo conflitos que demandam outros procedimentos.

As novidades são a preparação das festas anuais; o resgate de costumes desaprendidos, como a culinária, o artesanato e a língua<sup>35</sup>; a articulação com o poder político local; a participação

---

<sup>35</sup> D. Noêmia Cullen Pyles, atual presidente da Fraternidade, juntamente com o apoio da prefeitura de Santa Bárbara, iniciou o projeto "*Resgatando a cultura dos nossos antepassados*", em 1993, com oficinas de patchwork (toalhas, toucas e colchas feitas com retalhos) e culinária, realizadas inicialmente no Cemitério, e depois, no Museu da Imigração. D. Noêmia salientou à época que isto se fazia necessário diante do fato de que, ela alega "*estamos perdendo tudo, já perdemos a língua, estamos perdendo a nossa cultura*". O público das oficinas era quase estritamente composto de

do grupo de danças da Fraternidade em outros eventos locais, tais como, a Festa das Nações e desfile de Sete de Setembro<sup>36</sup>, em Americana; a necessidade da cobrança e do aumento do valor das anuidades aos associados (nem todos os sócios pagam a anuidade); a possibilidade de contatos de ajuda e de cooperação com os norte-americanos e suas instituições daqui, como o Consulado, e de lá, como a Sons of Confederate Veterans<sup>37</sup>; a relação com a mídia local e internacional; e, finalmente, a inserção na indústria do turismo, reconhecendo o Cemitério e a festa como lugar e evento para turistas.

Na emergência do novo, estão surgindo outros agentes étnicos, que não mais são os depositários da memória do grupo, como sempre o fora D. Judith Jones, mas são, antes de tudo, promotores de eventos, como as últimas presidentes da Fraternidade, Eliana Minchin Vaughan e D. Noêmia Cullen Pyles.

Eliana, 37 anos, professora de inglês de escola pública, presidente da Fraternidade na década de 80 e início desta, lidera um grupo de dança de jovens e crianças, que agrupa descendentes das famílias Vaughan e Tanner, moradores da cidade vizinha de Sumaré, e, a maior parte deles, seus amigos, namorados e membros de suas igrejas evangélicas, todos não-

---

mulheres, mas na falta de maior público, incluindo descendentes, a Secretaria da Cultura da Prefeitura retirou o seu apoio e o projeto não teve continuidade.

<sup>36</sup> A participação do grupo de dança da Fraternidade em trajes típicos (confederados) no desfile de 1992 encontrou pouca identificação entre os que assistiam ao desfile que ignoravam o grupo de descendência e os seus símbolos, como a Bandeira Confederada.

<sup>37</sup> Esta associação, sediada no Mississippi, pretende congrega todos os descendentes masculinos daqueles que lutaram pelos Estados Confederados. A associação enviou uma delegação em uma reunião e já conta com alguns sócios descendentes no Brasil. Uma versão feminina desta associação, Daughters of Confederate Veterans, está sendo conectada.

descendentes<sup>38</sup>. Esse grupo vem se especializando nas apresentações das solenidades das festas, e também em outros eventos locais, e, atualmente, vem realizando um filme sobre a história da imigração.

D. Noêmia, 55 anos, presidente da Fraternidade no biênio 93/94, uma costureira autônoma, moradora de Santa Bárbara, é, atualmente, a mais atuante relações públicas dos descendentes junto aos moradores de sua cidade, articulando-se com a mídia, com o poder municipal e também com instituições, como o Consulado Americano. Essa senhora, muito empenhada, todavia, ressentida tantas vezes de não saber a sua história, de não falar inglês e de ter pouco contato com os Estados Unidos. Contudo, tanto Eliana quanto D. Noêmia, vêm liderando um novo trabalho de reconstrução do passado através da promoção de eventos.

Os conflitos entre o velho e o novo, que opõem os velhos e os jovens, e, em meio deles, os novos agentes étnicos manifestam interesses divergentes<sup>39</sup>, o que está levando à necessidade de se encontrar outras práticas rituais e referenciais simbólicos que dêem conta do novo. Gluckman (1987) considera que as situações de conflitos são necessárias para o equilíbrio. Assim, mesmo supondo os conflitos, e por causa deles, a descendência vêm fraternizando-se nas reuniões, e mais ainda,

---

<sup>38</sup> Os Vaughan preservam, ainda hoje, uma propriedade adquirida por Joseph Vaughan em Rebouças, atual Sumaré, em 1916. Na fazenda, moram as famílias descendentes dos Vaughan, trabalhando como pecuaristas e agricultores, que, em sua maior parte, professam a religião batista. Ao contrário, os Turner, também de Sumaré, foram casando-se com não-descendentes e italianos e tornando-se católicos. Hoje, os Vaughans e os Turners, mesmo assim, unem-se em um mesmo grupo de danças.

<sup>39</sup> Estes interesses nem sempre são manifestados publicamente mas há uma rede de focos subjacente ao grupo em que ficam claros os conflitos.

confraternizando-se nas festas que vêm reciclando, particularmente entre os jovens, outros ritos e símbolos.

Mas há um assunto que mobiliza os participantes, diretamente os mais velhos: a morte. Os aspectos legais relacionados às normas do Regimento Interno quanto ao sepultamento no Cemitério, tais como, as medidas dos túmulos, o tamanho e preservação das lápides, quais pessoas têm direito de ser enterradas, são sempre discutidos nas reuniões. Às vezes é sugerido às pessoas presentes para já irem preparando o seu lugar no Cemitério.

Por outro lado, as festas, ainda que importantes enquanto novas práticas rituais, não vêm mobilizando tanto os participantes para sua organização. Há grande dificuldade da Diretoria em recrutar pessoas para elas. O trabalho de organização e de divulgação acaba por restringir-se, sempre, a uns poucos descendentes e moradores da localidade. As novas gerações são as mais empenhadas neste trabalho. As festas são justificadas pelos descendentes como uma forma de arrecadar dinheiro para a preservação do Cemitério e, portanto, estão voltadas também para a morte.

Nas reuniões e nas festas, os discursos dos mais velhos e dos mais jovens convergem para a morte e para os mortos. Mas a morte aqui não significa a perda, podendo-se, antes, interpretá-la como representação da continuidade da lembrança dos americanos. A morte, significa, principalmente para os mais velhos - quando os vivos, por tantos outros motivos, nem sempre lembram-se deles - uma garantia de que não mais serão esquecidos. A morte é, então, um júbilo. Faz-se assim necessário, aos velhos, organizar-se para a morte, e aos mais jovens cabe celebrá-la.

Eliana Minchin Vaughan dá a sua mensagem aos vivos sobre os mortos, aproximando um sentido religioso que remete ao protestantismo:

*"...Como é bom poder caminhar pelo nosso cemitério, ler os nomes, as mensagens deixadas, uma grande sensação de paz nos envolve, ali sentimos bem próximo a presença dos entes queridos, nossos antepassados viveram há tantos anos atrás, mas as palavras ali gravadas são as mesmas que permeiam nossa vida e se transportam para o presente, como se estivessem sido escritas hoje, como é bom servir a um Senhor que é imutável! A saudade é presente, mas a Fraternidade vai avante com o legado de história deixado por eles, e como baluarte de honra levado por nós..."<sup>40</sup>*

Lévi Strauss (1976:299) elucida que *"...a representação que uma sociedade faz da relação entre os vivos e os mortos reduz-se a um esforço de ocultar, embelezar ou justificar, no plano do pensamento religioso, as relações reais que prevalecem entre os vivos"*. A morte, para os descendentes de americanos, viria esconder a dialética da lembrança e do esquecimento: dos vivos que esquecem e dos mortos que são lembrados.

Finalmente, há um outro tempo do evento: é o tempo de fraternizar-se. As pessoas dispõem em uma grande mesa centro do galpão os alimentos que trazem, dentre eles pratos americanos, como o bisquit - um pãozinho de coalhada - , o

---

<sup>40</sup> Boletim da Fraternidade, no. 30, 12/04/87.

feijão com bacon, a torta de limão, o frango frito, misturado à macarronada e às massas. Trocam-se comidas, trocam-se conversas. Trocam-se lembranças. Tal como definida por Mauss (1974), há uma relação de troca que implica o dom e o contradom, enfim, a reciprocidade.

Neste momento, configura-se uma comunidade afetiva que permite lembrar um tempo pretérito, ainda que fugidio. É um encontro de parentes e amigos, uma fraternidade, quando se come, se conversa e se lembra.

Findas as reuniões, esta comunidade afetiva, que aqui cumprira seu papel, dissolve-se. Cada qual, velhos e jovens, homens e mulheres, vão embora, retomando as suas trajetórias e compondo suas histórias de vidas cada vez mais diferentes entre si. Mas todos sabem que, se quiserem, poderão voltar na reunião do próximo trimestre para depositar flores nas lápides de seus antepassados mortos.

Em suma, as reuniões no Cemitério são eventos onde os descendentes marcam um tempo mítico: tempo do sagrado, da ordem, da lembrança, da comunidade, em um espaço da tradição, o Cemitério do Campo. Um tempo mítico que pretende se diferenciar de um tempo histórico: tempo do profano, da desordem, do esquecimento e da sociedade. As reuniões convergem para a morte - e os mortos - para buscar os sentidos identitários dos americanos através da reconstrução do passado.

### As festas no Cemitério

As festas são eventos em que significativamente os descendentes, e também os moradores de Santa Bárbara e Americana, vêm tornando pública uma identidade americana através da celebração do passado de sua ancestralidade.

A primeira festa data de 1980, em que, segundo Eliana Vaughan, então uma das promotoras, compareceram poucas pessoas, quase que somente os descendentes da localidade. Esta festa surgiu como solução para o impasse da posse do Cemitério entre a Fraternidade e a Prefeitura de Santa Bárbara, como forma de arrecadar fundos para a entidade.

Os descendentes contam que, a princípio, houve algumas polêmicas entre os organizadores da festa: como conciliar o fato de se realizar uma festa, um ritual profano, em um Cemitério, espaço do sagrado? A solução negociada foi a ruptura com certos valores protestantes, como a venda de bebidas alcoólicas, distanciando-os da festa, como conta um descendente que emitiu sua opinião na ocasião dos preparativos da primeira festa: "*Festa é festa, religião é religião!*".

O evento foi crescendo em dimensão nos últimos anos, constituindo uma outra estratégia ritual, diferente das reuniões. Cada vez maior foi sendo o seu público; cada vez mais foi se aprimorando a sua divulgação e organização; cada vez mais a mídia local e também internacional foi cobrindo o evento; cada vez mais a festa foi chamando a atenção do poder público local; e cada vez mais foi se tornando um negócio.

As festas no Cemitério vêm sendo realizadas anualmente, transcorrendo em um único dia, geralmente em um sábado.<sup>41</sup> A Festa Confederada Brasil-Estados Unidos, realizada em dezembro de 1992 e a 2a. Festa Confederada Brasil-Estados Unidos de setembro de 93 contaram com um público de 2.000 pessoas. Já, na 3a. Festa, realizada em abril de 1994, quando a Comissão de Festa resolveu cobrar ingressos, ainda que a preço simbólico, o público pagante foi de 1.300 pessoas no sábado e 1.719 no domingo, totalizando 3.019 pessoas, mas chegou-se a avaliar que o evento contou com 4.000 participantes<sup>42</sup>.

A divulgação do evento inicialmente era realizada através de convites impressos pela Fraternidade e distribuídos em reunião próxima à festa. Não somente dessa forma, a festa vem sendo também divulgada por cartazes, afixados em estabelecimentos comerciais e escolas de Santa Bárbara e Americana, e, ainda, por chamadas nas estações de rádio e jornais locais<sup>43</sup>. Em 1994, a venda de ingressos foi feita, inclusive, por estabelecimentos comerciais de Santa Bárbara, alguns deles de propriedade de descendentes.

A organização dos descendentes para a Festa é bastante precária, cabendo geralmente as principais iniciativas a uns dois

---

<sup>41</sup> A escolha pelo sábado e não o domingo, que poderia atrair maior público, é explicada por Eliana Minchin Vaughan por motivos religiosos, uma vez que o domingo é guardado pelos protestantes, portanto, não é um dia para celebrações. Este motivo, de fato, não tem ressonância junto à descendência, tanto que a festa de abril de 1994 foi realizada em dois dias, no sábado e no domingo. Seja como for, os grupos de dança e as solenidades em geral, pelos quais Eliana é responsável, não foram apresentados no domingo.

<sup>42</sup> "Organizador avalia festa confederada: um sucesso", Liberal, Americana, 19/04/94.

<sup>43</sup> Os cartazes remetem diretamente à Guerra de Secessão: um deles retratava o casal de coadjuvantes de "...E o Vento Levou" e outro uma águia americana (ianque) que esmagava uma bandeira confederada.

ou três promotores do evento<sup>44</sup>. Não mais que duas dezenas de pessoas reúnem-se e dividem-se em grupos de dois ou três para organizar as barracas de venda (de pastel, chopp e churrasco, hot dog, frango frito e doces); o bazar, onde se vendem souvenirs com motivos confederados, como camisetas, bonés, bolsas, doces e artesanato, como o patchwork; e, ainda, organizam o caixa, cujo trabalho foi facilitado na festa de 94 com a utilização do "*dólar confederado*" como unidade de valor. Duas ou três pessoas encarregam-se de solicitar demandas para as prefeituras de Santa Bárbara e Americana, como a limpeza do Cemitério, a sinalização da estrada de acesso ao local, as barracas, o palco e o som e a segurança.<sup>45</sup> E, finalmente, Eliana Minchin Vaughan organiza o grupo de dança, que nas últimas festas foram os únicos a se apresentarem, o que implicou no afastamento de um outro grupo que também se apresentava, ligado às academias de dança de Santa Bárbara.

A festa vem recebendo cobertura maior dos jornais e das emissoras de televisão e de rádios locais. O evento também foi alvo de reportagens da mídia norte-americana como as redes de televisão CNN e CBS, e os periódicos Newsweek e Parade Magazine, que enviaram seus correspondentes internacionais ou

---

<sup>44</sup> A criação de uma Comissão para a organização da festa em 1994, constituída de descendentes mais jovens, contribuiu para uma melhor organização.

<sup>45</sup> Estes serviços são conseguidos geralmente a muito custo, o que evidencia conflitos entre a Fraternidade e o poder público local, reflexo de um certo isolamento que ainda pretende uma parte da descendência. Na festa de 1994, a Prefeitura de Santa Bárbara condicionou sua ajuda desde que uma barraca de venda fosse administrada por uma entidade assistencial da cidade. Seja como for, dada a posição do Cemitério, quase nas fronteiras dos municípios de Santa Bárbara e Americana, e considerando ainda que o local associa-se à história das duas cidades, estrategicamente, os organizadores aproveitando-se das rixas políticas das Prefeituras, acionam as oposições entre as duas cidades: quando uma nada fornece, recorre-se à outra.

equipes especiais. A mídia local, por sua vez, enfatiza a participação da mídia norte-americana.

No evento, comparecem os prefeitos locais, vereadores e outras autoridades. D. Noêmia tem se articulado com o Consulado Americano de São Paulo, e, em uma das festas participou uma representação consular, quando então foram doadas novas bandeiras americanas e dos Estados Confederados à Fraternidade, uma delas pelo então governador do Arkansas, Bill Clinton. Para a política local, tudo isto serve para projetar as cidades, criando fatos políticos.<sup>46</sup>

A festa está se inserindo, ainda que em pequenas dimensões, na indústria do turismo, tornando-se também um negócio.<sup>47</sup> Em 94, contou com o patrocínio de empresas da região. Uma empresa de aviação e uma agência de turismo de Americana coordenaram o sorteio de uma passagem aérea para Miami. Havia faixas de uma escola de inglês de Americana em vários pontos do Cemitério com os dizeres: "*We make history*", "*Sweet memories*", "*We make a better world*", "*Living together: 1865-1994*". Uma empresa de computação gráfica controlava o cadastro dos participantes. O cartaz de divulgação já

---

<sup>46</sup> Existe, inclusive, um projeto da Prefeitura e da diretora da Fraternidade, D. Noêmia, para associação de cidade-irmãs entre Santa Bárbara e uma outra cidade do Sul dos Estados Unidos para intercâmbio. Em uma visita ao Consulado sobre o assunto, o prefeito de Santa Bárbara aproveitou para manifestar o seu interesse em trazer novas indústrias para o município, dentre elas de capital americano ("*Consulado americano apóia plano de 'Cidade Irmã'*". Diário de Santa Bárbara, 06/04/93).

<sup>47</sup> O evento entrou para o calendário turístico do estado de São Paulo através de Decreto-lei da Assembléia Legislativa de janeiro de 1994. Notadamente, este fato não é isolado, pois nesta mesma época a Festa das Nações e a Festa Junina Comunitária, ambas de Santa Bárbara, entraram para o calendário turístico ("*Festa Confederada entra no calendário turístico, O Liberal, Americana, 04/03/94*"). Isto evidencia que as festas municipais vêm se firmando, antes de tudo, na indústria do lazer local.

agradecia as empresas patrocinadoras. Neste sentido, alguém da organização da festa já propôs a terceirização dos serviços para o próximo evento, e a Diretoria da Fraternidade já está pensando em adequar a data do evento ao calendário de agências de turismo norte-americanas com o propósito de receber grupos de turistas. A festa pode vir a se tornar, também, uma mercadoria.<sup>48</sup>

O Cemitério, no dia do evento, é transformado em um cenário. O portão de entrada, o pátio, o galpão, as barracas de vendas e o palco - os dois últimos montados especialmente para o dia - são decorados com faixas e enfeites das cores da Confederação (azul, vermelha e branca) alternadas com faixas verde-amarelas<sup>49</sup>. No palco, há duas festas, está disposto o retrato pintado do Gal. Robert E. Lee, comandante do exército confederado, elevado a condição de herói neste dia.<sup>50</sup> Nesse cenário, os atores representam um espetáculo, cujo roteiro, qual seja a festa, é composto para lembrar a ancestralidade americana confederada.

O público da festa é constituído de descendentes das localidades, mas também estão vindo outros descendentes de localidades distantes que pouco conheciam a Fraternidade e não participavam das reuniões; seja como for, o perfil da grande maioria não difere dos que participam das reuniões. A maior parte do público, contudo, constitui-se de não-descendentes,

---

<sup>48</sup> Pode-se estabelecer um paralelo com outras festa étnicas. A Oktoberfest, de Blumenau, que tornou-se famosa na década passada, por exemplo, insere-se nesta idéia da festa-mercadoria (Czesnast et alli: 1994).

<sup>49</sup> As lápides que ficam ao fundo do terreno não têm nenhuma decoração, no entanto, não há, durante a festa, uma delimitação de espaços entre o pátio e as lápides e o trânsito do público é livre.

<sup>50</sup> O nome Lee era usualmente dado à homens e mulheres descendentes, como a mais famosa descendente dos americanos confederados, a cantora Rita Lee Jones.

particularmente jovens, de Santa Bárbara, Americana e cidades vizinhas, que estão conhecendo o Cemitério e a festa<sup>51</sup>.

Os parentes, descendentes de americanos, encontram-se no evento. Dezenas de famílias, particularmente as que moram fora da localidade, sentam-se em mesas dispostas ao redor do palco e fazem a sua comemoração. As famílias, cada qual reunida, fotografam-se para o seu álbum, filmam a festa e a si mesmas, e comem e bebem do que é vendido no local.

A família constitui uma comunidade afetiva. É o encontro delas que aciona as lembranças. Mas cada uma tem histórias distintas, lembranças domésticas, e essas histórias não são compartilhadas coletivamente, qual seja, por um grupo de descendência americana constituída, exceto por algumas convergências de lembranças entre algumas famílias.

Os que não são descendentes, moradores das localidades, também vão à festa. Para eles, é mais um lugar de lazer de fim-de-semana. Quando se pergunta às famílias não-descendentes sobre o porquê da sua participação, os seus membros dizem que não são de origem americana, mas remetem imediatamente a sua ascendência, seja italiana, sírio-libanesa ou portuguesa, e mesmo desconhecida. A referência à etnia sugere que estas famílias estariam também ali, na festa, para buscar um resgate possível de seu passado, procurando referenciais ainda que sejam em uma festa americana.

Particularmente, dentre os moradores locais, há um grande número de jovens que também comparecem à festa. Eles esperam divertir-se com o show de cantores country, que todo o ano se apresentam, e com os comes-e-bebes da festa. Alguns vêm

---

<sup>51</sup> V. perfil dos participantes no Anexo III.

vestidos à moda country americana - ou seria o seu equivalente nacional, a moda sertaneja e das festas dos peões de boiadeiro?<sup>52</sup> -, outros vêm com camisetas e lenços com desenhos e cores da bandeira americana. Com isto, eles querem mostrar uma identificação, qualquer que seja, com a festa americana.

A festa é um teatro que permite a convergência de lembranças, com a qual pretende-se configurar uma possível memória coletiva dos americanos confederados da localidade para o público. O evento constitui uma construção ritualizada do passado que remete simbolicamente a um tempo mítico. Para tanto, o passado confederado e os ideais sulistas são estrategicamente resgatados pelos descendentes acionando-se o que acreditam ser a experiência do Sul, da Confederação e da Guerra de Secessão dos antepassados.

Compostos o cenário e os atores, o espetáculo é encenado. As cenas são introduzidas por discursos que se voltam para um tempo pretérito.<sup>53</sup> Geralmente iniciados pela música tema de "*...E o Vento Levou*", os discursos têm como tema a Confederação, "*a causa pela qual lutaram nossos bisavós*".

Assim, centrando numa época anterior à guerra, fala-se do Sul, um lugar idealizado, "*das plantações, da chuva no tempo certo, da política e dos prazeres que a prosperidade facilita*",

---

<sup>52</sup> A Festa do Peão do Boiadeiro, organizada pelo Clube dos Cavaleiros de Americana, realizada anualmente também a partir da década de 80, é o evento que, nos últimos tempos, vêm reunindo a maior concentração de pessoas de Americana e região, sendo já considerada a segunda maior festa do país no gênero.

<sup>53</sup> Os discursos são escritos por Eliana Minchin Vaughan que conduz as solenidades. Resgato um discurso seu, que não difere de tantos outros proferidos nas festas, quando da apresentação de desfiles durante um Jantar Country, realizado em um clube de Santa Bárbara em agosto de 1990, quando, também, deu-se minha primeira inserção no campo.

lugar onde os senhores, senhoras e jovens primavam pela educação e elegância. Ressalta-se a sua natureza bucólica, o romantismo - que diz-se, apesar de originário da Europa, desenvolveu-se no Sul -, o cavalheirismo, a feminilidade e a delicadeza das mulheres. "*O Sul chegou a ser um mito, um estado de espírito.*"

Este mundo, parafraseando Margareth Mitchell, "*foi levado pelo vento*" com a Guerra de Secessão. A imigração é atribuída, então, ao "*coração amargurado e a vida em completo desalento*" do sulista. O Brasil, aqui também idealizado, principalmente a sua natureza, representou a esperança para o imigrante, porém a vida dos imigrantes aqui foi uma experiência de luta, a que os sulistas já estavam acostumados.

Santa Bárbara é descrita como "*uma pequena vila de futuro próspero e de povo acolhedor*" que recebeu o imigrante e juntos estabeleceram uma amizade recíproca. Somente restou ao imigrante a saudade da terra que "*quando apertava com mais força era só olhar para as terras vermelhas de Santa Bárbara e sonhar com as terras vermelhas do Alabama, da Geórgia, do Sul tão querido...*"

Os discursos voltam-se para idades míticas que "*foram épocas excepcionalmente felizes, sem trabalho, sem proibições e impedimentos de tipo algum; foram teatro de excepcionais cataclismos, de importância fundamental para o próprio destino da cultura*" (Le Goff, 1992:23). O passado exaltado, nostalgicamente lembrado, torna-se mito.

As imagens do passado dão o tom do espetáculo. Os atores dramatizam cenas em performances estilizadas que antes remetem aos filmes de produção hollywoodianas: quem não se

lembra de "... *E o Vento Levou*" e a saga de sua protagonista, Scarlett O'Hara? Então, mulheres vestem-se como damas sulistas e homens como soldados confederados<sup>54</sup>. Grupos de jovens e crianças dançam a "*square dance*"; canta-se o Dixieland, a clássica música do exército confederado; hasteia-se a bandeira confederada; e, o clímax do espetáculo, um casal de meia-idade reconstrói a chegada dos pioneiros americanos, avistados em um carroção vindo da estrada que dá acesso ao Cemitério até o palco, em uma cena que simboliza o início, o mito fundante ciclicamente repetido, qual seja, a odisséia dos imigrantes americanos confederados<sup>55</sup>.

Subjacente a tudo isto, os discursos e as cenas, escritos e elaborados por mulheres, remetem a um outro mito: o mito da mulher sulista. O ideal da mulher romântica do passado, contrastado com a dura realidade da imigração, é evocado, como o discurso em homenagem à mulher imigrante, escrito por Eliana Vaughn, para a Festa de 1995:

*"Nossa homenagem é a você, mulher imigrante, que ao partir de sua terra, deixou uma casa grande com colunas brancas, com jardins e rosas coloridas, suas saias rodadas e suas luvas de renda fina. Uma vida doce e aprazível em que a mulher era a*

---

<sup>54</sup> O traje sulista das moças constitui um vestido longo e armado, com decote e mangas sobressalentes, geralmente enfeitados com babados - porém dispensam o espartilho - e chapéus de abas largas presos com fitas e enfeitados com flores. O uniforme dos soldados confederados é cinza com blusão, faixa vermelha ou amarela na cintura e botas de cano alto. Um estilista de Santa Bárbara disse-me certa vez que assistiu ao filme "*...E o Vento Levou*" mais de 20 vezes para copiar o modelo do vestido verde de Scarlett - aquele feito da surrada cortina da janela da mansão de Tara - para uma descendente...

<sup>55</sup> V. Eliade (1978).

*rainha servida e reverenciada, mas tudo isso foi levado pelo vento... Como é triste o último olhar, ao deixar a Pátria, deixou também filhos, pais, irmãos no seio daquela terra, e nunca mais voltou para lá. As mãos delicadas e brancas tonam-se grosseiras ao trabalho rude de agora, a alvura desaparece ante a exuberância do sol tropical desta Pátria. Pátria! O que é Pátria, mulher imigrante? É onde se nasce, onde se vive, onde se morre... ou onde se ama?"*

Tais cenas do passado mitificado pretendem sintetizar e aglutinar uma memória coletiva, historicamente dispersa. Elas se voltam para um passado mais que remoto, para o tempo da Confederação, da Guerra, dos pioneiros de Santa Bárbara, remetendo, contudo, para um tempo comum: a origem primeira da descendência e da localidade.

Esse tempo passado, por vezes, transfigura-se em um tempo sagrado. Assim, são feitas leituras de trechos da Bíblia e cantam-se hinos evangélicos. Há uma cena, que vem sendo repetida, em que se reconstrói os cultos evangélicos domésticos do passado. Mas os valores religiosos tendem a ser flexíveis o bastante para considerar todas as ações possíveis: todo o tempo histórico é válido, embora seja o sagrado que aglutine todas as temporalidades. A leitura de trecho do Livro do Eclesiástes remete a este tempo sagrado, tempo de todas as coisas:

*"Há tempo de nascer e tempo de morrer. Há tempo de plantar e tempo de colher. Há tempo de matar e tempo de sarar. Há tempo de destruir e tempo de edificar. Há tempo de chorar e tempo de rir. Há tempo de afligir e tempo de dançar. Há tempo*

*de espalhar pedras e tempo de juntá-las. Há tempo de dar abraços e tempo de se afastar deles. Há tempo de adquirir e tempo de perder. Há tempo de guardar e tempo de lançar fora. Há tempo de rasgar e tempo de coser. Há tempo de calar e tempo de falar. Há tempo de amor e tempo de ódio. Tempo de guerra e tempo de paz."*

As cenas são, antes de tudo, ficções. Os jovens atores que encenam, em sua maioria, não são descendentes e nem sabem ao certo o conteúdo do que está sendo encenado; a "*square dance*" é mais uma criação, que propriamente a quadrilha que se dançava no Sul<sup>56</sup>; e os trajes são modelos copiados de filmes e revistas. Enfim, os atores nem sabem se o que se vê foi o que realmente aconteceu, todavia - e é isto o que importa - eles sabem que estão mostrando o passado dos americanos e da localidade.

O espetáculo é organizado de modo que seja compreendido pelo público, em particular, pelos descendentes que devem reconhecer seu passado lá; pelos moradores locais, que devem perceber neste passado a origem de Santa Bárbara e Americana; e, finalmente, pela mídia e público norte-americanos que devem reconhecer a história do seu país. E também deve ser entendido pelo público em geral, porque todos, possivelmente, devem ter visto aquilo em algum lugar: na gravura de um livro de história ou mesmo no último filme americano assistido na televisão ou no cinema. Parafraseando Geertz(1989:316) em sua interpretação sobre a briga de galos em Bali, o espetáculo seria

---

<sup>56</sup> Certa vez uma jovem participante do grupo de dança disse-me o quanto foi difícil aquele ano inventar novos passos de dança.

uma estória sobre os próprios descendentes que eles contam para si mesmos.

Este espetáculo é para ser visto, e cada vez mais para norte-americano ver<sup>57</sup>. A ênfase das festas parece cada vez mais voltar-se para o público e mídia norte-americanos. As equipes de televisão e jornal dos Estados Unidos mobilizam os promotores e o público da festa em geral. O evento tem por objetivo fazer com que os norte-americanos de lá acreditem que exista aqui, dentre os brasileiros, americanos confederados. Os descendentes, também os moradores locais, são capazes, então, de tornarem-se diferentes aos olhos dos americanos. Como na reportagem final da CNN, mostrada na televisão brasileira que revelou certo aspecto pitoresco dizendo que "*na terra do samba e da bossa-nova, também se dança o Dixie.*"<sup>58</sup>

Ficção, e cada vez mais ficção para americano ver, o espetáculo é realizado para tornar-se imagem. A festa não é somente para ser vista, mas para ser registrada em imagens. O estatuto da memória, que deixara de ser a memória oral, está deixando de ser também a memória escrita, para tornar-se a

---

<sup>57</sup> E eles, dizem alguns descendentes, vêem mesmo. Uma senhora descendente disse-me que seu primo flagrou imagens de uma festa de Santa Bárbara na televisão quando viajava nos Estados Unidos; e uma jovem descendente, vestida como dama sulista, disse-me que sua fotografia foi publicada até por um jornal de Chicago! A foto, aliás, foi a mesma publicada por um jornal de Santa Bárbara.

<sup>58</sup> Conversei com a equipe da CBS e soube que vieram aqui porque leram em um livro sobre a "*colônia perdida*". Disseram-me que nos Estados Unidos não se têm conhecimento da história desta colônia, e o que os instiga é entender porque os colonos emigraram justamente de um país que tradicionalmente recebe imigrantes. Para eles, a cultura confederada é mais manifesta aqui do que nos Estados Unidos, porque afirmar valores confederados lá, identificados com o racismo, atualmente não é politicamente correto. No entanto, existe lá, como aqui, um movimento de resgate do passado do Sul, considerado uma espécie de *Época Dourada*. Poderia se dizer que o que uniria os americanos de lá aos descendentes daqui é a possibilidade do resgate do passado.

memória visual, quando a própria imagem, um simulacro, torna-se a representação legítima do próprio passado<sup>59</sup>.

A história é ficção que se molda à imagem. Mas também a imagem molda a ficção, imprimindo a sua representação da história. O público da festa sugere novos roteiros para os atores. As pessoas fotografam e filmam excessivamente as damas sulistas e os soldados confederados, pedindo que façam as mais variadas poses possíveis. A mídia, por sua vez, sugere novas cenas aos atores, não exatamente previstas no roteiro inicial. Certa vez uma equipe de televisão do Texas deslocou as damas sulistas para serem filmadas ao redor das lápides ao pôr do sol, como se filmassem aqui um novo filme de produção hollywoodiana.

Em suma, o espetáculo coloca em um espaço público uma memória coletiva, remetendo a um tempo mítico-sagrado, que é ficção e torna-se imagem, com o objetivo de buscar um sentido identitário: uma identidade americana confederada.

A maior parte do público, todavia, não reconhece o referencial simbólico da Confederação e da Guerra. A bandeira e as cores da Confederação, as músicas tradicionais sulistas, os pratos e trajes sulistas não são suficientemente efetivos para reconhecer a descendência americana confederada na localidade. Mas os descendentes têm, como o público que vai à festa, uma imagem dos Estados Unidos dos dias atuais. Então, esse público reconhece a festa também pelo country, pelo rock, pelo hot-dog,

---

<sup>59</sup> Eliana Vaughn, que está produzindo um filme recontando a trajetória da imigração, pediu-me para inserir os dados históricos na parte documental. Certa vez, participei das filmagens cujas cenas das damas sulistas trabalhando nas lavouras de algodão do Sul foram gravadas em um algodoal da cidade de Sumaré.

pela bandeira e cores nacionais americanas. Afinal, a festa é, antes de tudo, uma festa de americanos.

Nesse sentido, a festa pretende ser, ao mesmo tempo, americana e confederada<sup>60</sup>. Neste momento, os descendentes são brasileiros mostrando ser americanos para os outros brasileiros verem: eles deixam de ser iguais a tantos outros brasileiros. Mas os descendentes também são brasileiros mostrando ser confederados para os norte-americanos verem: eles são brasileiros tornando-se confederados como uma forma de pretender ser americanos.<sup>61</sup>

Então, a festa, nos dizeres de Turner(1967), uma floresta de símbolos, é uma forma eficaz de comunicação simbólica, quando se negociam identidades. Assim é que ela permite uma confraternização. O evento é o encontro de um pequeno grupo de descendentes com os moradores de uma localidade. E é o encontro também dos descendentes e dos moradores com os norte-americanos. O Cemitério, encravado no meio de canaviais do interior de São Paulo, torna-se um espaço transnacional<sup>62</sup>.

---

<sup>60</sup> A própria denominação da festa reflete isto: até 1991, o evento era denominado "Festa Country" e a partir de 1992 passou a ser "Festa Confederada Brasil-Estados Unidos".

<sup>61</sup> De forma paralela, Dawsey (1994), ao investigar as construções identitárias dos descendentes de americanos entendendo-as como sendo produzidas por "*imagens simétricas e inversas ao mesmo tempo*" - como em um espelho - centra sugestivamente a sua idéia no que é verificável empiricamente na festa: "*Demonstra-se como é possível ser, simultânea e paradoxalmente, com a solidez de uma ficção real e, quem sabe, com o feitiço de uma história que vento levou, um americano para brasileiro ver, um brasileiro para americano ver, e um confederado no Brasil em fins do século XX*" (p. 203). Valendo-se de outro recorte epistemológico, diferente do autor, analiso os mecanismos de construção das identidades americanas no final deste capítulo.

<sup>62</sup> D. Noêmia, certa vez, quando se referiu ao noticiário metereológico que errou ao prever a ocorrência de chuvas no estado de São Paulo no dia da festa, comentou: "*Aqui hoje não é o estado de São Paulo, aqui é um estado Confederado!*"

No final da Festa, ao fim da tarde, há o descerramento das bandeiras americana, brasileira e confederada. Como espetáculo final, na festa de abril de 1994, apresentou-se a Banda Municipal de Americana. A banda tocou, primeiro, o Hino Americano, e depois de músicas de repertório variadíssimo, com valsas, chorinhos, sambas, finalizou com o Hino Nacional. O que mais pode representar um tempo pretérito do que uma banda tocando retretas em um coreto em um final de tarde ao pôr do sol? Enfim, a própria existência de um tempo pretérito, qualquer que seja ele, que remete a sentidos identitários, é que está sendo celebrada. E os mortos do Cemitério estão lá, em suas sepulturas, para sugerir a todos os vivos a existência deste passado de outrora.

Um acontecimento da festa de 1995 pode elucidar melhor os sentidos que o evento oculta: o sepultamento de um descendente falecido no dia da festa. A passagem do cortejo fúnebre e o enterro realizado em meio as festividades revela a síntese entre os mortos e os vivos, entre as lembranças e os esquecimentos, entre a morte e a festa. O enterro na festa constitui um hiato de tempo, simultaneamente do sagrado e do profano, dos vivos que se esquecem mas que lembram e celebram os mortos com o intuito de identificar os americanos confederados.

### **Ser americano confederado**

As reuniões e as festas no Cemitério são significativas para a compreensão dos processos de construção das identidades americanas que se reformulam através de uma idealização do tempo passado e, também, através de um diálogo com o tempo presente quando se cria um imaginário dos Estados Unidos atuais.

Os descendentes constituem lembranças, remetendo a uma origem idealizada do modo de vida da sua ancestralidade. Eles lembram que os americanos, no passado, foram confederados. Como contraponto, os descendentes, porque alegam que se esqueceram deste (idealizado) modo de vida confederado, podem criar lembranças para construir uma identidade americana confederada. Para tanto, podem considerar elementos, tais como, os seus parentes mortos no Cemitério, o seu sobrenome em inglês ou a sua participação na Fraternidade como indicativos de sua ancestralidade.

As reuniões no Cemitério representam o esforço dos agentes étnicos na reconstrução do passado idealizado, implicando, na medida em que isto seja possível, em uma atitude de isolamento. Elas têm o caráter da lembrança, ao mesmo tempo, do invisível para a localidade. Os rituais da morte - e os mortos - convergem para constituição de lembranças. Por outro lado, as festas, um outro momento ritual, é que vêm tornando pública uma identidade americana confederada através de um conjunto de lembranças criadas estrategicamente no (alegado) esquecimento de um passado idealizado.

De um lado está a lembrança, o invisível e a morte; e de outro lado, o esquecimento, o visível e a festa. Lembrar a partir dos mortos, daqueles que deixaram de existir; e existir a partir da festa quando se cria as lembranças no esquecimento. Então, aproximam-se a morte e a festa - é significativo frisar que a festa é no cemitério; e aproximam-se também as identidades, e as lembranças e os esquecimentos.

Para ser americano confederado é necessário que se tenha ligações com os ancestrais remotos, os mortos do Cemitério, e se tenha esquecido quem eles foram. Cabe às lembranças

voluntárias re-significar, de tempos em tempos, quem - supostamente - foram os mortos para que se possa identificar os vivos. As identidades americanas podem ser reformuladas *ad infinitum* entre um conjunto de lembranças - que são criadas quantas forem possíveis - e esquecimentos<sup>63</sup>.

As reuniões e as festas, contudo, vêm representando estratégias identitárias distintas. A emergência das festas não é um fato isolado e pode ser associada a um outro cenário, que vem reforçando sua ocorrência: o contexto de internacionalização contemporâneo quando, em consequência, estreitam-se as trocas culturais e as relações econômicas entre as nações. As festas representam o momento em que os descendentes estabelecem laços com os Estados Unidos pretendendo formalizar redes de relações transnacionais.

Elas podem ser compreendidas porque um grupo reduzido de brasileiros de uma localidade, que vão se tornando cidadãos do mundo, podem se identificar como americanos articulando informações oriundas de elementos culturais trocados com os Estados Unidos. Eles seriam como "*bricoleurs*" de um mundo globalizado na medida em que operariam, em um espaço transnacional, com um conjunto de elementos que retirariam de seu sentido original para transpô-los de outros sentidos, ainda que estes elementos permaneçam ligados a sua origem. Neste

---

<sup>63</sup> Muitas áreas do conhecimento preocuparam-se com os mecanismos da memória, e, particularmente, sobre o esquecimento. A psicanálise de Freud (1978) pressupõe a amnésia e o recalque do inconsciente reprimido, como constitutivos da psique. A literatura de Proust (1983) fundamenta-se no "choque", quando as sensações e as emoções despertadas, porém esquecidas no tempo, faz a sua personagem buscar o tempo perdido. A filosofia de Nietzsche (1978) especula sobre a necessidade da negação da história para a felicidade do homem, o que estaria na sua capacidade de esquecer. Seja como for, o que dizem é que o esquecimento, como contraponto da lembrança, é, ontologicamente, constitutivo do ser.

sentido é que, nas festas, os descendentes e moradores de Americana e Santa Bárbara podem construir inúmeras estratégias simbólicas para comunicar-se com o mundo.

E as festas podem ainda ser compreendidas porque um grupo de brasileiros de classe média, netos, bisnetos e tataranetos de americanos confederados de Santa Bárbara d'Oeste e Americana, podem obter vantagens econômicas, podendo, potencialmente, vir a ser estudantes, trabalhadores e cidadãos nos Estados Unidos em um mundo de economia globalizada.<sup>64</sup>

Para ser americano confederado neste cenário internacional é necessário que se crie, estrategicamente, uma imagem presumida da realidade dos Estados Unidos dos dias atuais - aqui, no caso, extremamente positiva - para que se tenha uma idéia de quem, ou quais brasileiros, potencialmente, podem ser americanos no contexto transnacional<sup>65</sup>. As identidades americanas podem ser reformuladas *ad infinitum* através de contextos atuais presumidos.

As identidades americanas confederadas reformulam-se através entre um conjunto de lembranças e esquecimentos, e de contextos presumidos. Os processos de reformulação das

---

<sup>64</sup> Assim como as festas americanas de Santa Bárbara e Americana, pode-se refletir, também, em relação às festas italianas e japonesas de São Paulo, às festas alemãs de Santa Catarina, e tantas outras "*festas étnicas*" que vêm grassando nos últimos tempos.

<sup>65</sup> A imagem que os descendentes têm dos Estados Unidos atuais, principalmente quando comparam ao Brasil, não difere muito da construída pelo brasileiro médio sobre aquela nação. Perguntei, em questionário, certa vez, em uma reunião, para que os descendentes emitissem sua opinião sobre os americanos e os brasileiros. Sobre os americanos, as respostas, as mais diversas possíveis, elencaram traços favoráveis - ao contrário do brasileiros - dizendo que: são otimistas, mantêm sua cultura, são mais crentes, tem o conhecimento da história, são organizados, são patriotas, têm "*pedigree*" (sic!), entre outros. Poucos arriscaram elencar traços que remetem ao passado confederado do americano (sulista).

identidades americanas confederadas, são, portanto, configurações históricas, essencialmente fluidas. Por isto é que não se distingue exatamente, nos eventos, principalmente nas festas, quem é descendente de americano confederado, não-descendente e norte-americano: tudo e todos, no momento dos eventos, podem potencialmente ser, de fato, americanos<sup>66</sup>. E se isto acontece é porque talvez a busca de um sentido identitário não é palpável como categoria analítica pois os dados empíricos podem ser combinados "*ad infinitum*".

As imagens em flashes das reportagens de televisão sobre as festas mostram um público variado: soldados confederados, damas sulistas, velhos, jovens, cowboys, caipiras; executando ações variadas: dançando a quadrilha americana, bebendo chopp, comendo churrasco, passeando pelas lápides. As diversas imagens em flashes são como as configurações identitárias: são fragmentárias e multifacetadas.

As reuniões e as festas pretendem no tempo presente formular uma identidade americana confederada. E os eventos remetem para a história da ancestralidade americana. Quem foram, afinal, os mortos enterrados no Cemitério?

---

<sup>66</sup> Assim é que, quando abordei duas descendentes velhinhas, elas disseram que sabiam porque eu as reconheci como americanas: porque todo americano idoso tem cabelo extremamente grisalho.

# O CEMITÉRIO DO CAMPO



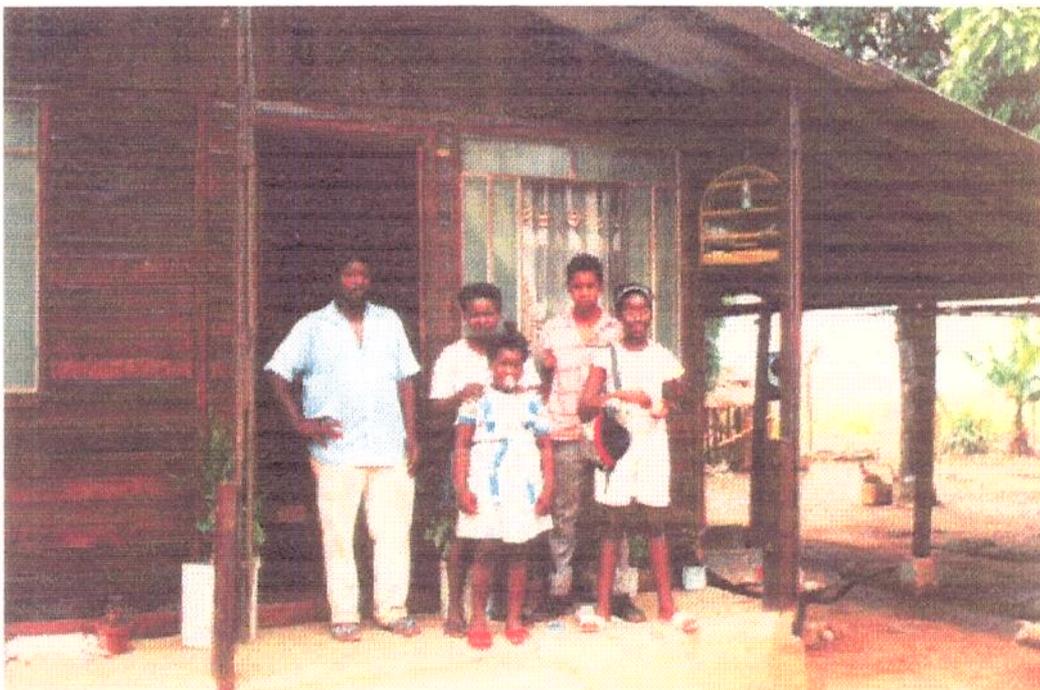
1. O obelisco comemorativo, onde consta os nomes das famílias dos descendentes de americanos confederados.



2. A capela.



3. O galpão, onde se realizam as reuniões da Fraternidade de Descendência Americana.



4. O zelador do Cemitério, sua família em frente a sua residência.



5. Vista geral das lápides.

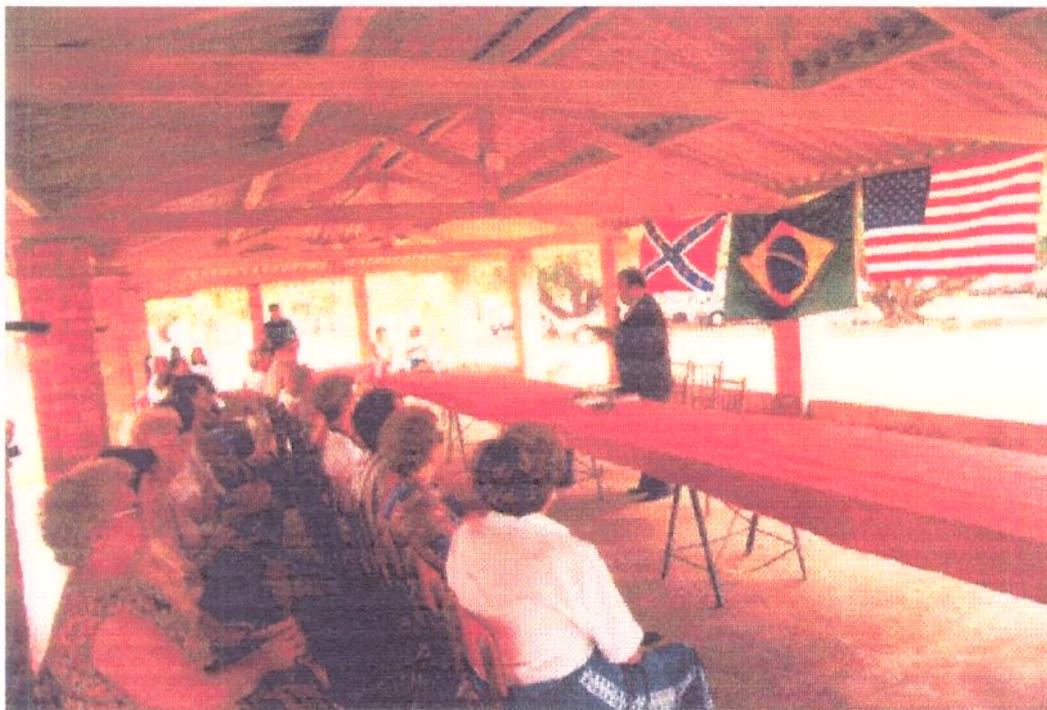


6. Uma lápide, com inscrições bíblicas em inglês.



7. Outra lápide, com o símbolo da maçonaria.

# AS REUNIÕES NO CEMITÉRIO



8. Os cultos, quando pastor realiza a sua prédica.



9. A parte administrativa, quando a Diretoria da Fraternidade passa informes para os participantes. Observe as três bandeiras ao fundo: confederada, brasileira e americana.

# AS FESTAS NO CEMITÉRIO



10. Os participantes: as damas sulistas.



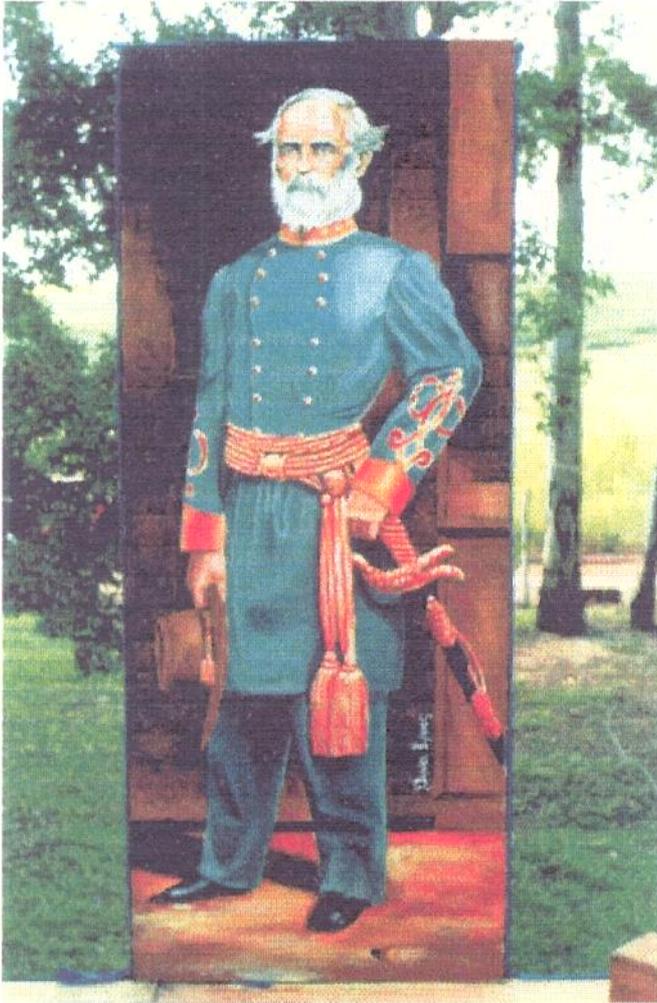
11. Os participantes: os soldados confederados.



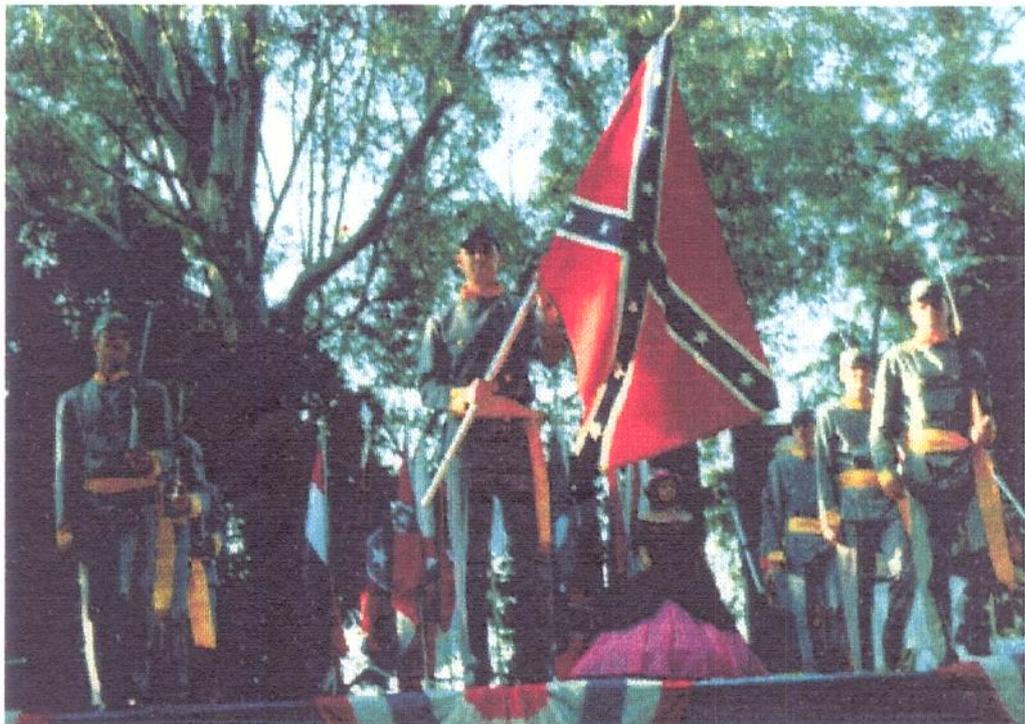
12. O público compra *souvenirs* confederados no bazar.



13. O público compra os comes-e-bebes das barracas de vendas.



14. O palco, com o quado do Gal. Lee.



15. As solenidades: os soldados confederados apresentam-se, empunhando armas e a bandeira confederada.



16. As solenidades: as damas sulistas estendem a bandeira americana.



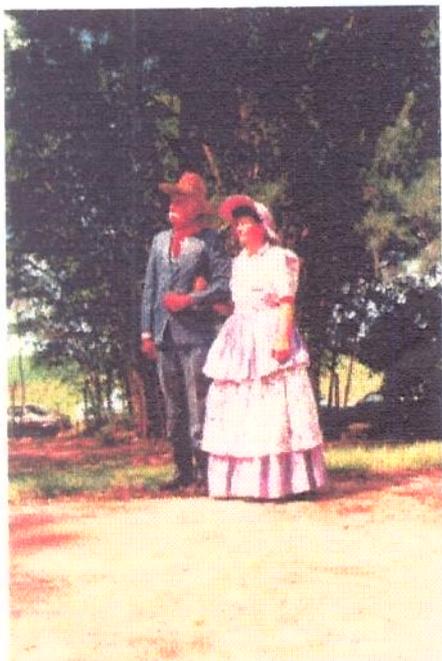
17. As solenidades: as crianças dançam a "square dance", segurando a bandeira brasileira.



18. As solenidades:  
casais dançam, encenando  
os românticos bailes do Sul.



19. As solenidades:  
um grupo de jovens sulistas encenam os piqueniques do passado.



20. As solenidades:  
um casal representando os primeiros imigrantes de Santa Bárbara.



21. O público assiste às solenidades.



22. Os atores posam para o público.

# OUTRO ESPETÁCULO



23. A cantora e compositora Rita Lee Jones, descendente dos americanos confederados, conversando com o antropólogo durante os ensaios de seu show realizado em Americana, em 1992.

## CAPÍTULO 2

### OS IMIGRANTES AMERICANOS NO BRASIL

#### A Guerra, a Confederação e os imigrantes

Nas reuniões e, principalmente, nas festas, os descendentes pretendem vincular a ancestralidade americana à Guerra e à Confederação.

Passados 130 anos do conflito entre ianques e confederados, a Guerra de Secessão, distante no tempo e no espaço, é lembrada, curiosamente, com certa familiaridade pelos descendentes. Eles buscam mostrar vestígios materiais da guerra, como armas e roupas dos antepassados; e contam casos de batalhas em que estes teriam se envolvido: casos de heroísmo, mortes, tesouros escondidos e falências financeiras - casos que, se considerados fora do contexto da guerra referida, poderiam dizer respeito a qualquer outra guerra. Os descendentes procuram dizer que os seus antepassados foram confederados.

Os discursos esforçam-se por demonstrar que as trajetórias dos imigrantes ocorreram tal como é contada oficialmente pela literatura. Esta remete para um tempo perdido dos antepassados que a guerra levou (com o vento). A guerra constitui uma passagem de temporalidades distintas: um tempo da ordem e um tempo do caos. O Sul era o lugar, por excelência, identificado com os valores aristocráticos dos seus habitantes: das casas de

estilo grego, da educação aristocrática, do cavalheirismo, do romancismo, da maçonaria.<sup>67</sup>

Depois da guerra, veio o caos. Além da ruína econômica, a convivência com negros libertos e a submissão diante de um governo ianque, particularmente durante o período da Reconstrução, não condiziam com os valores da aristocracia sulista. Alguns discursos pró-imigração da época registram isto:

*“... libertar os negros que constituíam três quartos e toda a propriedade que nos sobrava, e a quase totalidade do poder obreiro do país, e alojá-los entre nós, onde desafiarão nossa autoridade, serão alvo de descontínuas agitações de fanáticos, causarão uma ferida infecta em nosso corpo, e desencorajarão e atrapalharão a introdução em nosso meio de uma classe melhor de trabalhadores, já basta, sem um definitivo ato da Providência, para desencantar e desesperar qualquer povo.”*  
(Carta do Major Abney, presidente da Southern Colonization Society)<sup>68</sup>

Estes discursos, elaborados pelos que tinham se envolvido diretamente na guerra - muitos dos quais emigraram - traduziam a insatisfação do Sul derrotado, e provavelmente teriam sido recorrentes no pós-Guerra. A literatura, contudo, apropria-se destes discursos como sendo a versão oficial das razões da emigração.

---

<sup>67</sup> Apud. Jones (1967:42).

<sup>68</sup> Apud. Jones (1967:53).

Neste sentido, a emigração foi a saída para recuperar um tempo perdido, destruído pela guerra. Constrói-se, então, o mito da reprodução de um modo de vida sulista confederado fora de lugar:

*“Os americanos que partiram para o Brasil fizeram-no como colonizadores, desejando manter, com toda a sua tranqüilidade, a sociedade que tinham conhecido durante toda a sua vida. Seu plano era isolarem-se e estabelecerem comunidades que preservassem os costumes sulistas - uma Confederação Mental.”*  
( apud. Harter, 1987:37-8).

Se, de fato, a guerra foi o elemento propulsor da emigração, e alguns viram a possibilidade de reproduzir aqui a vida que tinham no Sul, historicamente, no entanto, as suas trajetórias não corresponderam ao idealizado projeto - principalmente pelos seus descendentes - de reconstruir, fora de lugar, a Confederação. É que nem todos os que emigraram estavam necessariamente vinculados à Guerra e à Confederação, pois os grupos de imigrantes eram bastante heterogêneos, não necessariamente grupos de sulistas e confederados.

Pergunta-se sobre a guerra hoje para os descendentes e eles dizem que os seus pais e avós falavam muito pouco a respeito. Alguns atribuem isto aos traumas sofridos pelas vicissitudes da guerra e que aqui, no Brasil, quiseram esquecê-la. Isto pode ser possível, como também o fato de que nem todos os seus antepassados estavam necessariamente associados aos valores que o conflito defendia.

### **A heterogeneidade dos imigrantes**

Uma aristocracia sulista, e, em meio desta, muitos soldados confederados, que desembarcaram no Brasil. Esta é a imagem que fazem dos imigrantes, hoje, os seus descendentes. A composição social dos imigrantes pode estar associada aos aristocratas e aos soldados confederados do Sul. Mas os imigrantes sulistas que vieram no pós-Guerra constituíam grupos sociais heterogêneos e com interesses diversos.

Dentre os chamados hoje, genericamente, de confederados, Goldman(1956) sustenta que não eram um grupo homogêneo:

*"Pelo menos um líder de emigração era nortista (Hasting) e muitos emigrantes não eram sulistas e alguns nem nativos dos Estados Unidos. Eram poucos os que tiveram grandes fazendas e muitos não eram necessariamente a favor da escravidão. A maioria trabalhou nas terras que largaram nos Estados Unidos e, eles mesmos trabalharam nas terras que adquiriram no Brasil. Havia os que nunca cultivavam terras e de nenhuma forma se identificavam com a lavoura. Havia negociantes, mecânicos, dentistas, operários, pessoas de todos os ramos. Alguns ricos, mas quase todos eram pobres, ficando mais pobres por causa da viagem."*

Este autor ainda distingüe, ainda, que muitos vieram do Texas, estado que fora recém-incorporado pelos Estados Unidos e que lutou ao lado do Sul na Guerra, e por isto relativiza:

*"...os americanos do Texas, naquela época, com poucas exceções, nasceram em outros estados do Sul e também do Norte (...) e no exterior.*

Então, junto aos grupos de imigrantes vieram ianques e confederados, fazendeiros e profissionais liberais, aristocratas e gente comum e até, como relatam alguns descendentes, escravos americanos, dos quais Goldman(1956) comprova a existência de três deles:

*" Um deles era piloto dos barcos de transporte de um tal Rainey, natural da Carolina do Sul, que fazia a linha entre o Rio de Janeiro e Niterói; uma mulher, Tia Silvy, viera com a família John Cole para Santa Bárbara e o terceiro, Steve, era administrador de serraria pertencente ao Juiz Dyre."*

Os grupos de imigrantes, porque heterogêneos, tinham interesses diversos. A historiadora e descendente Betty Antunes de Oliveira, ampliando as referências sobre quem eram os imigrantes, acrescenta:

*"Entre os que vieram havia os zangados, irados, perdedores, curiosos, aventureiros, missão religiosa, ainda que*

*individual, fugido, como um dos meus bisavôs; desiludidos, os que queriam tentar fortuna, etc. etc.*”<sup>69</sup>

A heterogeneidade dos grupos pode também ser constatada quando os próprios descendentes de Santa Bárbara e Americana remetem às suas origens. Segundo um deles, a genealogia de sua família, os Crisp, remonta a uma ex-escrava americana, companheira do Dr. John Crisp, e é por isto que às vezes ainda alguns outros descendentes o chamam de "*primo preto*". Já, o imigrante Joseph Vaughan, dizem os seus descendentes, veio da Flórida, em 1905 (muito tempo depois dos outros imigrantes), para estabelecer-se como agricultor, comprando terras em Santa Bárbara e, depois, em Rebouças (atual Sumaré); e, por ser filho de uma índia norte-americana seminole, ficou conhecido pelo apelido (não pejorativo) de "*americano preto*". Por sua vez, Joseph Vaughan casou-se com uma descendente dos Bookwalter que eram originários de Cleveland, Ohio, portanto, nortistas; e na fazenda dos Bookwalter formou-se o Cemitério do Campo.

Dentre os mortos enterrados no Cemitério, portanto, é possível encontrar, entre as lápides dos fazendeiros sulistas e dos soldados confederados, outras tantas histórias.

### **As imagens do Brasil e dos Estados Unidos**

A possibilidade da imigração dos americanos do Sul no pós-Guerra foi criando e ou reforçando um imaginário do Brasil

---

<sup>69</sup> Apud. correspondência pessoal enviada a mim pela autora.

e dos Estados Unidos - os americanos sobre o Brasil e os brasileiros sobre os Estados Unidos - na conjuntura da segunda metade do século passado.

Estas imagens foram moldadas por grupos interessados na imigração, dos Estados Unidos e do Brasil, tais como, de um lado, missionários protestantes e agentes de emigração norte-americanos, e, de outro lado, autoridades imperiais e intelectuais liberais brasileiros. Os discursos destes grupos pró-imigração foram influenciando a escolha dos que pensavam em emigrar pelo Brasil.

Entre os anos de 1822 a 1888 foram publicados nos Estados Unidos vinte obras sobre o Brasil<sup>70</sup>, dentre elas relatos de viagens escritos por missionários protestantes e agentes de emigração que tiveram ampla circulação no Sul na época da Guerra<sup>71</sup>. O Brasil é descrito como um país com terras abundantes e férteis onde ainda existe a escravidão e, também, há liberdade religiosa.<sup>72</sup>

---

<sup>70</sup> Apud. Barbanti (1977).

<sup>71</sup> Destacam-se as obras dos missionários Daniel Parrish Kidder e James Cooley Fletcher (1941), e dos agentes Gaston (1867) e Ballard Dunn in "*Brazil, home for southerners*". Kidder e Fletcher, missionários metodistas, foram considerados pelos historiadores evangélicos como os pioneiros do protestantismo no Brasil, e seus relatos tinham por objetivo descrever as condições no país para a vinda de missões protestantes ao Brasil. Para estes autores, a imigração seria estratégica porque os imigrantes serviriam de base para a instalação dos trabalhos missionários. Gaston e Ballard Dunn, agentes de emigração, foram enviados como emissários para o Brasil por clubes de colonização com o objetivo de reconhecerem a terra e as condições dadas pelo Governo Brasileiro aos imigrantes. Os relatórios destes emissários mostravam, em geral, um quadro positivo, resultando em propaganda favorável para a emigração. Gaston e Dunn acabaram por organizar, respectivamente, as colônias de Juquiá e de Xiririca, no litoral sul de São Paulo.

<sup>72</sup> A Província de São Paulo, particularmente, é descrita como aquela que reúne as melhores condições para o estabelecimento dos americanos sulistas

A escolha dos imigrantes do Sul pelo Brasil foi motivada pela possibilidade de adquirir terras. A escolha motivada pela escravidão, todavia, deve ser relativizada porque, a se julgar pelos relatos, os imigrantes já sabiam que no Brasil, assim como o fora no Sul, a extinção da escravidão era iminente<sup>73</sup>. Os imigrantes vinham com a intenção de serem proprietários de terra.<sup>74</sup>

O Brasil dos relatos de viagem, então, ia se definindo para os imigrantes como o país das terras a serem ocupadas, portanto, um país com atributos ligados sobretudo à natureza.

Haviam também grupos interessados na imigração no Brasil. Autoridades imperiais viam na vinda dos americanos sulistas a possibilidade de viabilizar-se a cultura do algodão no país com a introdução de novas técnicas de plantio, aproveitando-se o momento em que esta matéria-prima encontrava-se escassa no mercado internacional, justamente pela quebra de produção norte-americana provocada pela guerra.<sup>75</sup>

porque as terras são férteis e propícias para o plantio do algodão, o clima é favorável e apresenta uma paisagem que lembra o Sul.

Utilizo aqui, particularmente da obra de Kidder e Fletcher (1941) como referência para análise dos discursos.

<sup>73</sup>Kidder e Fletcher (1941) descreveram a escravidão no Brasil, comparando-a com a do Sul dos Estados Unidos, e concluem: "*No Brasil, tudo é a favor da liberdade.*" (pag. 147).

<sup>74</sup>A tolerância religiosa é também reforçada pelo missionário Kidder (1941) que escreve em 1845: "*É minha firme convicção, que nenhum outro país católico do globo existe, onde prevaleça maior grau de tolerância e liberalidade de sentimento para com os protestantes.*" (pag. 158)

<sup>75</sup> O discurso exaltado do Ministro da Agricultura e Comércio do Império, Antonio Francisco de Paula Souza, transcrito de alguns trechos de uma carta de boas-vindas aos imigrantes sulistas recém-chegados em 1865 por Kidder e Fletcher (1941), sugere este interesse pelo plantio do algodão. Para tanto, o Ministro reforça a possibilidade dos imigrantes adquirirem terras e escravos.



Dáí porque o Império oferecia facilidades aos imigrantes na compra de terras a preços razoáveis. Os americanos trariam o progresso.

Alguns intelectuais liberais brasileiros viam na imigração americana a possibilidade de aproximar o Brasil do mundo civilizado, como escreve o liberal Tavares Bastos em "*Cartas de um Solitário*" em 1863<sup>76</sup>;

*“A União norte-americana é o verdadeiro ‘rendez-vous’ do mundo civilizado. [...] é preciso conhecer os Estados Unidos. É deste último país justamente que nos pode vir mais experiência prática a bem de nossa agricultura, de nossas circunstâncias econômicas, que tem com as da União a mais viva semelhança.”* (apud. Pontes: 1975:99).

A imagem dos Estados Unidos dos discursos destes grupos nacionais pró-imigração ia se definindo como o país do progresso e da civilização, portanto, um país com atributos ligados à cultura.

O contexto econômico e político pelo qual passava o Brasil explica por que a imigração está presente nos discursos. O momento era favorável às experiências de imigração. O debate abolicionista tomava fôlego desde a proibição do tráfico negreiro

---

<sup>76</sup>A obra de Tavares Bastos é a que melhor traduz esta imagem positiva com que os liberais viam os Estados Unidos. Sua atuação política e intelectual foi no sentido de promover a imigração dos norte-americanos, e viu na possibilidade de sua efetiva implementação a partir da vinda dos sulistas. Notadamente, esta imagem dos Estados Unidos é reforçada no final da Monarquia na medida em que vai identificando-se melhor com os ideais republicanos.

em 1850, e, nesta década, fazendeiros de café da Província de São Paulo haviam tentado, sem muito sucesso, a introdução de imigrantes europeus no sistema de parceria na Fazenda Ibicaba do Senador Vergueiro em Limeira, próxima à Santa Bárbara.<sup>77</sup> Notadamente, esta malograda experiência foi descrita por Kidder e Fletcher(1941) e, em uma nota datada de 1866, os missionários tomavam esta experiência por base para reforçar o incentivo à imigração dos americanos sulistas:

*“O Senador Vergueiro morreu em 1860. Em razão de dificuldades financeiras e de outra espécie, dizem que Ibicaba, embora ainda conservada, não está em condição tão florescente como antigamente. A conclusão de uma longa luta interna nos Estados Unidos obrigou a muitos plantadores do sul procurar o Brasil. O Governo Imperial, como se tem dito, está determinado a recebê-los da forma mais liberal; e a colonização que, deve ser confessado, não tem cumprido a expectativa de seus amigos, dará lugar a imigração, que tem feito tanto pelos Estados Unidos; se o Governo do Brasil fosse decididamente liberal e cumprisse suas promessas, a saber, vender terra barata e cortar o burocratismo dos funcionários públicos e inferiores fiscais e sub-delegados, nova gente será introduzida a qual se multiplicará o bem-estar e honra do Império.”(p. 126)*

Os grupos pró-imigração, a partir dos seus discursos, moldavam um imaginário do Brasil e dos Estados Unidos no

---

<sup>77</sup>Muito já se tem escrito sobre a passagem da mão-de-obra escrava para a assalariada imigrante na segunda metade do século XIX. Cabe aqui, nos limites deste capítulo, apenas contextualizar este processo como referência.

contexto da conjuntura da segunda metade do século XIX, favorecendo a imigração dos americanos sulistas. Estes imaginários eram distintos, e podem ser pensados por oposição: o Brasil, para os americanos, relacionava-se à natureza; e os Estados Unidos, para os brasileiros, relacionavam-se ao progresso e à civilização, portanto, à cultura. Para os americanos, a imigração era um possibilidade de adquirir terras; e para os brasileiros, uma possibilidade de promover uma missão civilizatória.

Foram com estes imaginários que os americanos e grupos brasileiros lidaram a partir da experiência da imigração.

### **A imigração**

O fato da imigração americana pode ser compreendido a partir de como grupos pró-imigração dos Estados Unidos e do Brasil foram estreitando contatos que capitalizaram, reforçaram e facilitaram o desejo dos americanos de emigrar. E também foi resultado de como os americanos no Sul do pós-Guerra, eles próprios, organizaram-se para concretizar a imigração<sup>78</sup>.

Entre os anos de 1865 a 1866, acontecimentos pró-imigração sucederam-se: o Governo Brasileiro abriu um escritório de colonização em Nova Iorque, chefiado por Quintino Bocaiúva, a partir de 1868; grupos de sulistas criaram a “*Southern Colonization Society*”, na Carolina do Sul; a “*United States and Brazil Steamship Company and Co.*” inaugurou uma

---

<sup>78</sup>As informações que se seguem foram compiladas da literatura sobre a imigração, notadamente in Costa (1985), Goldman (1972), Harter (1987) e Jones (1967).

linha de vapores entre os Estados Unidos e Brasil<sup>79</sup>; agentes de emigração são enviados como emissários por clubes de colonização para fazerem viagens de reconhecimento das terras brasileiras<sup>80</sup>; e o Coronel William Norris veio ao Rio de Janeiro, onde aí inicialmente contatou membros ligados à maçonaria - ele era maçom - e, por indicação destes, estabeleceu-se no interior de São Paulo, comprando terras em dezembro de 1865, por iniciativa própria, na localidade de Santa Bárbara, entre Campinas e Nova Constituição, para plantar o algodão.<sup>81</sup>

Os americanos no Sul organizaram-se para a imigração, indicando que esta foi um ato planejado. Em um primeiro momento, clubes de colonização organizaram-se em torno de emissários-agentes para patrocinar suas viagens ao Brasil. Na prática, estas viagens resultaram em contratos dos agentes com o Governo Imperial para a venda de terras em localidades estabelecidas.

E, em um segundo momento, reuniam-se grupos vindos do Alabama, Tennessee, Texas, Geórgia, Lousiana, Carolina do Sul,

---

<sup>79</sup>O liberal Tavares Bastos foi o grande patrocinador do estabelecimento de uma linha regular de transporte entre os Estados Unidos e o Brasil, e foi ele quem viabilizou, a nível político, a inauguração desta linha de vapores interligando Nova Iorque ao Rio De Janeiro. Em "*Cartas de um Solitário*", justifica: "*Assim, pois, a linha de que trato seria um meio de pôr o Brasil em contato com essa parte do mundo civilizado, no hemisfério do norte e no seu continente, que para ele não existe quase.*" ( apud. Pontes: 1975:99. Grifo nosso).

<sup>80</sup>Segundo Harter (1987) cerca de 12 grupos de emissários visitaram o Brasil neste período. Destacam-se, particularmente, as viagens do Major Meriwether e Dr. Shaw, enviados pela recém-criada "*Southern Colonization Society*"; do Gal. Wood, do Mississipi, e do Dr. Gaston também da Carolina do Sul; e a viagem do Rev. Ballard Dunn que comprou terras em Iguape, no litoral sul de São Paulo, a chamada "*Lizzieland*". Não raro estes emissários estabeleceram contatos entre si em suas viagens.

<sup>81</sup>É bem provável que o Cel. Norris já soubesse que as condições das terras no interior de São Paulo fossem melhores que as localidades para as quais dirigiam-se os grupos de imigrantes.

Mississippi, Flórida e Virgínia, que realizavam a sua viagem, liderados pelos mesmos agentes que patrocinaram. Em geral, saíam dos portos de Mobile, no Alabama, e de Nova Orleans, e chegavam até o Rio de Janeiro, onde eram hospedados até que seguissem o seu destino às terras previamente contratadas.

A viagem é geralmente narrada pela literatura com uma odisséia. As descrições enfocam situações trágicas pelas quais os viajantes tiveram que passar no traslado para o Brasil. Tais situações são trágicas porque, do ponto de vista de uma suposta posição aristocrática do sulista - como foi visto, nem todos os que emigravam eram aristocratas do Sul - elas indicam um certo aviltamento desta condição social.

Assim é que são narrados o episódio do naufrágio do navio Derby em Cuba, que trazia um grupo liderado por Frank McMullen para o litoral sul de São Paulo; e, também, o episódio do desvio de rota do veleiro Talisman para a Cabo Verde, que transportava os Norris, resultado das falhas dos ponteiros das bússolas imantados pelas anquinhas de arame das saias das senhoras, as quais, por isto, tiveram que, muito a contra-gosto, jogar as suas anquinhas no mar<sup>82</sup>.

A chegada ao Rio de Janeiro e a estada na “*Hospedaria dos Imigrantes*” aparece na literatura, contudo, como compensatória dos percalços da viagem. À primeira vista, os imigrantes admiravam a visão da cidade, a sua beleza natural, acionando-se o imaginário que tinham sobre o Brasil, país de

---

<sup>82</sup> Pode-se estabelecer uma comparação com outras imigrações quanto à forma trágica em que são relatadas as viagens (V. sobre os japoneses in Castro (1995) e sobre os italianos in Chiarini (1992)).

natureza prodigiosa. E o Imperador, ele próprio, foi visitar, numa certa ocasião, um grupo de sulistas hospedados na cidade.<sup>83</sup>

O auge da imigração sulista patrocinada pelos agentes e pelo Governo Brasileiro ocorreu no período de 1866 a 1868. As estatísticas, apuradas por Goldman(1972), apontam para um total entre 2.800 a 3.000 imigrantes norte-americanos neste período. Este número foi bem inferior às expectativas dos agentes e das autoridades brasileiras, que esperavam um contingente de imigrantes bem maior:

*“Nos Estados Unidos, os relatórios feitos por Gaston, Hastings e Dunn, bem como empresas colonizadoras, os jornais e o rumor em geral levavam a falsa expectativa de que 50.000 sulistas estavam prontos para sair do país.”* ( apud. Goldman, 1972:77).

A imigração foi reduzida e ocorreu somente em um período circunstancial. Os efeitos da guerra sobre o Sul atenuavam-se com o passar dos anos, e, também, a experiência dos colonos no Brasil geralmente resultou em fracassos,

---

<sup>83</sup> D. Pedro II era visto como uma figura mítica pelos imigrantes. Ressaltavam a generosidade e o espírito liberal do governante brasileiro, que, para muitos, fora a favor da causa sulista na guerra. Pode-se supor que, retirando-se o empenho interessado do Imperador na vinda dos sulistas ao Brasil, a sua figura, reforçada por esta imagem positiva, servia como referência para alimentar as esperanças dos que estavam chegando, o que não necessariamente, como se verá, resultava em um apoio à Monarquia. Uma poesia publicada no jornal *“New Orleans Daily Picayune”*, em 1866, reflete a expectativa dos que emigravam para o Brasil, ressaltando a figura do Imperador: *“Ó, dá-me um barco á vela e leme/ E deixa-me ir para o feliz Brasil/ Quero sentir sua “primavera eterna”/ E apertar a mão de D. Pedro, seu rei/ Ajoelhando a seus pés, chamá-lo “Meu real chefe”/ E ouvir em resposta, ‘Bem-vindo, velho jequetibá’(sic)!”* (apud. Goldman, 1972).

provocando com isto a diminuição do fluxo imigratório. Comparando com a expectativa dos agentes envolvidos, pode-se dizer que a imigração, em termos quantitativos, tenha fracassado.

A geografia da imigração indica o estabelecimento entre 1865 e 1866 de colônias: em Santarém, na Província do Pará, pelo Gal. Hastings<sup>84</sup>; em Juquiá e Xiririca, no Vale do Ribeira, litoral sul da Província de São Paulo, lideradas pelo Rev. Ballard Dunn, por Frank Mac Mullen e pelo Dr. James Gaston; no Vale do Rio Doce, no Espírito Santo, estabelecida por Gunther; em Paranaguá, no Paraná; e, por fim, em Santa Bárbara, constituindo esta, contudo, a única imigração de iniciativa particular.<sup>85</sup>

A literatura aponta para o fracasso das colônias, à exceção de Santa Bárbara. As razões para o fracasso são múltiplas, mas geralmente relacionam-se ao isolamento que foi imposto aos colonos nas localidades, afastados de núcleos urbanos. O Governo Brasileiro responsabilizara-se por implantar uma infraestrutura necessária nas localidades para possibilitar o escoamento da produção agrícola, mas não cumpriu o prometido em contrato. Isolados e sem condições de organizar uma estrutura econômica que lhes desse sustentação, os colonos rapidamente se dispersaram - muitos foram para grandes centros, como Rio de Janeiro e São Paulo - e os que ficaram rapidamente integraram-se às localidades estabelecidas.

---

<sup>84</sup> A Amazônia, em particular, despertava interesses nos americanos. Relatórios de expedições científicas e de missionários criavam um imaginário que permitia aos americanos pensarem em ocupar este território, inclusive, como uma tentativa de resolver os conflitos da escravidão, ocupá-la por negros americanos ( V. Guilhon, 1987).

<sup>85</sup> Cabe apenas nos limites deste capítulo apenas situar estas outras colônias. Uma análise comparativa das trajetórias dos imigrantes de Santa Bárbara e estas outras localidades seria interessante, porém não cabe nos limites deste trabalho.

O fracasso destas colônias, reforça, em contrapartida, a tendência em se considerar a colônia de Santa Bárbara como o símbolo do sucesso da imigração. Se houve um sucesso relativo foi porque, diferentemente das outras colônias, Santa Bárbara recebeu um grande afluxo de norte-americanos que, vindos por iniciativa particular, proviam de maiores recursos, e, além disto, a localidade já tinha uma infra-estrutura urbana e de transportes razoável, resultado do desenvolvimento da economia cafeeira na região.<sup>86</sup>

O sucesso da colônia de Santa Bárbara é, contudo, atribuído pela literatura ao fato de que os americanos teriam conseguido reproduzir aí um idealizado modo de vida sulista baseado sobretudo na propriedade de terras, na compra de escravos e na organização de instituições, como igrejas protestantes, escolas de língua inglesa e a maçonaria. As trajetórias dos imigrantes e descendentes em Santa Bárbara e Americana, indicam, como se verá, que historicamente o mito de reprodução social fora de lugar não se sustentou.

Em que pese a heretogeneidade social dos grupos imigrantes saídos do Sul, estes foram passando por experiências comuns, como o próprio fato da imigração, e também outras experiências que foram sendo compartilhadas ao estabelecerem-se como estrangeiros em um outro país.

---

<sup>86</sup> Apud. Costa (1985).

## A terra

A propriedade da terra para desenvolver a agricultura, principalmente o plantio de algodão, foi a condição inicial para o estabelecimento dos imigrantes em Santa Bárbara.

O relativo sucesso do Cel. Norris em Santa Bárbara no cultivo do algodão atraiu centenas de compatriotas seus para a região, vindos diretamente dos Estados Unidos e também das fracassadas colônias do Vale do Ribeira, no litoral sul de São Paulo. Segundo Jones (1967:165), cerca de 500 famílias chegaram a se estabelecer em Santa Bárbara entre os anos de 1866 a 1868.

A Vila de Santa Bárbara dos Toledos tinha uma economia voltada para o plantio da cana-de-açúcar e a produção de aguardente. Comparada às cidades vizinhas, Campinas e Piracicaba, o povoado sustentava-se em bases econômicas precárias<sup>87</sup>. Como decorrência disto, as terras de Santa Bárbara foram adquiridas ou arrendadas a preços relativamente baratos pelos imigrantes que adquiriam médias propriedades, e estas geralmente não passavam de 100 alqueires<sup>88</sup>.

---

<sup>87</sup> Em seu relato de viagem, durante sua passagem por Santa Bárbara no percurso entre Campinas e Piracicaba, Zaluar (1975) descreve: "*A freguesia de Santa Bárbara é uma pequena povoação sem edifícios importantes, e adornada apenas com algumas casas de aspecto pobríssimo, em completa analogia com os trajes e os costumes de seus habitantes.*"

<sup>88</sup> Apud. Costa(1985) e Jones(1967). As famílias de americanos estabeleceram-se em quatro áreas distintas: (1) na área próxima à Fazenda Machadinho, de propriedade de Domingos da Costa Machado ( perto de onde se construiu em 1875 a Estação ferroviária, hoje centro de Americana), às margens do Ribeirão do Quilombo, em direção à Campinas; (2) no bairro do Campo, da Vila Santa Bárbara em direção à Monte-Mor, próximo do riacho Toledinho, onde formou-se o Cemitério; (3) no bairro do Bom Retiro, de Santa Bárbara em direção à Capivari, do outro lado do riacho Toledinho; (4)

Com o estabelecimento em Santa Bárbara, os imigrantes, estrangeiros em uma nova terra, identificaram-se e foram sendo identificados com marcas que eles próprios e os moradores locais negociavam. Os imigrantes foram tornando-se americanos para os moradores locais.

Inicialmente, atributos físicos constituíram a marca de identificação dos imigrantes. Jones(1967:161) descreve a sua percepção das diferenças entre os americanos e os moradores locais, reforçando o perfil aristocrático daqueles: os americanos, eram "*homens altos, corpo fino, pele clara, cabelos e lábios finos, olhos azuis, língua estranha, que não freqüentavam a Igreja*"<sup>89</sup>, e diferenciavam-se dos portugueses locais, "*homens de cabelos pretos, ondulados, olhos escuros de veludo e pele ressecada de sol*". Em uma localidade de poucos habitantes é bem possível que a identificação das pessoas fosse realizada pela sua origem étnica e nacional<sup>90</sup>.

Os americanos passaram a ser identificados, entretanto, com a economia agrícola. Eles introduziram uma nova tecnologia de plantio, tais como o uso do arado de ferro, as técnicas de manejo de animais e novos meios de transporte, como os semi-trólis<sup>91</sup>.

e, finalmente, na região do Funil, de Santa Bárbara em direção à Vila de Limeira até o Rio Piracicaba. (apud. Antunes, 1985; Jones,1967).

<sup>89</sup>A religião protestante como marca de identificação será abordada no decorrer do capítulo.

<sup>90</sup> Os registros de óbitos do cemitério local constantes no Livro de Atas Câmara Municipal de Santa Bárbara (1887-1888) referem-se, por exemplo, aos escravos como "*africanos*" e "*pretos*", e aos estrangeiros como "*portugueses*", "*italianos*", estes últimos estabelecidos na região no período imediatamente após a Abolição.

<sup>91</sup>O semi-tróli consistia em um "*tróli leve, com um só assento, onde cabiam três pessoas, uma na boléia e duas, às vezes três, no banco de trás*." (*Semi-tróli recorda os sulistas*. O Estado de São Paulo. 15 jun 1976).

O arado foi o símbolo da novidade na agricultura e a menção a este instrumento era geralmente seguida pela designação “americano”. Era o conhecido “*arado americano*” que ia substituindo as precárias técnicas de plantio utilizadas tradicionalmente pelos agricultores locais.<sup>92</sup> Como bons aradores, muitos americanos foram convidados a ensinar o seu manuseio nas fazendas da região, o que constituiu a princípio um negócio lucrativo para muitos deles.

As novas técnicas agrícolas foram sendo imediatamente difundidas e incorporadas pela sociedade local. A fabricação do primeiro arado americano em 1868 no Brasil é atribuída a um antepassado da família Steagall, sendo que durante muito tempo foi fabricado por um ferreiro alemão, John Domm, que viera junto com os americanos e que mantinha relações estreitas com estes. Mas não foram os americanos que fizeram da fabricação do arado um negócio. No início do século, conforme os classificados de periódicos locais, a tecnologia do arado americano estava concentrada nas oficinas de italianos.<sup>93</sup>

A fixação dos americanos na terra esteve circunscrita, nos primeiros tempos, ao cultivo do algodão. O Almanaque da Província de São Paulo de 1873, ao se referir ao município de Santa Bárbara, lista 41 fazendeiros de algodão e cana-de-açúcar com sobrenomes americanos, de um total de 54 nomes. As

---

<sup>92</sup>O espanto dos americanos com as precárias técnicas agrícolas brasileiras gerou impressões curiosas. Sobre o arado utilizado pelos agricultores locais, o agente Ballard Dunn disse que “parecia que ser ele [arado] instrumento do padrão usado na Europa 200 anos atrás”: ou ainda, o médico Barnsley: “puxado por um ou dois pares de boi, um homem guiando-o, e um outro tentando manter o ferro do arado no chão, Barnsley lembrou vagamente de ter visto cenas dessa natureza nas Bíblias ilustradas quando criança” (apud. Goldman in Folha da Manhã, 1956.)

<sup>93</sup>O Barbarense, 10/06/1900.

lavouras dos americanos chegavam a ocupar 1.313 acres em 1871, e a produção atingia aproximadamente 16.695 arrobas de algodão (1 arroba = 15 quilos)<sup>94</sup>. A economia do algodão sustentou inicialmente os americanos, sendo que os lucros iniciais auferidos foram satisfatórios<sup>95</sup>.

Com a presença dos americanos na economia agrícola local, Santa Bárbara progredia. Em 1869, a vila foi elevada à município e este fato, ainda que se considere a rápida expansão do cultivo do algodão, pouco deveu-se aos imigrantes recém-estabelecidos e pouco repercutira entre eles<sup>96</sup>. Todavia, em 1875, foi inaugurada a Estação, no esteio da expansão das ferrovias vindas de Campinas e que ligavam o norte de São Paulo, seguindo a expansão da economia cafeeira: a Estação foi construída para o escoamento da produção agrícola local, notadamente das fazendas dos americanos.

Ao redor da Estação, que se situava na fazenda de Domingos da Costa Machado, próximos onde estavam estabelecidos os Norris, constituiu-se um povoado originariamente formado por operários da construção da estrada de ferro e comerciantes. A sociedade local soube suficientemente reconhecer os negócios dos americanos na Estação designando o povoado que surgia de Vila dos Americanos, ainda que neste

---

<sup>94</sup> Apud. Canabrava (1984:76).

<sup>95</sup>Relatava o correspondente de Santa Bárbara para o Correio Paulistano em 28 jan 1870: "*Fizeram-se grandes safras de algodão, tanto os americanos como os brasileiros, tiveram americanos que venderam 8, 10 e 12 contos de réis de talvez mais... agora é bonito ver-se plantações alinhadas de ordem, frondosas como estão, e plantações imensas estendidas que tomam grandes campos. Já se exportou muito algodão este anno passado, e este anno haverá ainda mais por causa das grandes plantações feitas; hoje vale a pena vir-se por aqui só por passeio para se admirar essas plantações.*" (Apud. Canabrava, 1984:75-76)

<sup>96</sup> Apud. Jones (1967).

povoado, com exceção de algumas famílias, havia poucos americanos dentre seus habitantes.

A fixação dos americanos à terra foi, contudo, marcada pela fluidez, indicando que muitos não se estabeleceram na localidade por muito tempo. Os primeiros registros de compra de terra de americanos do Cartório de Imóveis de Santa Bárbara datam de 1866, porém, já nos anos subseqüentes, os registros de venda, particularmente de venda a outros americanos que se sucediam nas terras, e também os registros de hipotecas, procurações e testamentos quase sempre superam os registros de compra de novas terras.<sup>97</sup>

Isto deveu-se, em parte, ao fato de que a economia do algodão no país constituiu-se apenas em um surto. A medida que ia se restabelecendo a produção da matéria-prima norte-americana recuperada no pós-Guerra, o algodão brasileiro caía de preço e a produção para exportação diminuía, declinando a partir do anos de 1870-1871<sup>98</sup>. Com isso, as economias dos americanos foram entrando em colapso.<sup>99</sup>

---

<sup>97</sup> V. Anexo IV.

<sup>98</sup> V. Canabrava (1984).

<sup>99</sup> A continuidade do cultivo do algodão acabou por sustentar, ainda que em bases frágeis e com surtos efêmeros, durante certo tempo, algumas famílias. Não encontrando mercado no exterior, o cultivo do algodão na região passou a servir às primeiras fábricas de tecidos que se instalavam no interior de São Paulo, como a Fábrica de Tecidos da Carioba, instalada na região em 1875, às margens do Rio Quilombo, a três quilômetros da Estação. Depoimentos de descendentes indicam que a produção de seus pais e avós era dirigida para Carioba. Assim, a economia do algodão nas localidades sustentava umas poucas fazendas de americanos que subsistiam e apresentou vários surtos, como no início do século e durante a Primeira Guerra. Em Vila Americana, o beneficiamento do algodão, por época da guerra, foi controlado pelo médico americano, Dr. Cícero Jones.

As soluções do plantio da cana e da melancia impuseram-se como alternativas, porém foram simplesmente paliativos. O plantio da cana para a fabricação de aguardente gerava conflitos entre os americanos na medida em que não condizia com os valores dos que eram protestantes. Se agricultores americanos recusaram-se a entrar em um negócio lucrativo, como registram depoimentos de descendentes, e iam afirmando seus princípios puritanos numa localidade em que a maioria era católica, outros construíram seus engenhos e foram bem-sucedidos neste negócio.

O cultivo da melancia constituiu uma outra alternativa. A melancia foi uma outra marca que identificou os americanos na agricultura local. Dizem os descendentes que o americano Joe Whitaker trouxera durante sua viagem sementes de uma qualidade de melancia até então desconhecida no Brasil, a "*cascavel da Geórgia*", e que, ao cultivar com sucesso na sua propriedade, foi seguido pelos seus compatriotas. E por isto, Santa Bárbara e Vila Americana ficaram conhecidas por muito tempo como produtoras de melancia, e toneladas da fruta eram transportadas na Estação.

No entanto, as circunstâncias históricas comprometeram o cultivo da melancia. Na década de 90 do século passado, uma epidemia de febre amarela irrompeu na região, sendo a cidade de Campinas uma das mais afetadas. Como medida preventiva, as autoridades sanitárias proibiram a comercialização e o consumo da melancia, confiscando a produção de Santa Bárbara, porque julgavam que a doença fosse transmitida através da fruta. Os pedidos dos americanos para revogar a medida junto às autoridades governamentais não foram imediatamente atendidos, e até que se resolvesse a questão, e se encontrassem os outros

agentes transmissores da febre, muitos americanos perderam sua produção.

Nas primeiras décadas deste século, o cultivo de melancia estava bem generalizado na localidade, e, ainda em 1909, a safra de Santa Bárbara representava a metade da produção do estado de São Paulo. Os lavradores de Vila Americana organizaram, por esta época, um sindicato para exportar melancias e melões, que não tinha a participação de americanos<sup>100</sup>. O cultivo, então, não era mais restrito aos americanos, estando disseminado entre os agricultores locais, dentre eles italianos. Reconhecida a procedência americana da fruta ainda durante muito tempo - daí as referências da melancia de "*semente americana*" nos classificados das casas agrícolas dos periódicos locais -, a melancia acabou por marcar a própria localidade, que assimilou-a rapidamente, ficando conhecida a qualidade da fruta aí cultivada por "*melancia Santa Bárbara*".

Em suma, as economias agrícolas do algodão, da cana e da melancia, que sustentavam o estabelecimento dos americanos, passavam constantemente por crises cíclicas e, portanto, a medida que iam se tornando inviáveis, comprometiam a propriedade e a posse efetiva da terra. Estas economias constituíram economias secundárias, principalmente quando comparadas àquela que foi, notadamente após a implantação da República, a atividade econômica central de São Paulo, a cafeicultura.

Seja como for, a economia agrícola local, que os americanos tinham dinamizado a partir da década de 60 do século passado com novas técnicas e produtos, passou a ser

---

<sup>100</sup>O Trabalho, 15/08/1909.

difundida para os agricultores locais e, nas primeiras décadas deste século, não era mais exclusiva dos americanos.

Inicialmente, os imigrantes foram identificando-se e sendo identificados como americanos associados à economia agrícola local: era o arado americano, o tróli, o algodão, a melancia, a Vila Americana. Mas a organização da economia agrícola foi sendo construída em bases historicamente frágeis, e estas marcas foram se tornando fluidas com o tempo para identificar os americanos. Mesmo porque as trajetórias dos negócios dos imigrantes caminharam para o afastamento do trabalho na terra.

### O escravo

Se a propriedade da terra era condição fundamental para o estabelecimento do imigrante, a compra de escravos era desejável na medida em que estes viabilizassem mais rapidamente os negócios agrícolas. Mas a quantidade de escravos adquiridos pelos americanos foi insignificante<sup>101</sup>.

Em registros dos livros de Escrituras de Escravos do Cartório de Santa Bárbara estão listados 49 registros de americanos que compraram escravos no período de 1866 a 1880, totalizando 66 escravos.<sup>102</sup> Ao se cruzar os registros de compra

---

<sup>101</sup>Somente 20% dos imigrantes adquiriram escravos para trabalhar em suas propriedades em Santa Bárbara ( apud. Goldman, 1972).

<sup>102</sup>V. Anexo V. Ao que parece, a aquisição de escravos fora de Santa Bárbara também foi mínima. Considerando que Campinas era um mercado considerável de escravos, constam poucos nomes de americanos listados nos livros referentes ao "*Imposto de Meia Siza de Escravos*" do Arquivo da Coletoria de Campinas entre anos de 1866-1875 (Arquivo da Coletoria de Campinas. Centro de Memória da Unicamp).

de terras em Santa Bárbara no mesmo período<sup>103</sup>, tem-se que a proporção entre o número de registros de compra de terras por americanos e também de compra e venda de terras entre americanos (que totalizam 63 registros no período), e o número de escravos comprados (66 escravos) é de pouco mais de 1 escravo por propriedade. Considerando que se tratavam de médias propriedades de até 100 alqueires, efetivamente a utilização da mão-de-obra escrava foi bastante reduzida.

A não-aquisição de escravos pelos americanos pode ser explicada pelas dificuldades de viabilizarem a economia agrícola, particularmente do algodão. Mas a literatura atribui o fato à não-adaptação dos americanos a um novo contexto de relações raciais, menos demarcadas aqui para indicar posições sociais do que no Sul dos Estados Unidos.<sup>104</sup>

Os escravos brasileiros, inseridos neste contexto, eram considerados pelos americanos de difícil trato. De fato, nota-se, freqüentemente, nos registros de compra de escravos, que um mesmo escravo era vendido mais de uma vez para diferentes proprietários americanos, o que pode indicar dificuldades nas relações entre estes e seus escravos. Alguns conflitos entre os americanos e os escravos brasileiros são lembrados, como um certo caso de um americano que foi morto a enxadadas por um negro que lhe roubava batata-doces do quintal.<sup>105</sup>

---

<sup>103</sup> V. Anexo IV.

<sup>104</sup>Harter (1987) descreve este contexto, que provocava estranheza entre os americanos vindos do Sul: *"as mulheres não podiam visitar uma vizinha nas redondezas sem a presença de uma criada e, quase sempre, era difícil dizer qual delas era a patroa - pois sua cútis eram iguais. Entre elas havia negras tão retintas quanto às etíopes."* (p. 74)

<sup>105</sup> *Santa Bárbara guarda a memória dos Confederados*. Correio Popular. Campinas. 15/11/81.

Neste sentido, alguns descendentes resgatam que seus antepassados eram visivelmente "racistas". O preconceito em relação ao negro é considerado atributo dos americanos, e dos americanos vindos do Sul, principalmente quando se resgata as condições em que alguns vieram, expulsos de uma guerra em que justamente se lutava pela continuidade da escravidão - embora o racismo fosse também manifesto pela sociedade local e, portanto, não fosse exclusivo dos americanos.

Mas também os descendentes contam casos em que se estabeleceram relações cordiais entre os seus antepassados e os negros. Alguns escravos adotaram nomes ingleses, como os escravos das famílias Bowen e Britt, que, como era difícil de pronunciá-los em português, passaram a ser chamados de Bueno e de Brito, e alguns tornaram-se protestantes.<sup>106</sup>

Entre, de um lado, os conflitos e, de outro, relações cordiais entre os americanos e os seus escravos, acabou por prevalecer a cordialidade, ao modo das relações raciais brasileiras, como explicou certa ocasião, o Sr. Jaime Jones:

*"Os americanos do Sul olhavam seus escravos como crianças, como um ser em desenvolvimento, por isto cuidavam bem deles."*<sup>107</sup>

---

<sup>106</sup> Apud. Harter (1982).

<sup>107</sup> Apud. *Os cemitérios das espulturas que falam*. Diário de S. Paulo, 13/03/66.

Ao resgatar a experiência da imigração dos americanos do Sul em São Paulo, Gilberto Freire (1971) conclui, talvez com certo exagero:

*"A maioria desses sulistas norte-americanos que permaneceram no Brasil acabaram esquecendo os seus preconceitos de raça contra negros e mestiços. Isto em virtude do contato a que eram obrigados com profissionais ou chefes de indústrias de importância ou com senadores e deputados brasileiros, nem todos homens puramente brancos, antes gente de sangue misturado, branco e negro, e não de branco e ameríndio somente, embora a mistura mais comum em São Paulo tenha sido a do branco e do ameríndio" (p. 119)*

A não-aquisição de escravos pelos americanos, em um contexto diferenciado de relações raciais, explica porque a Abolição não teve nenhuma repercussão entre os imigrantes<sup>108</sup>, ainda que no Sul alguns tivessem lutado contra isto. A imprensa chegou a responsabilizar os americanos por um atentado a um senador abolicionista<sup>109</sup>, o que deveu-se muito mais às especulações sobre as origens sulistas que, propriamente, a uma posição anti-abolicionista que, provavelmente, os americanos aqui não tenham tomado.

Mesmo que a compra de escravos, assim como a propriedade da terra, fossem desejáveis para implementar a agricultura - e mesmo admitindo-se que alguns imigrantes vissem

---

<sup>108</sup> Apud. Jones (1967) e Harter (1982).

<sup>109</sup> Apud. Harter (1982).

no escravo, e na preservação das relações raciais que tinham conhecido em seu país, a possibilidade da reprodução do modo de vida sulista - historicamente isto não se sustentou.

### As igrejas protestantes

Protestantes em uma região majoritariamente católica, logo foram identificadas as diferenças religiosas entre os americanos e a população local, resultando em episódios de intolerância, como a necessidade dos americanos constituírem um cemitério próprio. A posição de alguns americanos foi a de demarcar estas diferenças, afirmando seus preceitos evangélicos e colaborando com missionários na construção de igrejas. Porém, outros não vincularam-se à religião protestante ou mesmo foram rompendo com as suas igrejas.

A colônia dos americanos em Santa Bárbara é descrita, nos primeiros tempos, como um rebanho sem o seu pastor. Apesar da existência de pastores entre os colonos, os serviços religiosos eram precários. Por isto, colonos faziam insistentes pedidos, nem sempre prontamente atendidos, às congregações evangélicas dos Estados Unidos para que viessem ministros, alegando o risco que os colonos corriam de se desviarem dos princípios evangélicos.<sup>110</sup>

Na década de 70, começaram a vir missionários para a região de Santa Bárbara, geralmente ligados às missões do Sul. As diretrizes das missões relacionavam-se mais com o proselitismo da fé junto à população brasileira do que, propriamente ditas, com as necessidades espirituais dos colonos.

---

<sup>110</sup> Apud. Antunes de Oliveira (1985).

Os trabalhos missionários no Brasil, que já haviam começado na primeiras décadas do século passado, apenas recebiam novo impulso e sustentação a partir dos imigrantes, tanto que Campinas, no caso dos presbiterianos, e Piracicaba, no caso dos metodistas, e não Santa Bárbara, foram eleitas como centros missionários. Seja como for, as igrejas construídas em Santa Bárbara e Vila Americana foram as pioneiras em suas denominações no Brasil.<sup>111</sup>

A vida religiosa dos americanos de Santa Bárbara, mesmo que as diversas denominações evangélicas apresentassem muitas vezes conflitos nos Estados Unidos, caracterizou-se pelo ecumenismo. Os cultos reuniam presbiterianos, batistas e metodistas - os próprios limites destas denominações entre os crentes americanos eram tênues. A vinculação de origem dos imigrantes era maior que as suas possíveis diferenças religiosas. Os imigrantes foram identificando-se e identificados - todos eles - como "*protestantes*", até mesmo aqueles que, de fato, não professavam esta fé.

O Cemitério do Campo e a Hopwell Church aí construída passaram a ser o centro religioso e social da colônia americana. Em suas depoimentos, os descendentes falam dos cultos, com orações, cânticos e escolas dominicais, que eram os pontos de encontro periódicos das famílias das vizinhanças, quando se faziam piqueniques. Pelo que dizem, o sentido dos cultos era,

---

<sup>111</sup>Em julho de 1870, instalou-se uma Igreja Presbiteriana na fazenda São Luiz, transferida depois para a região do Cemitério do Campo, a Hopwell Church; neste mesmo ano, instalou-se uma igreja metodista; e em 1871, uma igreja batista, a primeira no Brasil, no Campo, e, em 1879, outra igreja batista, a Igreja da Estação, na Vila Americana. O imigrante Charles Hall fundou entre 1895 e 1895 a Igreja dos Protestantes, em Vila Americana, onde hoje é o local sede da igreja presbiteriana atual (apud. Antunes de Oliveira (1985); "*Resumo Histórico dos Trabalhos Evangélicos em Americana*". Arquivo da Igreja Presbiteriana de Americana).

antes de tudo, manter os vínculos entre os compatriotas em uma outra terra que um sentido religioso propriamente dito.

Alguns historiadores do protestantismo concluem que os americanos não evoluíram enquanto uma comunidade religiosa<sup>112</sup>. Os relatórios dos pastores das igrejas de Santa Bárbara enviados para suas sedes confirmam condutas desviantes dos princípios evangélicos.

Nos primórdios de sua missão em Campinas, o Rev. Eduard Lane, pastor presbiteriano, escreve sobre os seus trabalhos à Missão de Nashville em 1875, identificando o desinteresse dos imigrantes para com a religião, sobrepostos a outros interesses:

*"Os americanos de Santa Bárbara que primeiro se reuniam, precisavam bem de arrependimento para com Deus, a fê para com o Senhor Jesus. [...] O estado da propulação estrangeira, do ponto de vista religioso, é deplorável. Um deles confessou a um dos membros da missão: 'Sou presbiteriano da Escócia, mas vim ao Brasil para ganhar dinheiro; deixei a religião em casa.'" ( Sessional Records, Hopewell Church, 1870-1871, Ata dos Prebísteros)*<sup>113</sup>

---

<sup>112</sup> Apud. Ferreira (1959) e Léonard (1963). A historiografia sobre o protestantismo remete para duas formas de expansão: o protestantismo étnico, como o originário dos imigrantes do Sul do país, no caso os luteranos alemães; e o protestantismo de missão. No caso dos batistas, metodistas e presbiterianos, a bibliografia aponta para o protestantismo de missão.

<sup>113</sup> Apud. Ribeiro (1981).

Os missionários, às vezes, impunham sanções diante de situações consideradas transgressoras. Os casos de alcoolismo entre os membros da colônia são exemplares. As Atas da Igreja Hopwell registram o caso de dois de seus comungantes que, depois de várias insistências dos presbíteros em sessões da igreja, "*em conseqüência da sua bebedice inveterada*", um dos membros "*a seu próprio pedido foi excomungado dos privilégios e ordenanças da Igreja*"<sup>114</sup>.

Os interesses dos missionários e dos imigrantes no que se refere à expansão de suas igrejas divergiam. Nos relatórios dos missionários, fica evidente o sentido de proselitismo dos seus trabalhos em divulgar a fé sobretudo aos brasileiros, não se restringindo apenas aos americanos<sup>115</sup>. Além das já mencionadas rupturas com os valores religiosos em seu comportamento, o interesse dos imigrantes não era o proselitismo.

Os missionários batistas reclamavam da falta de empenho dos americanos, colocando em questão se "*[...] Santa Bárbara seja o lugar próprio para o nosso trabalho entre os brasileiros*", suspeitando mesmo que a presença dos americanos, pela sua conduta, "*ao invés de ser uma ajuda, uma vantagem, poderia ser um sério obstáculo no caminho do sucesso de qualquer missão para os brasileiros*".<sup>116</sup> Assim como, por outro lado, a quantidade de igrejas e de missionários em Santa Bárbara era estranhada por alguns americanos, como no caso de um coronel sulista que

---

<sup>114</sup> Apud. Revista Teológica. Seminário Presbiteriano do Sul. Campinas, ago 1992, no. 36, ano LIII.

<sup>115</sup> Neste sentido, os missionários da Primeira Igreja Batista de Santa Bárbara reforçavam em correspondência à Foreign Mission Board, de Richmond, em 1890, a conversão dos brasileiros e o fato de já estarem pregando em português (apud. Antunes de Oliveira, 1985:318).

<sup>116</sup> Apud. Antunes de Oliveira (1985:263).

escreveu a uma autoridade americana: "[ se não havia] um meio de suprimir estes ministros protestantes que procuram sempre dividir-nos quando somos tão poucos?".<sup>117</sup>

Diante do proselitismo dos missionários, os imigrantes, em contrapartida, tinham uma posição de isolamento. É que vivendo em uma localidade de maioria católica, os americanos, identificados como protestantes, iam constituindo, estrategicamente, uma comunidade moral respeitável, diferente da população local.

As igrejas protestantes de Santa Bárbara tiveram dificuldades de se manter pelo fato de possuírem poucos membros, restritos aos americanos, e, como decorrência disto, pela falta de recursos, como escreve o Rev. Edward Allen Puthuff a sua missão em Richmond:

*"A Igreja Batista, aqui, organizada a 10.09.1871, composta exclusivamente de americanos, tem, no presente, um total de 24 membros. Entre esses imigrantes de nossa Pátria estão muitas famílias de brasileiros os quais possuem, geralmente, muitos filhos. A Vila, por si, é povoada principalmente por nativos, porém, cremos que essa pequena Igreja, ainda que plantada aqui há 15 anos passados, precisa, ainda, de algum auxílio, amparo da maior fonte de batistas, antes que se possa tornar-se uma luz forte da vida cristã."*<sup>118</sup>

---

<sup>117</sup> Apud. Ribeiro (1981).

<sup>118</sup> Apud. Antunes de Oliveira (1985:304-305).

Os esforços das missões protestantes tiveram resultados consideráveis, notadamente após a Proclamação da República<sup>119</sup>. Calcula-se que em 1888 fossem 50 as comunidades presbiterianas no Brasil, e em 1895 já os evangélicos somavam perto de 30.000<sup>120</sup>. Desta expansão, muito pouco pode ser considerado como resultado do empenho das igrejas protestantes de Santa Bárbara.

Os imigrantes americanos de Santa Bárbara não formaram uma comunidade religiosa considerável, ainda que fossem identificados como "*protestantes*". Com o tempo, esta referência torna-se diluída, uma vez que o protestantismo vai se espalhando por várias regiões brasileira, e mesmos os descendentes vão assumindo outras religiões.

### As escolas americanas

Assim como havia falta de igrejas para professarem a sua fé, também os americanos ressentiam-se da falta de escolas onde pudessem educar os seus filhos.

Em Santa Bárbara não havia escolas, e a maioria na região eram escolas confessionais católicas. As escolas rurais próximas aos sítios dos imigrantes somente seriam construídas duas gerações mais tarde. A solução imediata foi o ensino informal nas famílias, onde as mães, algumas professoras, alfabetizavam as crianças. As famílias mais abastadas contratavam professoras

---

<sup>119</sup>Não cabe aqui explicar os resultados da expansão do protestantismo. Situado, todavia, que o projeto republicano de separação entre Igreja e Estado, teria proporcionado a liberdade de culto e maior facilidade de expansão do protestantismo.

<sup>120</sup> Apud. Ribeiro (1981:85).

americanas que, agregadas às residências, ensinavam a educação básica. Esta educação informal prezava o ensino em língua inglesa.

Notadamente, escolas americanas de orientação protestante foram instaladas na região inicialmente com o propósito de atender a demanda dos imigrantes. Em Campinas, foi fundado em 1869 pelos missionários presbiterianos Morton e Lane, o Colégio Internacional, e, mais tarde, em Piracicaba, os metodistas fundaram o Colégio Piracicabano em 1881<sup>121</sup>.

No entanto, a fundação destes colégios foi, antes de tudo, com o intuito de servir como estratégia de divulgação dos trabalhos missionários, visando promover, ainda que sutilmente, os valores protestantes. Utilizados como forma de proselitismo religioso, estes colégios americanos - colégios para os imigrantes americanos - foram sendo incorporados pela elite local, embora esta não necessariamente se tornasse protestante.

A clientela das escolas americanas era constituída em sua maioria por brasileiros. O "*Catologo do Collegio Internacional de Campinas - Anno Collegial de 1877*" não lista nenhum aluno originário de Santa Bárbara, sendo que constam apenas 6 alunas (americanas) originárias desta localidade, em um total de 47 alunas listadas. Os alunos brasileiros listados constituíam-se filhos da elite republicana campineira.<sup>122</sup> A escola, fundada em 1871, rapidamente passou a ser o reduto do Partido Republicano campineiro.

---

<sup>121</sup> Em São Paulo, os presbiterianos fundaram o Mackenzie College em 1870.

<sup>122</sup> Apud. Ribeiro (1981).

O Colégio Piracicabano, por seu turno, efetivou a aliança entre metodistas e republicanos de Piracicaba, estes representados pelos irmãos Prudente e Antonio de Moares Barros, o primeiro tornado presidente na futura República<sup>123</sup>. O colégio, fundado à princípio como um internato de meninas a fim de atender às filhas dos imigrantes americanos, teve como primeira aluna a filha de Antonio Gomes de Escobar, um jornalista liberal e anti-clerical. Dos 425 alunos matriculados no período de 1881 a 1891, constam 46 americanos originários da colônia de Santa Bárbara, portanto apenas 10% do total dos alunos.<sup>124</sup>

O sucesso destes colégios deveu-se aos valores que permeavam a sua proposta educacional. Estes valores, identificados como valores americanos, eram tidos como liberais e progressistas, o que atraiu a elite republicana. Barbanti (1977) contextualiza:

*"numa Província como a de São Paulo, que despertava para grandes questões do século - democracia, liberalismo, cientificismo, laicização da vida pública, formação da mulher, educação popular - seriam justamente as elites políticas e culturais as primeiras a incentivar o trabalho dos missionários protestantes americanos" (p. 156)*

---

<sup>123</sup> Apud. Barbanti (1977) e Mesquita (1992).

<sup>124</sup> In Veiga. *Antigos alunos do Colégio Piracicabano*. Jornal de Piracicaba, SP, 19 jul a 22 nov 1981.

Assim é que a clientela destes colégios, ainda segundo Barbanti(1977), era composta das vanguardas políticas e culturais paulistas, como fazendeiros de café, médicos, advogados, jornalistas, comerciantes; além, é claro, dos imigrantes americanos.

Os americanos de Santa Bárbara ao estimularem o projeto das escolas dos missionários protestantes, que passaram a ser referência para a elite republicana, associavam-se também, eles próprios, a esta elite e aos valores que ela defendia.

### A maçonaria

O americano Cel. William Norris ao desembarcar no Rio de Janeiro foi ajudado por dois irmãos judeus Nathan que indicaram que as melhores terras estavam no interior da Província de São Paulo: todos eram maçons. Este caso mostra que o fato de alguns americanos afirmarem-se como maçons foi uma maneira de, nos primeiros tempos, viabilizarem a comunicação com uma parcela da população brasileira, estreitando os contatos, além do que permitiu também articular os próprios membros da colônia em Santa Bárbara.

A Loja Maçônica George Washington de Santa Bárbara foi fundada em 1874 pelo Cel. Willian Norris que se tornou o seu primeiro Grão-Mestre, sucedido depois pelo seu filho, Robert. Muito mais do que o espaço de tradicionais rituais maçônicos, a loja foi, tomada de um outro sentido, tornando-se um espaço social dos americanos: "... servia como casa de reunião, escola, igreja e outras atividades sociais, incentivando também o

*estabelecimento de escolas*"<sup>125</sup> Assim é que consta que Antonio Teixeira de Albuquerque, primeiro ministro batista brasileiro, foi nomeado pastor na Loja em 1880, já numa cerimônia realizada em português - fato que vêm estranhamente aproximar a maçonaria do protestantismo.<sup>126</sup>

A maçonaria constituiu também um elemento de ligação entre os americanos e a elite local. A associação entre os americanos e os irmãos republicanos Moraes Barros, influenciou os últimos a fundarem "*Loja de Piracicaba*" em 1875<sup>127</sup>. Por esta época, a maçonaria vinha a se constituir como um reduto do republicanismo<sup>128</sup>.

A literatura aponta para um desaparecimento misterioso da "*Loja George Washington*", ainda que, em 1900, o jornal "*O Barbarense*" tenha publicado um pequeno anúncio, assinado por Robert Norris convocando "*the actual members of Washington Lodge will meet at Mr. John Donn's*". Se por esta época, a Loja, que teve duração efêmera - acompanhando a própria trajetória de dispersão dos americanos e descendentes -, já estava destituída de seu lugar histórico, não contribuindo decisivamente para articular os próprios membros da colônia americana, pelos

---

<sup>125</sup> Apud. Goldman (1972).

<sup>126</sup> Apud. Antunes de Oliveira (1985:249).

<sup>127</sup> Apud. Barbanti (1977) e Mesquita (1992). Os Moraes Barros, advogados, nos registros do Cartório, aparecem por vezes como procuradores de americanos, e, ainda, fizeram sua defesa em processos civis e criminais em Piracicaba (Barbanti:1977:48).

<sup>128</sup> Sobre as relações entre protestantismo, maçonaria e republicanismo, remeto particularmente a Vieira (1980).

menos, fê-los associar-se cada vez mais a determinados grupos de brasileiros, como os republicanos.<sup>129</sup>

### Ser americano no Brasil

Passada pouco mais de uma década de sua chegada, os imigrantes organizaram o seu estabelecimento em Santa Bárbara através da economia agrícola e de suas instituições. Rev. Quillin, missionário batista, descreveu, em janeiro de 1880, uma crônica sobre a situação dos americanos:

*"O número de norte-americanos no Brasil não é conhecido. Mas, cremos que a maioria deles mora nesta Província [São Paulo]. O principal grupo está estabelecido em Santa Bárbara e adjacências. Existem aqui quatro grupos, numa população de 300 americanos e talvez 2.000 brasileiros, alemães, italianos, etc. O grupo anglo-americano está estabelecido aqui. Já tem sua Igreja, o cemitério, a escola, a Loja Maçônica, sua casa de fazenda, a plantação e o maquinário."*<sup>130</sup>

Estabelecidos em suas propriedade rurais, houve uma tentativa dos imigrantes isolarem-se. Assim, os americanos

---

<sup>129</sup> O fato de serem maçons identificou alguns americanos nas localidades. Em algumas lápides do Cemitério constam o símbolo maçônico, e mesmo a fundação da Fraternidade de Descendência Americana, em 1954, teve inspiração na maçonaria. Seja como for, a Loja hoje existente em Santa Bárbara, segundo informou dois de seus membros, não tem relação direta com a descendência, ainda que, como símbolos totêmicos, na entrada do lugar dos cultos, estão dispostas duas colunas, que atribuem serem as ruínas da antiga Loja George Washington dos americanos.

<sup>130</sup> Apud. Antunes de Oliveira (1985:244).

pretenderam conservar ao máximo as ligações com os seus compatriotas, tentando minimizar os contatos com a sociedade local, o que implicaria em não aprender o português; e havia o cuidado para que os casamentos ficassem restritos aos membros da colônia. Os descendentes falam hoje de um tempo passado em que os seus antepassados constituiriam uma "*comunidade fechada*".

Todavia, os imigrantes foram estabelecendo contatos com a sociedade local, particularmente através de seus negócios, inserindo-se na localidade, antes de tudo, como agricultores, mas também como profissionais liberais.

Assim, a família Pyles, proprietária de uma fazenda de algodão e cana, realizava constantes transações comerciais nas redondezas e também na capital. Como fazendeiros, os Pyles compravam em armazéns locais, adquiriam instrumentos agrícolas em lojas especializadas de Campinas, contratavam serviços de alfaiataria na capital e importavam produtos, como vinhos e conservas<sup>131</sup>. Além de fazendeiros, entre os americanos,

---

<sup>131</sup> Conforme documentação comercial da Fazenda Rochelle entre a década de 80 e início deste século constante do acervo do Museu da Imigração de Santa Bárbara. Tive oportunidade de conhecer a antiga sede desta fazenda e o curioso é que ainda existe a residência dos antigos proprietários construída, em 1990, ao estilo do Sul: com telhado inclinado (necessário, porque caía neve em algumas regiões do Sul), 6 dormitórios no andar superior, 2 salas de visitas e 1 sala de refeição, além de uma grande cozinha. O teto da sala é decorado com pinturas que remetem a temas religiosos. A casa foi um arroubo aristocrático, construída em plenos campos de Santa Bárbara, e até hoje, mesmo abandonada, causa impressões. Segundo contou-me um descendente dos Pyles, a sofisticação da construção deveu-se a uma disputa de família entre dois irmãos casados com duas irmãs, sendo que estas rivalizavam-se na construção da mais luxuosa das casas-sedes de suas fazendas que eram vizinhas (uma das casas, dizem, igual a que existe hoje, já foi destruída).

havia médicos e dentistas, reconhecidos os seus serviços por uma população carente destes profissionais.<sup>132</sup>

As experiências do estabelecimento dos imigrantes em Santa Bárbara, tornados estrangeiros em uma outra terra, foram identificando-os como "*americanos*". Assim, foram sendo conhecidos na localidade como "*agricultores*", daí o "*arado americano*", a "*melancia americana*", o "*semi-tróli*"; como "*médicos*" e "*dentistas*"; como "*protestantes*", daí a "*igreja dos protestantes*", "*o cemitério*", "*as escolas americanas*"; e conhecidos como "*maçons*"; tudo isto, localizado na "*Villa Americana*".

E os imigrantes, a medida que alargavam a sua presença na vida local através da economia agrícola e das instituições, foram sendo identificados a valores americanos, tidos como progressistas e republicanos, por uma elite liberal. A imagem dos Estados Unidos como o país do progresso e da civilização - em oposição ao Brasil - era, então, acionada para identificar os americanos de Santa Bárbara.

As identidades americanas foram sendo construídas na medida em que se negociavam as experiências relacionadas ao estabelecimento em Santa Bárbara e, também, as suas

---

<sup>132</sup> O Dr. Cícero Jones é lembrado por vários descendentes e moradores da localidade pelos seus serviços na região. O médico veio do Alabama ao Brasil em 1890, estabeleceu-se na Vila Americana, casando-se duas vezes com duas filhas do Dr. Robert Norris. O seu senso de oportunidade nos negócios fê-lo desenvolver várias atividades ao longo do tempo, além de médico: foi agricultor, professor, montou uma máquina de beneficiamento de algodão e comprou teares para montar uma fábrica de fitas sedas em Americana, uma das tecelagens primeiras da localidade. O médico foi também articulador político da emancipação da Vila Americana em município.

Quanto aos dentistas, eles reforçavam a fama que durante muito tempo houve no país sobre estes profissionais, sendo que a designação "*americano*" a um dentista já era a garantia de um bom serviço.

experiências de imigrantes de serem originários dos (imaginados) Estados Unidos da América. Neste sentido, os imigrantes tornaram-se americanos no Brasil.

Mas os imigrantes foram confederados no Brasil, como pretendem atribuir a eles hoje os seus descendentes, reforçados pela literatura que se sustenta no mito da reprodução de um modo de vida sulista e no pretense isolamento?

Se, de fato, existiu por parte de uns poucos imigrantes um projeto confederado - o que parece ser mais uma estória que os descendentes contam hoje sobre o que imaginam quem foram os seus antepassados - este naufragara no contexto dos processos de negociações identitárias. Primeiro, porque os grupos de imigrantes eram bastante heterogêneos, não necessariamente aristocratas e confederados; e, também, porque a conjuntura do Brasil no final do século XIX, com a Abolição e a República, exorcizava de vez um projeto aristocrático-escravista, melhor contextualizado na Monarquia. Estes imigrantes deixavam de ser confederados - o que muitos nunca o foram - para se tornarem, também, americanos no Brasil.<sup>133</sup>

---

<sup>133</sup> A bibliografia já vem discutindo a questão se os imigrantes foram "americanos" ou "confederados" no Brasil. Costa (1985) sustenta, ainda que relacione o americano à idéia de progresso, como o fora aqui apontado, que um projeto confederado e americano pôde ser justaposto pelos imigrantes: *"Paradoxalmente preservaram seus elementos de um projeto mítico de ocupação de uma posição social privilegiada como aqueles dos fazendeiros sulistas e portanto a valorização de instituições como a escravatura. Ao mesmo tempo, compelidos pelas necessidades reais do novo meio atuaram através de suas instituições de modo a perpetuar a liberdade, individualidade e democracia, apoiando incontinentemente a República quando proclamada."*(p. 193).

Por sua vez, Dawsey(1994) aponta para outras conclusões, mais próximas dos casos dos americanos de Santa Bárbara e Villa Americana aqui analisados: *"A eficácia simbólica dos laços de amizade que associavam republicanos a americanos se tornava possível mediante a condição de que os americanos fossem vistos realmente como americanos, portanto,*

Para ser americano no Brasil no final do século passado era necessário, então, que se configurassem algumas marcas identitárias que produziam diferenças para a população brasileira aliadas à imagem dos Estados Unidos como uma nação civilizada.

A afirmação de uma identidade americana no Brasil nesse contexto, contudo, foi uma configuração histórica possível, revelando, com o tempo, a fragilidade de sua construção - as identidades são fluidas e não existe um irredutível que as compõem. Estas identidades escondiam a heterogenidade dos grupos que saíram do Sul dos Estados Unidos e a diversidade de seus interesses - até mesmo os confederados, em meio deles - que passando por experiências comuns, como a imigração e o estabelecimento em Santa Bárbara, tornavam - todos eles - americanos.

A construção de uma identidade americana, então, foi sendo exorcizada pela história, cada vez mais se tornando difícil sua (re)formulação na medida em que se compunham as trajetórias dos imigrantes e descendentes.

O estabelecimento dos imigrantes e o pretendido isolamento, que produziam suas diferenças na localidade, não se sustentavam. A economia agrícola, que justificava a posse da terra, entrou em colapso; e as instituições, como as igrejas, as escolas e a maçonaria, foram perdendo sua importância.

---

*'progressistas', e não como confederados 'defensores da escravidão' ou sulistas 'retrógrados' adversários da industrialização." (p. 223)*

Como se verá a seguir quanto aos mecanismos de construção desta "identidade americana" - e não confederada - , nem mesmo esta foi possível sustentar-se historicamente.

Portanto, as marcas identitárias, negociadas nas localidades, tornavam-se, com o tempo, ténues para a identificação.

E se os imigrantes identificavam-se como americanos, associados a valores progressistas e republicanos, a medida que esses valores iam sendo incorporados por uma parcela da sociedade brasileira, deixavam de ser exclusivamente valores americanos - e dos americanos de Santa Bárbara e Americana - para tornarem-se constitutivos da sociedade paulista entre o século XIX e início do século XX e, por extensão, da sociedade brasileira.

Da mesma forma, os imigrantes americanos no Brasil iam tornando-se brasileiros, amalgamando-se à sociedade local e tornando-se invisíveis no conjunto da população. E as trajetórias dos filhos e netos dos imigrantes americanos rumaram neste sentido.

Uma situação historicamente localizada pode ser considerada significativa para a compreensão da construção e reformulação das identidades americanas no século passado: a tomada de posição dos imigrantes diante do Decreto de 15 de novembro de 1889 que determinava uma definição do estrangeiro no Brasil quanto a continuar a ser brasileiro ou naturalizar-se.

O Livro de Atas de "*Declaração de Estrangeiros*" da Câmara Municipal de Santa Bárbara registra que 22 americanos optaram pela cidadania americana e pela não-naturalização. Como contraponto, no Livro de Atas da "*Comissão Eleitoral*" da mesma Câmara aproximadamente 27 americanos de 1a. e 2a. gerações alistaram-se entre os anos de 1890 a 1894, o que

significa que eles assumiram a nacionalidade brasileira e a sua participação como cidadãos da República.<sup>134</sup>

O caso do imigrante americano Napoleão Bonaparte Mc Alpine é exemplar. Na lápide de sua sepultura, morto em 1921, no Cemitério do Campo registram-se os versos do poema "*Soldado descansa!*", identificando-o como soldado confederado da Guerra de Secessão. Este verso serviu de inspiração para o título da obra de sua neta, Judith Jones, onde, décadas depois, reforçou sua origem - dela e de seu avô - confederada.

Mc Alpine, contudo, declarou no Livro de Atas de "*Declaração de Estrangeiros*" sua opção pela continuidade da cidadania americana em 14 de junho de 1890. Mas, em 1o. de setembro, está registrada uma alteração onde o mesmo "*aceita a nacionalidade brasileira conforme o Decreto... que agora adota para sua pátria a muitos annos, ficando sem nenhum efeito a declaração feita neste livro em 14 de junho.*" Mc Alpine, realizou, depois, o seu alistamento eleitoral no Livro de Atas da "*Comissão Eleitoral*" em 1890.

O caso de Mc Alpine permite antever o conflito pelo qual passaram os imigrantes - e depois seus filhos e netos - diante da sua nacionalidade no novo contexto republicano: entre ser americano no Brasil, ou ser brasileiro, após 25 anos de seu estabelecimento em Santa Bárbara<sup>135</sup>.

---

<sup>134</sup> Conforme acervo do Museu da Imigração de Santa Bárbara d'Oeste.

<sup>135</sup> Esta dúvida entre continuar sendo estrangeiro ou assumir a nacionalidade brasileira teria aparecido para outros grupos de imigrantes como, por exemplo, os japoneses (in Castro, 1995) e os italianos (in Chiarini, 1992), ainda que em outros contextos, particularmente durante a 2a. Guerra.

### CAPÍTULO 3

## OS BRASILEIROS, DESCENDENTES DE AMERICANOS

### As trajetórias

As trajetórias das 2a. e 3a. gerações de descendentes de americanos de Santa Bárbara e Americana seguiram caminhos distintos, ainda que historicamente entrecruzados: ao pretense isolamento da 1a. geração, seguiram-se a dispersão e a fusão à sociedade local.

Os filhos e netos dos americanos não foram absorvidos pela economia agrícola local. Alguns complementaram os seus estudos em escolas de origem americana e foram absorvidos pelo mercado de trabalho de outras localidades, exercendo outras profissões; e disto decorreu a dispersão da maior parte da descendência<sup>136</sup>.

E os que ficaram continuavam a amalgamar-se à sociedade local. Se a inserção dos imigrantes da 1a. geração a partir dos seus negócios na localidade impusera, desde os primeiros tempos, o contato e tornara inviável o isolamento pretendido, esta inserção intensificou-se nas gerações seguintes. Os casamentos com pessoas de fora da colônia passaram a ser constantes e trouxeram como conseqüências o afastamento do

---

<sup>136</sup> Os relatos, e também a literatura, apontam que alguns da 1a. e 2a. gerações, insatisfeitos com a vida no Brasil, retornaram para os Estados Unidos, que se recuperava dos dias dramáticos do pós-guerra; todavia, não há dados estatísticos de quantos poderiam ter voltado.

convívio com os compatriotas e, como decorrência disto, o não-aprendizado do inglês. As reuniões sociais das famílias, como os cultos no Cemitério, passaram a acontecer com menos frequência.

Os contatos com os Estados Unidos, ao contrário dos primeiros tempos, foram diminuindo. As cartas dos parentes que lá ficaram, e os periódicos norte-americanos que traziam informações, foram tornando-se cada vez mais escassos. As experiências no Brasil foram distanciando os imigrantes de seus parentes e da sua terra natal. Uma filha de imigrante lembra que seu pai lia em voz alta, em inglês, as cartas enviadas pelos seus parentes que, por sinal, ficavam intrigados com a descrição que seu pai fazia da vida no Brasil, como da casa coberta de sapé onde moravam:

*"Então, eles falava assim para papai na carta: 'Mas que jeito é essa casa aí no Brasil, é estranho!'" (Entrevista com GT)<sup>137</sup>*

E conta, ainda, como estes contatos foram ficando distantes:

*"É, queriam ver a gente, mas gente não podia ir, papai não podia ir, eles também sei lá porque que não vinha, e ficou assim, não sei porque..." (idem)*

---

<sup>137</sup> Ver perfil dos entrevistados no Anexo VII.

Os descendentes iam intensificando a sua participação na vida local. As fazendas das famílias americanas iam diminuindo de tamanho e, aos poucos, em número cada vez mais reduzido, os descendentes adquiriam outros hábitos, iam freqüentando as mesmas igrejas, escolas e clubes, participando da política local, enfim, vivendo como qualquer outro morador de Santa Bárbara e Americana.

Assim é que se foi tornando cada vez mais difícil sua identificação como descendentes de americanos no Brasil, ainda que, hoje, eles lembrem em suas histórias de vida que se diferenciavam (e se diferenciam) dos outros: são brasileiros que, de alguma forma, ainda têm lembranças de serem americanos.

### **A vida profissional**

As trajetórias profissionais da descendência caracterizaram-se pelo afastamento do trabalho agrícola para outras profissões, particularmente as profissões liberais, nas cidades.

As lavouras das fazendas das famílias americanas, ainda no início do século, eram reconhecidas na localidade por sua eficiência e superioridade tecnológica. Os jornais destacavam, por exemplo, que os produtos agrícolas da fazenda dos Pyles e Irmãos foram premiados no Concurso Regional do 2o. Distrito Agrícola em Campinas<sup>138</sup>, e registravam que Alonso Keese e Irmãos, conhecidos produtores de aguardente, introduziam um novo e eficiente engenho de cana.<sup>139</sup> A princípio, alguns pais

---

<sup>138</sup> "O Barbarense", 26/08/1900.

<sup>139</sup> Idem, 12/08/1900.

orientavam os seus filhos, particularmente os meninos, para o trabalho agrícola, como recordam-se os que aprenderam os serviços do campo:

*"Eu aprendi arar feito bobo, eu era pequeno, então ia arando e falei: 'Pai, eu acho que não sou capaz de arar.' Ele falou: 'Não meu filho, não!' Então, o que ele fez, pôs eu, ele no cabo aqui... eu aprendi!"* (Entrevista com o ST)

No entanto, diante das dificuldades da economia agrícola local, as condições do trabalho na terra foram ficando cada vez mais precárias, impondo a organização de um árduo trabalho familiar. Os fazendeiros americanos, principalmente os menos abastados, além de administradores, acumulavam também o trabalho de lavradores, e foram ficando cada vez mais tênues as diferenças de funções entre os fazendeiros americanos e os seus empregados, os colonos "*caboclos*". Isto foi visto como um problema, haja vista que pretendiam assumir uma atitude de distanciamento em relação aos "*caboclos*", como quando, dizem alguns descendentes, os seus pais proibiam que brincassem com os filhos dos colonos:

*"Com os colonos? Meu pai em casa e eles nas casa dele. Não deixava passa a porteira pra lá. A minha mãe não deixava misturar com os empregado. Era minha mãe mais rígida."*  
(Entrevista com MWC)

Outros, os mais novos, lembram, ao contrário, como foram se tornando, ainda quando crianças, íntimos dos empregados, rechaçando o distanciamento:

*" Inclusive, eu passei a maior parte da minha infância comendo com uma família de negros que moravam no sítio... que eu gostei muito ... Eles tinha 12 filhos. E eu comia lá e comia nessas latinhas de goiabada, né? Porque eles não tinha prato... comia arroz, feijão, um caldinho de limão, alguma coisa assim, e não comia na minha casa." (Entrevista com AMK)*

O trabalho feminino era uma retaguarda importante para as economias das famílias. As mulheres administravam a vida doméstica, sendo que além dos serviços das residências- somente as famílias mais abastadas mantinham empregadas - algumas produziam banha e manteiga para vender, e as mulheres de famílias mais pobres chegaram mesmo a trabalhar na lavoura. Sobre sua mãe, uma descendente recorda-se:

*"Ela era um azougue. Levantava muito cedo... Sempre nós tivemos um empregado em casa, mas mesmo assim ela cuidava de horta, da comida, sempre fez... cozinhou muito bem, fazia pratos excelentes, era uma cozinheira assim de alto nível, tirava leite quando não tinha quem tirasse. Enfim, era um 'pau-para-toda-obra." (Entrevista com AMK)*

Então, ao ideal de mulher aristocrática - mais reforçado nos dias de hoje - foi se impondo a mulher trabalhadeira, que por isto mesmo tornou algumas independentes e decididas, principalmente se comparadas às mulheres de outras etnias:

*"[A mulher americana] Tem mais liberdade e tem mais vontade própria, de si própria, pra dominar. Você pode vê que a mulher americana não depende de nada pra ninguém, não depende de ninguém. Eu nunca dependi de ninguém pra nada. Então, eu ensino os meus filhos a ser assim."* (Entrevista com MWC)

Com o tempo, as propriedades rurais foram sendo divididas e depois vendidas. As famílias herdavam as terras divididas em alqueires menores entre os filhos, o que tornava anti-econômica a produção agrícola nas pequenas propriedades herdadas. Como decorrência disto, o patrimônio das famílias foi se deslocando das propriedades rurais para o patrimônio imobiliário das cidades.

Por seu turno, a economia da localidade diversificava-se, deixando de ser essencialmente agrícola. Em Santa Bárbara, a produção agrícola nas primeiras décadas deste século passou a ser monopolizada por grandes centros produtores de cana, como a Usina Santa Bárbara, e, posteriormente, a Usina Furlan e Usina Cillos, que foram absorvendo as pequenas e médias propriedades das redondezas, muitas delas de americanos; e, também, as indústrias de instrumentos agrícolas, desenvolvidas a partir da fabricação de arados americanos, particularmente nas oficinas de Américo Emílio Romi e João J. Sans, passaram a ser a referência

mais significativa da economia local. Em Villa Americana, as indústrias têxteis, particularmente a Indústria de Tecidos Carioba, passaram a dominar a economia.

A estratégia que se impôs como opção profissional, e ainda para alguns como uma forma de garantir uma certa distinção social, foi a orientação para os estudos:

*"Pelo que eu vejo aí na história e os vizinhos, a época era muito dura mesmo... O sujeito que não fosse estudado, escolarizado, se ele não fosse dentista, se ele não fosse advogado, se ele não fosse guarda-livro, ele não tinha opção, tinha que trabalhar na terra, que ele não conseguia emprego ... em São Paulo se ele não tivesse escolaridade. Então, ele tinha que ficar na terra." (Entrevista com JV)*

Os filhos e filhas dos agricultores americanos, destacavam as crônicas sociais dos jornais barbarenses, formavam-se agrônomos, engenheiros e professoras em escolas renomadas, como o Colégio Mackenzie, a Escola Agrícola de Piracicaba e o Colégio Piracicabano.<sup>140</sup> Uma descendente de 3a. geração conta que seu pai, agricultor em Santa Bárbara, filho de americanos, esforçou-se para que ela e seus irmãos tivessem o "Dr." na frente do nome: ela formou-se dentista, um de seus irmãos engenheiro e o outro, ainda que continue até hoje a administrar a fazenda herdada de seu pai, formou-se agrônomo<sup>141</sup>.

---

<sup>140</sup> "O Trabalho", 15/08/1909, 05/09/1909, 12/12/1909.

<sup>141</sup> Os pais valorizavam a formação nos estudos tanto para os meninos quanto para as meninas, o que possibilitou a inserção precursora de suas filhas em algumas profissões que se abriam ao mercado feminino.

As profissões rumaram do trabalho na terra para múltiplas ocupações, principalmente liberais: médicos, dentistas<sup>142</sup>, engenheiros, agrônomos, professoras, enfermeiras, funcionários de multinacionais; e os que não puderam estudar, tornaram-se operários e comerciantes. Estes profissionais liberais foram absorvidos pelo mercado de trabalho de localidades maiores no contexto da diversificação da economia paulista e brasileira com a industrialização das primeiras décadas do século. Assim é que os descendentes de americanos afastaram-se de Santa Bárbara e Americana, as localidades de seus pais.

Tais trajetórias profissionais vieram estabelecer oposições, no discurso dos descendentes, entre o trabalho agrícola e a profissão liberal, o campo e a cidade, e, ainda, a pobreza e a riqueza material:

*"Se o sucesso for medido pelo volume do dinheiro, muitos americanos não foram bem-sucedidos. A maior parte deles usou o que ganhou na educação dos filhos. As famílias eram numerosas e quando os filhos mais velhos se tornavam independentes e ganhavam o seu próprio dinheiro, mandavam para casa o quanto podiam, auxiliando assim a educação dos irmãos mais moços. Depois de educados, os filhos não queriam mais trabalhar na lavoura e iam para as grandes cidades, trabalhar nos empregos mais diversos. Acabaram os pais ficando na lavoura, sem forças para produzir muito e muito*

---

<sup>142</sup> Ainda valia discriminar a expressão "dentista americano" como sinônimo de bom profissional, como consta do anúncio do dentista Sr. Bony Green que retonava dos Estados Unidos ( apud."O Barbareense", 01/07/1900).

*orgulhosos para receber auxílio monetário dos seus filhos.*  
(apud. Jones, 1967:376)

E também hoje estas trajetórias opõem o passado ao presente: a primeira geração, que é associada às lembranças dos velhos fazendeiros americanos, e as novas gerações, identificadas às novas profissões.

### **Os casamentos**

Os imigrantes americanos, assim como a princípio a 2a. geração, procuraram conservar os casamentos entre as famílias até o início do século. Já, nas três primeiras décadas, na 3a. geração, os casamentos mistos eram superiores<sup>143</sup>.

Os descendentes, hoje, falam de um tempo passado em que os casamentos entre os pares significava a possibilidade de preservar a separação entre as etnias, embora, como se sabe, esta separação aqui muito pouco se efetivou. Os discursos justificam os casamentos reforçando a associação entre os antepassados e a sustentação de um possível projeto confederado e escravista. Seja como for, os casamentos entre os pares, nos primeiros tempos, significaram uma forma de garantir alguma diferenciação, étnica e religiosa, e os casamentos mistos não eram bem-vistos<sup>144</sup>.

---

<sup>143</sup> Ver Anexo VI.

<sup>144</sup> Um perfil dos casais dessa época pode ser delineado a partir da Certidão de Casamento que se segue, que faz parte do acervo do Museu da Imigração, sendo que grande parte dos casamentos não se registram no Cartório local, uma vez que os casamentos civis passaram a ser registrados a partir da República:

Por outro lado, para a 2a. e, principalmente, a 3a. geração houve uma atitude de tolerância em relação aos cônjuges não-americanos, como "caboclos", portugueses, italianos e negros. Os critérios de escolha dos filhos geralmente eram aceitos pelos pais que admitiam genros e noras de outras etnias, nacionalidades, e também de outras religiões e localidades<sup>145</sup>. Os relatos das histórias dos casais descrevem com estranheza os primeiros casamentos mistos, mas também revelam um certo conformismo com o que se tornou irreversível, principalmente para a 3a. geração:

---

*"Eu, abaixo assignado, Pastor ... da Igreja Evangelica Presbiteryana, certifico que aos 30 dias do mez de julho do anno de mil oitocentos e oitenta e cinco pelas 7 horas da noita na casa do Sr. William Seawright, tendo ocorrido os proclamas do costume, sem se descobrir impedimento algum, e sendo presentes como testemunhas os senhores Adoniran Judson Pyles e A.C. Thomas celebrei o rito religioso na mesma Igreja o acto de casamento do sr. Thomaz Alonso Keese, filho legitimo de Thomas L. Keese e sua mulher Francisca J. Keese de... anos de estado livre e profissão agricultura, natural do Texas, Estados Unidos e morador nos termos de Santa Bárbara com a senhora dona Emmie V. Seawright filha legitima de E.W. Seawright de 23 anos, estado livre, natural de Geórgia, E.U. e moradora nos termos de Santa Bárbara. E por ser verdade o referido, e para fins ordenados no Art..... passo a presente certidão que assigno. Estação de S. B., 30 de julho de 1883. Rev. Dabwey. Pastor Evangélico."*

Em 25/11/1919 registra-se no Cartório de Santa Bárbara o casamento da filha deste casal, Rosa May Keese, nascida em 02/11/1899, prendas, residente e natural de Santa Bárbara, Chácara Recreio, como o americano Henry Hill Dodson, 27 anos, nascido em 26/07/1892, lavrador, natural de Donalds, Carolina do Sul, Estados Unidos da América do Norte, residente em Santa Bárbara, filho de Charles Hill Dodson, 51 anos, residente em Donalds e D. Berlie Dodson, falecida em Donalds.

<sup>145</sup> O perfil dos casais registrados no Cartório indicam esta mudança. Considerando como exemplo os casamentos dos membros da família Keese, descritos na nota anterior, temos: em 22/02/1921, o casamento de Thomas Everette Keese, 24, nascido em 31/07/1896, lavrador, natural de Santa Bárbara, residente na Fazenda Jamaica, filho de Guilherme Walter Keese, 60 anos, e Augusta Mathilde Keese, 50 anos, com Cornélia Vasconcelos, prendas, natural de Descalvado, residente em Bragança.

*"Pouco tempo depois Dora se enamorou do seu professor de música, o espanhol Fabiano Lozano. Aquilo foi causa de preocupação muito grande, pois Fabiano não era americano e não tinha os mesmos costumes que Dora. Aquele casamento nunca daria certo. Procuraram convencer a moça alegando que seria arriscar muito casar com um pessoa de raça e costumes tão diferentes. Tudo em vão. Prevaleceu o amor. Casaram-se e viveram felizes muitos e muitos anos."* (apud. Jones,1967:379)

A escolha de cônjuges não-americanos resultou das próprias trajetórias da descendência. Os casamentos entre os pares já não se viabilizavam diante de um grupo reduzido e que se inseria na sociedade local:

*"...Talvez a primeira geração a se casar, a geração que veio de lá criança, tenha sofrido uma certa pressão pra haver casamentos só com descendentes americanos, mas a colônia é pequena, não dá pra ficar só nisto, nunca deu, mesmo no começo teve gente que se casou com brasileiro. O velho Wilber Mac Knight era casado com brasileira... A minha geração [3a. geração], que eu saiba, não sofreu pressão nenhuma."*  
(Entrevista com ALC)

As lembranças dos namoros, da escolha do cônjuge, do casamento - alguns deles celebrados em igrejas católicas - remetem a outros valores associados a seus companheiros que passavam a ser prezados pelos pais, principalmente para as filhas, como o fato de serem honestos, trabalhadores e, ainda,

terem posses, e não propriamente a sua origem nacional, étnica ou religiosa, como ressalta uma senhora que se casou com lavrador, filho de italianos:

*"[ O pai] Achava que ele [o marido] era trabaiadô, família boa, né? Não era rico, mas muito trabaiadô!"* ( Entrevista com GT)

Os casamentos mistos, para os descendentes, explicam, em última instância, a sua ruptura com a língua inglesa e a religião protestante nos dias de hoje. Assim é que os próprios descendentes definem-se como mais ou menos americanos de acordo com a trajetória dos casamentos de seus antepassados. A idéia é a de que os atributos culturais estariam garantidos bastando a manutenção dos aspectos biológicos, pode-se dizer genéticos, através dos casamentos.

Para os descendentes, em diferentes temporalidades, parece ser a biologia que determina a cultura. No passado, os casamentos mistos provocaram a ruptura com a tradição americana porque se perdera uma linhagem genética; e, no presente, os descendentes remetem para a genealogia, considerando-a como garantia, às vezes a única, da autenticidade de serem americanos<sup>146</sup>.

---

<sup>146</sup> A pesquisa veio demonstrar, contudo, que a ascendência não é condição *sine qua non* para alguém "ser americano": é notória a participação nas reuniões e nas festas de cônjuges e amigos não-descendentes que compartilham de experiências e lembranças comuns aos descendentes. Durante a pesquisa, às vezes, consegui obter mais informações com os não-descendentes do que com os próprios. Isto justifica porque não me utilizei de genealogias como estratégia de pesquisa.

### A vida familiar

As famílias foram constituindo o último reduto das tradições americanas. Ao mundo doméstico e ao espaço privado foram se opondo o mundo do trabalho e o espaço público, quando os descendentes foram se dispersando por outras localidades ou se inserindo na vida local. As lembranças da vida familiar remetem para o passado rural nas fazendas, para um tempo em que hábitos, como a comida e a língua, são identificados com o mundo doméstico.

As refeições são lembradas como os momentos mais identificados à ancestralidade americana. A comida era a base de milho e frango frito. O cardápio dos pratos americanos eram variados: corn-bread, egg-bread, lemon pie, biscoitos, bacon pins, entre outros. O bisquit, o pãozinho de coalhada, é o mais lembrado para sugerir o ambiente doméstico: ele remete a uma memória afetiva, dos cafés da manhã em família, dos pais, da cozinha da casa, da fazenda, como o personagem proustiano que ao comer as "*madeleines*" lembrou da sua infância em Combray<sup>147</sup>.

As mulheres formavam uma rede de conhecimentos culinários que transcendia a descendência. Sogra americana ensinavam às noras italianas as suas receitas, que por sua vez ensinavam-nas às filhas, etc. No entanto, estas redes foram desaparecendo e muitas descendentes ressentem-se hoje de não

---

<sup>147</sup> As lembranças das comidas remetem também aos piqueniques das famílias no Cemitério do Campo, outro espaço da lembrança, que está para a Combray do personagem proustiano.

terem aprendido ou de terem esquecido as receitas<sup>148</sup>. É que as famílias também aprendiam a comer a alimentos nacionais.<sup>149</sup>

Recentemente, foram promovidas aulas de culinária pela Fraternidade de Descendência Americana para uma grande parte de mulheres que não sabiam cozinhar os pratos que eram feitos por suas mães e avós. Ao provarem os pratos, emergiam as lembranças de suas famílias.

O inglês era ensinado aos filhos pelas famílias, constituindo a primeira língua da maioria da 2a. e de uma parte da 3a geração. A preocupação dos pais era ainda com os estudos em língua inglesa e, para tanto, alguns contratavam professoras de famílias americanas para ensinar as crianças em suas residências, antes que elas fossem para as escolas de origem americana. A língua servia também, nos primeiros tempos, como uma forma de diferenciar os americanos e os brasileiros.

Contudo, as necessidades impostas pelo contato estabeleceram um distanciamento entre o fato dos descendentes falarem o inglês nas conversas em família ao mesmo tempo que precisavam comunicar-se com os colonos e empregados domésticos, uma vez que passavam a estudar nas escolas rurais e que frequentavam os cultos já realizados em português. Os descendentes contam as dificuldades de não saberem falar português quando crianças:

---

<sup>148</sup> Na década de 70, foi publicado um livro de receitas de pratos americanos por uma descendente como uma tentativa de recuperar a culinária das famílias americanas que se perdera.

<sup>149</sup> Harter (1987) lembra, entre os pratos americanos, como foi sendo incorporada a mandioca ao seu café da manhã.

*"Nós nunca dizíamos você, 'you', porque... - cê sabe que você em inglês é 'you' e usa 'you' pra todo mundo, até pro presidente, não é que nem aqui que você fala você, mas pro presidente você vai falar 'senhor' - , então, nós aprendemos assim, mas quando nós falávamos com um brasileiro, se ele era mais velho, nós não podíamos falar 'você', tínhamos que falar 'senhor', 'senhora'. Então, papai dizia que era um respeito, costume aqui do Brasil, então nós tivemos que respeitar isso aí." (Entrevista com ALV)*

Outros antecipavam as dificuldades que possivelmente pudessem se impor e incentivavam a aprendizagem do português:

*"Eu acho que o pai tinha um pouco daquilo que a família Minchin tinha...: 'Você está no Brasil, tem que falar português'. 'Cê entendeu? O bisavô dele, o Minchin, não o Scurlock, o Minchin dizia abertamente: 'Nós estamos no Brasil, nós temos que falar português'" (Entrevista com JV)*

Nesse contexto, o aprendizado em inglês foi perdendo sentido, com exceção dos que o utilizaram para se posicionar no mercado de trabalho, como funcionários de multinacionais e professores. O inglês deixava de ser ensinado pelos pais, principalmente quando um deles não era descendente de americanos, ressalvando-se que as famílias cujas mães eram descendentes - novamente as mulheres estão associadas ao mundo doméstico e à tradição - foram as menos refratárias desse processo. Uma senhora que ensinou o inglês a seus três filhos, relata, contudo, as suas dificuldades:

*"Não é fácil você ensinar uma língua pra uma criança dentro de casa e ela só ouvir outra fora de casa. Eu sei, porque eu fiz os meus falarem a língua. Então não foi fácil. É muito mais fácil falar português." (Entrevista com ALC)*

A maioria da 3a. geração hoje não sabe além de algumas noções do inglês, que aprenderam quando crianças mas esqueceram ao longo de sua vida, e lamentam hoje não terem aproveitado a oportunidade de aprendê-lo com os seus pais, principalmente uma língua que possibilita oportunidades no mercado de trabalho. Ao contrário do passado, quando não falar o português dificultava o contato com os brasileiros, o fato de não saberem o inglês agora dificulta os seus possíveis contatos com os norte-americanos, como os que vêm às festas no Cemitério.<sup>150</sup>

A se julgar pelos hábitos familiares, como a comida e a língua, ao mundo doméstico, o espaço privado, foi se justapondo o mundo do trabalho, o espaço público, quando as trajetórias da descendência implicaram nas rupturas com a tradição. Existem, contudo, algumas lembranças de um tempo perdido, de uma infância quando nas refeições em família comia-se os pratos americanos e falava-se o inglês.

---

<sup>150</sup> Quanto aos mais velhos que sabem o inglês aprendido em família, casos cada vez mais raros, dizem que mantêm o sotaque sulista. Provavelmente, o seu inglês remeta ao que se falava no Sul no século passado. Seja como for, alguns entrevistados carregam em palavras no português o sotaque no "r" (em termos fonéticos, o "r" retroflexo) como se fala no inglês (um descendente disse que é este "r" nos termos em português que o identifica como americano), ainda que este sotaque seja comum entre os moradores da região de Santa Bárbara d'Oeste.

### A vida religiosa

Os filhos e netos dos americanos tomaram contato com a religião protestante de seus pais e parentes, no entanto, a sua formação consistiu mais no ensino religioso informal transmitido pelas famílias e nos cultos realizados no Cemitério do Campo do que na sua participação efetiva em igrejas.<sup>151</sup>

Os princípios protestantes foram ensinados pelas famílias na infância. As lembranças das mães lendo histórias da Bíblia para as crianças nas salas das casas de fazenda após o jantar, muitas delas tocando ao piano os hinos evangélicos, é a imagem de uma memória afetiva que os descendentes mais associam à sua formação evangélica:

*"... Ele [o pai] nos conta que a mãe dele ... Toda noite, ela reunia os filhos, quando eles estava com, com a mãe, né?... Reunia os filhos, lia um trecho da Bíblia, comentava alguma coisa, fazia oração... Então, dessa, dessa maneira, ela estava transmitindo alguma coisa pa, para os filhos, né? A respeito de... a respeito de... vamos dizer assim de, não vou dizer religião, mas a respeito do, do Evangelho." (Entrevista com JK)*

Neste sentido, foram as mulheres, na maioria das vezes, as responsáveis pela transmissão do ensino religioso uma vez que os homens não se preocupavam muito com a religião. As

---

<sup>151</sup> Os únicos católicos dentre as famílias americanas, dizem os descendentes, eram os Demaret, que ficaram conhecidos por esta diferença.

mulheres estão associadas ao espaço doméstico, lugar do sagrado, que opõe-se aos homens, relacionados ao espaço público, lugar do profano.

Os cultos periódicos no Cemitério do Campo, que complementaram a formação evangélica da descendência, são outras lembranças associadas à religião<sup>152</sup>. Estes cultos também supriam a educação religiosa formal das igrejas, distantes das fazendas<sup>153</sup>. Neles, muitos aprenderam os procedimentos rituais de um culto protestante, ouvindo as prédicas dos pastores convidados e freqüentando a escola dominical.

Mas os cultos não eram somente um encontro dos crentes. Os descendentes pretendiam, através dos cultos, manter uma rede de parentes e amigos, nem todos eles americanos - e nem mesmo protestantes - como decorrência dos casamentos mistos.

As famílias vinham para encontrar os parentes, e até realizar negócios: algumas mulheres, disse uma descendente, vendiam, dentro da capela, prendas domésticas - "*coisas pra comer e coisas pra vestir*" - como toucas, aventais e toalhinhas de mesas, geralmente visando arrecadar dinheiro para a manutenção do Cemitério; outra disse que sua mãe promoveu bazares, quermesses e audições de piano para a construção da capela.<sup>154</sup>

---

<sup>152</sup> Alguns lembram-se, ainda, que pastores eram convidados a ministrar cultos em suas residências de tempos em tempos.

<sup>153</sup> A participação nas igrejas protestantes de Santa Bárbara e Americana restringia-se a poucos descendentes, que passaram a freqüentá-las mais assiduamente quando mudaram-se para as cidades.

<sup>154</sup> Entrevistas, respectivamente, com ALV e PJ.

Nem todas as famílias, todavia, preocupavam-se com a religião. A vida estritamente voltada ao trabalho, principalmente nas famílias menos abastadas, implicou em um distanciamento da vida religiosa. Disto decorre que nem todas têm as lembranças das mães ensinando religião na sala-de-estar, ainda que estas sejam as imagens de uma memória tornadas públicas durante as solenidades das festas para sugerir que são compartilhadas por todos os descendentes:

*" ... mas em casa não havia assim, vamos dizer, sessões de leitura bíblica, sessões disso, sessões daquilo. Tinha, vamos dizer assim, nós... conversávamos e sempre foi uma conversa muito aberta para qualquer ramo..."* ( Entrevista com AMK)

E, ainda, mesmo que os membros destas famílias participassem dos cultos no Cemitério, dado os outros significados a estes atribuídos, tal participação não garantia necessariamente sua vinculação religiosa.

Os princípios evangélicos, fragilmente aprendidos na infância, foram ficando distantes ao longo da vida dos descendentes. O ingresso nas escolas americanas de orientação protestante, como relatam os descendentes, nem sempre garantia a reafirmação destes princípios, uma vez que, nestas escolas, embora os alunos participassem de cultos e tivessem o ensino religioso, não era imposta a sua adesão à religião evangélica, mesmo porque nem sempre a clientela era constituída majoritariamente de protestantes praticantes. Além disto, os casamentos com católicos, principalmente com mulheres católicas, implicaram muitas vezes na ruptura com o protestantismo e o seu ensino

religioso familiar. E, também, com o tempo, os cultos no Cemitério foram tornando-se mais raros, ou contavam com um número cada vez menor de pessoas: a frequência ao Cemitério foi se reduzindo apenas aos enterros, ou foi reapropriada de outros sentidos, como os que passaram a visitá-lo em Dia de Finados.

Assim é que alguns assumiam outras religiões. Em sua grande maioria, tornavam-se católicos, além de outras religiões, como os Steagall, que ficaram conhecidos em Santa Bárbara por terem organizado um Centro Espírita. Uma senhora conta como foi batizada na igreja católica quando passeava na casa de um tio, desobedecendo a seu pai:

*"Eu não tinha 18 ano ainda, aí eu falei assim... 'Vamo lá falar com o padre!' Chegamo lá, tinha um padrinho novo, mocinho. Ele disse que eu podia aprender o catecismo. Aí, eu mandei uma carta pro meu pai pedindo e meu pai não deixou... Mandou uma carta escrita em inglês pro meu tio, pro meu tio não batiza na católica porque eu não tinha 18 anos ainda e não tinha direito a escolher. Mas eu não liguei, sabe? Porque, eu falei assim, eu falei pro padre: 'A carta tá lá com o meu tio, se quise lê, só que tá escrita em inglês.' Ele falou: 'Não precisa, pode batizar assim mesmo!' E eu batizei, fizemo uma puxa дума festa! Meu tio falou: 'Eu vou manda você embora daqui, você não obedece a ordem de seu pai'. 'Tá, bom, agora já tô batizada!'" (Entrevista com MWC)*

Contudo, em seus depoimentos, alguns relativizam suas rupturas em relação à religião. Eles romperam com as regras de

comportamento desejadas para um evangélico, aproximando-se, sem problemas, da vida mundana, como dos jogos, das bebidas e dos bailes; mas eles dizem que preservam ainda alguns valores religiosos que aprenderam com seus pais ou nas escolas protestantes. Pode-se dizer que são protestantes adaptados a um outro contexto, o brasileiro:

*"Porque eu acho que este povo veio prá cá, lógico que eles sabiam que não ia ser nenhum mar de rosas, mas eu acho que eles enfrentaram um tipo de trabalho árduo, com coisas que nunca tinham vistos, não é? Porque vieram pra cá dentistas, engenheiros, médicos, professoras, mulheres que tinham feito faculdade nos Estados Unidos, chegaram aqui, fizeram o quê? Botaram os homens a mão no arado, as mulheres a mão na cozinha, não é? E lavando roupa, passando roupa, fazendo pão, e aquela, no começo, aquelas casas muito mal arrumadas, tudo. Então, eu tenho a impressão que num caso desses, não nos importantes valores morais, mas nessas coisinhas de você 'não pode tocar um samba no domingo' ou de você 'não pode ler um romance, porque é domingo', eu acho que isto foi acabando." (Entrevista com ALC)*

E cita quais "valores morais" ligados ao protestantismo que foram permanecendo:

*"Ah, os valores são: fidelidade, honestidade, obediência aos mandamentos, disso eles nunca abriram mão." (idem)*

Em contrapartida, alguns foram reafirmando os princípios e comportamentos evangélicos com fervor. As igrejas protestantes locais puderam contar com a colaboração de alguns descendentes entre os seus membros mais atuantes. Ainda que poucos tornaram-se pastores, as filhas de Judson Pyles, por exemplo, casaram-se com pastores norte-americanos que periodicamente hospedavam-se na sua residência e mudaram-se para os Estados Unidos<sup>155</sup>. Algumas famílias, hoje já na 3a. e 4a. gerações, mostram-se ainda muito fervorosas na fé protestante, provavelmente até mais do que o foram os seus antepassados. Estas poucas famílias definiam-se - e definem-se - como protestantes, preservando um comportamento moral considerado diferenciado de um meio católico.

Mas está longe o tempo das distenções ocorridas quando do estabelecimento dos imigrantes. Se, por essa época, a organização dos católicos através da construção de igrejas e de suas festas, que associava-se ao empenho de outras etnias locais, como os italianos, pode ser vista como uma reação à organização dos protestantes - e vice-versa, a organização destes pode ser vista como uma reação aos católicos<sup>156</sup> -, com o tempo, os conflitos entre católicos e protestantes foram atenuados. Os descendentes, seja os afastados dos princípios evangélicos, seja

---

<sup>155</sup> Um parente conta que uma delas casou-se com um pastor bem mais velho alegando, todavia, que esta era a sua única oportunidade para ir morar nos Estados Unidos.

<sup>156</sup> Na edição de 29/07/1900 de "*O Barbarense*", um editorial pede a construção de uma torre na igreja matriz justificando que "*aqui a nossa população é quasi na totalidade catholica*". Nesta mesma edição é noticiada a inauguração da "Egreja Presbiteriana" em Villa Americana, ao mesmo tempo em que se noticia as dificuldades de se estabelecer uma paróquia nesta Villa. Isto pode indicar as rivalidades entre as igrejas.

os que afirmavam estes princípios, começaram a participar das festas católicas, e muitos deles chegaram a colaborar financeiramente com as campanhas da paróquia local<sup>157</sup>. Se isto não correspondeu necessariamente a sua afirmação como católicos, indicava a sua maior participação na vida local, e também a tolerância religiosa.

No contexto das trajetórias dos descendentes, o protestantismo, que pôde ser identificado como a religião dos americanos, foi relativamente perdendo sua importância. A religião protestante remete, hoje, sobretudo, às lembranças dos avós puritanos, ainda que, mesmo estes, como a grande parte dos próprios descendentes que a associam aos seus antepassados, afastaram-se da vida religiosa ao longo de suas vidas; todavia, os ensinamentos religiosos da infância tenham preservado, sutilmente, certos valores que podem ser reelaborados, em um outro contexto, nas reuniões e nas festas - e, ainda, como se verá no trabalho e nos negócios.

### O lazer

O árduo trabalho na agricultura das primeiras gerações, atrelado aos valores evangélicos que valorizavam a vida voltada ao trabalho como conduta moralmente desejável, abandonando as coisas mundanas, deixaram pouco espaço ao lazer. No entanto, isto foi se transformando com o tempo na medida em que os descendentes inseriam-se na vida local.

---

<sup>157</sup> Em campanha de reforma da igreja matriz de Santa Bárbara, divulgada no jornal local, estavam relacionados dentre os seus colaboradores muitos descendentes de americanos ( apud. *A Tribuna*, 06/07/1925). Um senhor, filho de portugueses de casado com uma neta de americanos, conta que os "americanos" colaboravam até com mais empenho que os católicos doando prendas para as quermesses. Isto pode indicar as rivalidades entre as igrejas.

Nos primeiros tempos, foram comuns os bailes que reuniam periodicamente a mocidade das fazendas próximas nas residências de uma das famílias americanas. Os bailes eram realizados normalmente às sextas-feiras já que os sábados coincidiriam com o seu término no domingo, dia sagrado para os que eram evangélicos. A princípio, nestes bailes participavam em grande parte apenas os descendentes, assim como nos piqueniques aos domingos no Cemitério. E havia pouca participação dos descendentes nas atividades de lazer das cidades, já que viviam no meio rural. Isto reforça a idéia que os descendentes têm hoje sobre um certo isolamento dos primeiros tempos.

No lazer nas cidades, particularmente em Villa Americana, nos jornais do início do século apareciam sociedades recreativas organizadas pela colônia italiana que promoviam bailes e formavam bandas de músicos. Além disto, tanto em Americana, quanto em Santa Bárbara, a comunidade católica promovia festas e quermesses na localidade.<sup>158</sup> Foi nos bailes dos italianos da "Sociedade E. Novelli" que os americanos começaram a dançar em público:

*"Esta sociedade promovia festa e bailes e foi em seus salões de freqüência selecionada que alguns moços e moças da descendência americana tiveram o primeiro contato com contato social com outros que não fossem da mesma origem que eles. [...] para muitos americanos foi causa de escândalo algumas de*

---

<sup>158</sup> Nos jornais barbarenses aparecem notícias sobre as atividades da "Sociedade Unione Fratellanza" e a "Sociedade Recreativa "E. Novelli" em Villa Americana; e a paróquia local, por sua vez, promovia as festas de São Sebastião, São Benedito e a Festa da Padroeira em Santa Bárbara.

*suas filhas da colônia irem dançar em lugar público. Primeiro foram os rapazes, que aos poucos iam levando suas irmãs.*" (Jones: 1967, 384)

Todavia, à medida que os descendentes foram se mudando para as cidades e se casando com não-descendentes, passaram a participar das festas católicas, assistir às sessões de cinema, ir aos bailes nos clubes e a jogar nos times de futebol de várzea. Notas sociais do jornal "*A Verdade*" registravam a participação dos descendentes na promoção de eventos: como o sarau na residência do Dr. Cícero Jones; outro sarau dançante na residência da família Pyles, na Fazenda Rochelle; os "match" do Club Guarany, também da Fazenda Rochelle, onde destacavam-se os jogadores Roberto e Ernesto Pyles e A. Mac Knight<sup>159</sup>; e a organização de uma "*Sociedade Dançante*", cujo presidente era Roberto Jones, filho de Dr. Jones<sup>160</sup>. Mais tarde, alguns participaram como diretores do clube da cidade, o Club Barbarense.<sup>161</sup>

Em seus depoimentos, alguns descendentes lembram que nunca participaram de bailes de Carnaval porque seus pais não permitiam:

---

<sup>159</sup> Recentemente, alguns descendentes foram convidados a falar de futebol para a imprensa local para dizer se torciam pelo Brasil ou pelos Estados Unidos numa partida de futebol durante a última Copa Mundial de 1994 (In. *Jogo provoca "secessão" - descendentes norte-americanos residentes em Americana se dividem entre torcer para o Brasil ou para os Estados Unidos no jogo de amanhã; grupos preservam a identidade* Correio popular. Campinas 03/07/94; *Descendentes americanos também festejaram a vitória do Brasil*. Diário de Santa Bárbara. 05/07/94).

<sup>160</sup> Apud. "*A Verdade*". 03/02/1918, 12/05/1918, 09/06/1918, 23/11/1919.

<sup>161</sup> Apud. "*Cidade de Santa Bárbara*", 09/09/33.

*"Não, não freqüentávamos os clubes e nunca participamos de Carnaval. Isto meu pai não deixava. Podia ir em baile, que ele falava baile familiar, que era baile feito em casa de família que ele conhecesse, aí podia ir, dançar a noite inteira, ficar uma semana." (Entrevista com ALC)*

Provavelmente, isto também foi mudando com o tempo. Certa vez, uma senhora, casada com um descendente, contou, em uma reunião, que seu marido, *"que era terrível, pois bebia e era brincalhão"*, irreverentemente, divertia-se tocando marchinhas de Carnaval no órgão da capela do Cemitério do Campo durante os cultos.

O lazer foi sendo incorporado na vida da descendência, e a vida voltada estritamente para o trabalho foi ficando identificada aos antepassados fazendeiros puritanos, mesmo porque hoje a descendência utiliza-se de uma festa para promover encontros e celebrar sua ancestralidade.

### **A educação escolar**

A formação nos estudos, nos primeiros tempos, privilegiando o ensino em inglês e os estudos nas escolas de origem protestante e americana, foi uma forma de diferenciar os filhos e netos de americanos, destacando uma certa posição social. No entanto, a sua educação escolar foi se tornando muito parecida com das famílias de não-descendentes.

O ensino informal das primeiras letras, ministrado nas residências pelas mães ou por professoras norte-americanas contratadas pelas famílias mais abastadas, com aprendizagem em inglês, foi sendo gradativamente substituído pelo ensino básico dos descendentes nas escolas rurais.

Particularmente em Santa Bárbara, havia falta de escolas<sup>162</sup>. Isto demandava o ensino básico das crianças das famílias americanas nas residências. As escolas rurais começaram a surgir nas primeiras décadas do século, recebendo os filhos de descendentes das famílias americanas menos abastadas, que se juntavam aos filhos dos caboclos locais.<sup>163</sup> Uma parte dos descendentes teve somente esta escolaridade básica, e a continuidade nos estudos geralmente estava circunscrita às possibilidades econômicas dos pais.

Os estudos médios e superiores dos filhos e filhas das famílias economicamente melhor sucedidas eram continuados fora de Santa Bárbara e Americana. Inicialmente, a escolha dos pais pelo Colégio Piracicabano para o ensino médio<sup>164</sup>, e pelo Mackenzie para os estudos superiores, deveu-se ao fato de que eram escolas

---

<sup>162</sup> Nos editoriais de 01/07/1900 e 12/08/1900 de "*O Barbarense*" reclamava-se a falta de professores e escolas públicas para o município, sendo que "*a maioria das famílias mandam educar os seus filhos para fora, somente pela falta de collegios.*"

<sup>163</sup> Algumas filhas de americanos formadas professoras passaram a ministrar aulas nestas escolas rurais, como Profa. Laura Pyles, da escola do Bom Retiro, bairro que concentrava várias fazendas de propriedade de descendentes. Em 1917, conforme os jornais, prestavam exames finais nestas escolas os filhos das famílias americanas estabelecidas nesta região, como os Crisp, os Mac Knight e os Steagall.

<sup>164</sup> A influência deste colégio na região de Santa Bárbara, e dentre os descendentes, perdurou ainda por muitos anos. Isto explica porque os jornais barbarense o anunciavam em seus classificados: "*Collegio Piracicabano. Fundado em 1881. Cursos: Jardim da Infância - Primário - de Admissão - Ginásio - Música - Pintura - Datilografia.*" (Apud. "*A Cidade de Santa Bárbara*", 10/01/1937).

de origem protestante e norte-americana - os descendentes ressaltam que àquela época não existiam colégios protestantes que não fossem de origem americana. Com o tempo, esta escolha foi determinada, em última instância, pela qualidade do ensino aí oferecido, que poderia ter sido a mesma a razão da escolha dos pais das famílias não-descendentes.

A experiência no Colégio Piracicabano é lembrada nos depoimentos de alguns descendentes<sup>165</sup>. Muitos deles se conheciam, até porque eram parentes, mas dizem que não formavam um grupo à parte dentro deste colégio, sendo indistintos dos demais alunos, geralmente pertencentes as elites da região, ainda que isto, como ressalva uma descendente, fosse incentivado pela direção:

*"A gente, naquela época - não sei se você já foi adolescente, porque tem gente que não lembra ou fala que não foi ... Então, como a gente era altamente encorajada pela diretora, que era uma missionária americana, a formar um grupo de descendentes de americanos, continuar falando inglês, nós simplesmente nos recusamos... Se ela tivesse ficado quieta, era bem capaz que a gente tivesse feito um grupinho porque a gente se conhecia."*  
(Entrevista com ALC)

Haviam descendentes que eram bolsistas no Piracicabano, exercendo algumas atividades na escola como uma forma de

---

<sup>165</sup> Este colégio foi o precursor da educação feminina, o que proporcionou a profissionalização de muitas descendentes, particularmente como professoras. Além disto, foi um dos primeiros a organizar os alunos em classes mistas.

abater o preço, considerado caro uma vez que se tratava de um internato. Assim mesmo, em situação financeira incompatível com o nível de vida da clientela que estudava neste colégio, os pais de famílias americanas, muitas vezes com poucos recursos, esforçavam-se por proporcionar uma boa escolaridade para os filhos e mantê-los no colégio. Isto demonstra a valorização dada aos estudos.

A formação em escolas protestantes e de origem americana, ao contrário do que se pode supor, à medida que os desvinculou, desde cedo, de suas famílias, colaborou para a inserção dos jovens descendentes em um espaço público diferente do espaço doméstico onde o convívio era restrito aos parentes, espaço da tradição.

Na década de 20, as diretrizes educacionais do Governo de São Paulo caminharam no sentido de nacionalizar o ensino, tornando-se a legislação mais rigorosa com as escolas de origem estrangeira, o que seria posteriormente aplicado a nível nacional na década de 30 pelo Governo Vargas.

Este espírito nacionalista aparecia nos editoriais dos jornais barbarenses já no início do século, revelando uma certa preocupação com a presença dos estrangeiros na localidade e o seu perigo para a soberania nacional. Em 03/02/1901, editorial de "O Barbarense" aponta a importância da existência de escolas para integrar a população estrangeira na vida nacional:

*"... o nosso município possui uma grande colônia de diversas nacionalidades, por isso é mister que exista aqui um grupo escolar para poder por meio da instrução pública ensinar a essas crianças de origem estrangeiras nascidas aqui, que devem*

*amar este torrão, porque é berço natal, e assim implantando o patriotismo no espírito da criança, ella possa ser util a patria, a familia e a humanidade."*

Em Editorial de "A Tribuna" de 03/06/1924 a relação entre ensino e nacionalismo aparece de forma mais explícita, revelando o novo contexto político que estava sendo enunciado no país:

*"A grande arma de defesa do nacionalismo brasileiro contra todos os factores provenientes das grandes massas de elementos alienígenas consiste na intensa e extensa diffusão do ensino. Só pela escola poderemos assimilar e incorporar todos os elementos estrangeiros que se mantêm ainda segregados no nosso meio."*

A nacionalização do ensino, como projeto político, contribuiu para a inserção do imigrante, às vezes forçada, na vida nacional. Assim, no Colégio Piracicabano, por essa época, dizem alguns descendentes, trocaram-se os diretores e professores americanos por funcionários brasileiros obedecendo às determinações do governo. Disto decorreu que este colégio foi perdendo, com o tempo, a sua marca de colégio americano. A educação escolar dos descendentes de americanos, nesse contexto, tornava-se indistinta dos demais.

A educação escolar foi ainda durante muito tempo uma forma que os pais encontraram para a manutenção de um certo "status"

social que já haviam tido como fazendeiros, mas que fora comprometido em virtude das crises da economia agrícola. Mesmo assim, a escolaridade não passou a ser tão comum entre os descendentes<sup>166</sup>. A formação superior, contudo, permitiu a alguns serem bem-sucedidos em profissões liberais, embora em grande parte fora de Santa Bárbara e Americana.

### **A participação política**

O apoio dos imigrantes americanos de Santa Bárbara e Americana à República trouxe sua inserção maior na vida política, formando alguns os quadros do Partido Republicano local durante a Primeira República. A participação política foi se intensificando com os seus filhos e netos.

O poder político em Santa Bárbara nesse período era controlado por uma oligarquia local, a família dos Oliveira, do Partido Republicano Histórico fundado em 1886. Alguns fazendeiros de famílias americanas assumiram mandatos de vereadores por este partido, como os Mac Knight, os Keese<sup>167</sup> e os Pyles, sendo que os dois últimos chegaram ainda a participar do seu Diretório<sup>168</sup>. Esta participação político-partidária esteve

---

<sup>166</sup> Seja como for, a 4a. geração - os bisnetos - foi mais adiante nos estudos.

<sup>167</sup> Durante o seu mandato de vereador, Thomaz Alonso Keese regulamentou o Cemitério do Campo pela Lei de 16/08/1906 (apud. *Cidade de Santa Bárbara*. 11/06/1938).

<sup>168</sup> Segundo documento da Câmara Municipal de Santa Bárbara d'Oeste foram vereadores, respectivamente nos períodos: Wilber Fish Mac Knight, 1892-1894 e 1899 -1901 -), "*o primeiro americano a tomar parte ativa na política*" (Jones: 1967,333); Thomaz Alonso Keese, 1905-1907 e 1908-1910 - assumindo o cargo de intendente em 1906; Ezequiel Bento Pyles, 1908-1910

restrita a umas poucas famílias mais abastadas e que tinham alguma projeção social. As outras formas de participação restringiam-se, quando muito, às eleições em um período político que limitava grande parte da população dos direitos políticos.<sup>169</sup>

A Revolução de 30 e o governo Vargas repercutiram na localidade. Dois anos depois, estoura a Revolução Constitucionalista em São Paulo. A população de Santa Bárbara e Americana mobilizou-se com o alistamento de soldados para o exército dos paulistas contra as tropas federais; alistaram-se membros das famílias americanas, três deles da família Jones de Villa Americana.

Uma das versões que têm hoje alguns descendentes sobre as razões da participação dos descendentes de americanos na Revolução em São Paulo é a de que esta batalha foi, como fora no Sul durante a Guerra de Secessão em relação à União, essencialmente um movimento separatista de São Paulo em relação ao Governo Federal, e os soldados teriam sido inspirados pelos seus avós confederados quando lutaram pela causa constitucionalista. A lápide de um Steagall inscreve "*Once a rebel, twice a rebel, forever rebel*", sendo o primeiro ato de rebeldia referente à Guerra de Secessão e o segundo a sua participação na Revolução de 32. Esta associação - que parece ser uma associação *a posteriori* sobre o tempo passado para concentrar ao que interessa hoje a descendência, a Guerra de

---

e 1911-1914, e Guilherme Walter Keese, 1911-1914 e 1917-1919. Este último, juntamente com João Eduardo Steagall, formaram o partido de oposição aos Oliveira, o Partido Republicano Governista que editava o jornal "*O Barbarense*" (in. *O Barbarense*. 08/10/1916).

<sup>169</sup> Em Villa Americana, destacou-se a participação dos Norris e dos Jones. Junto com as outras lideranças locais, como o Dr. Antonio Álvares Lobo, foram atuantes no processo de emancipação política da Villa. O Dr. Cícero Jones, inclusive, ocupou a função de delegado, que, na época, tinha muita influência política.

Secessão - se de fato existiu, foi bastante tênue: o que movia os filhos de americanos, na época, era o espírito paulista que tomou conta das localidades por essa época, e lutavam eles, como brasileiros, pela causa paulista.

A morte de Jorge Jones em batalha, juntamente com a de Aristeu Valente, da vizinha Nova Odessa, tomou conta da população local. Os soldados tornavam-se mártires de uma causa que já anunciava a derrota de São Paulo. Houve uma comoção popular nos seus funerais<sup>170</sup>. Os familiares de Jorge Jones contam que a população, exaltada, não permitiu que seu corpo fosse enterrado no Cemitério dos Americanos, como era de se supor em se tratando de um descendente, como conta sua irmã:

*"... [ a morte de Jones] foi muito sentida. Tanto é que não deixaram enterrar no Campo... Não, o povo quis que fosse enterrado em Americana, porque disse que ele pertencia à cidade e tudo, e mamãe não quis contradizer" (Entrevista com PJ)*

Ele fora alçado à condição de um herói, antes de tudo, vilamericanense que lutava pelos paulistas. O soldado paulista

---

<sup>170</sup> *"Uma massa compacta de povo, apesar da chegada dos corpos já de madrugada, aguardava os mesmos e acompanhou-os às casas de suas famílias, onde foram velados, até à hora do sahimento funebre, por innumeradas pessoas de todas as classes sociaes. Às 10 horas do dia 20, sabbado, sahiram os feretros das residencias das exmas. familias enlutadas, para a Egreja Matriz de Villa Americana, onde foi procedida a encomendação pelo revmo. Dario Moura, zeloso vigario da visnha cidade, que proferia uma longa, eloquente e sentida oração, que a todos commoveu sobremodo. Dalli movimentou-se uma verdadeira multidão, que acompanhou, passos rythmados por uma dôr viva e profunda, os corpos dos dois bravos, rumo ao Campo Santo." ( Cidade de Santa Bárbara. 28/08/1932).*

constitucionalista, Jorge Jones, está enterrado no Cemitério da Saudade, em Americana.

Durante a Era Vargas a configuração política local modificou-se. A oligarquia dos Oliveira de Santa Bárbara deixou o poder. Os quadros políticos e os cargos públicos passaram a ser controlados por forças renovadas. O controle transferiu-se para grupos econômicos locais, como os proprietários das usinas de açúcar e das indústrias de máquinas agrícolas, notadamente o Comendador Emílio Romi, de origem italiana, proprietário das Indústrias Romi.<sup>171</sup> Em Americana, pelos empresários das indústrias têxteis e pelos profissionais liberais, associados a outras etnias, como os italianos e os sírios, que controlaram politicamente a cidade. A família alemã dos Müller Carioba, proprietária da Indústrias de Tecidos Carioba, exerceu grande influência política.

Os irmãos do soldado Jorge Jones assumiram uma posição política anti-getulista, possivelmente associada ao fato trágico de 32. A filha de um dos Jones conta que no dia do suicídio de Vargas, em agosto de 1954, outro momento de comoção da população local, seu pai, irreverentemente, comemorou:

*"Olha, no entanto, que quando o Getúlio Vargas morreu. o meu pai foi... precisou ser escondido, porque... ele soltou rojão em praça pública... Meu pai era anti-getulista, ele... você podia*

---

<sup>171</sup> Durante o Governo Provisório de Vargas, Álvaro Mac Knight exerceu mandato de vereador no período de 1936-1937. Um descendente, João Eduardo Mac Knight, antigo funcionário da Prefeitura, foi nomeado interventor em 1947 na transição para a redemocratização. No período de 1948-1951, exerceram mandatos de vereadores Roberto Pyles - pelo partido governista, PSD - e Carlos Steagall, os últimos descendentes a assumirem cargos públicos em Santa Bárbara.

*falar no diabo mas não falasse no Getúlio dentro de casa. Ele tomou a... causa constitucionista, né? E ficou... prá vida toda, né?" (Entrevista com MJ)*

Na manhã seguinte, em represália, sofreu ameaças quando alguém colocou um boneco seu na árvore da rua de sua casa prometendo vingança.

*"... Por que essa malditinha que eu quero tirar [refere-se à árvore, que ainda existe hoje no seu local de trabalho], ela... apareceu no dia seguinte, quando... o dia que ele... soltou o rojão, apareceu um boneco enforcado lá com um, um bilhete dizendo que era assim que ele ia acabar. Que foi aí que o tio Jaime... entende? ... Pegou... sumiu com ele... entende? Levou, escondeu ele, porque ele falou: 'Eles vão matar'. Eles iam matar porque, nossa, o quê? Aqui em Americana tinha getulista de monte." (idem)*

Um outro Jones, Sr. Jaime, fundou, também nesse mesmo ano, a Fraternidade de Descendência Americana para conservar o Cemitério do Campo. Seria uma atitude de perspicácia do Sr. Jaime diante de um possível novo contexto político que se anunciava com o encerramento de Era Vargas, ou tratar-se-ia de uma vingança histórica que remonta à Revolução de 32, talvez menos consciente que a vingança de seu irmão que comemorou o suicídio do Presidente?

Seja como for, a Era Vargas, marcada pelo nacionalismo, não deixava espaço para mostrar publicamente os descendentes de americanos confederados de Santa Bárbara e Americana, e o período de Juscelino Kubitschek que se seguiu anunciava uma maior abertura do país para o exterior.

Recentemente, D. Judith Jones, esposa do falecido Sr. Jaime, e sua filha June, foram chamadas pela imprensa local para emitir sua opinião política. Mas não para se posicionarem sobre as eleições no Brasil e sim para dizerem se apoiavam George Bush ou Bill Clinton nas eleições presidenciais norte-americanas de 1992. June, que morou nos Estados Unidos, disse ser republicana, mas se pudesse - ela não é cidadã norte-americana - votaria em Clinton<sup>172</sup>.

### **Ser brasileiro (americano)**

As experiências da descendência tornavam sua identificação como americanos no Brasil cada vez mais tênue. As trajetórias dos descendentes de americanos de Santa Bárbara e Americana implicaram na sua dispersão e na fusão à sociedade local. Os descendentes passaram a ser um grupo reduzido e disperso, e cada vez mais indistintos para os moradores locais. E ainda foi ficando cada vez mais difícil o contato com os Estados Unidos, e imaginar como era a terra de seus pais e avós<sup>173</sup>. As histórias de

---

<sup>172</sup> apud. *Eleições nos EUA divide opinião de descendentes*. O Liberal. Americana, 31/10/92

<sup>173</sup> As lembranças das comemorações do 4 de Julho no Cemitério do Campo, que diz uma descendentes eram freqüentes, vão se tornando raras. Pode-se supor que poucos descendentes saibam hoje o significado desta data.

vida, diferenciadas entre si, aliadas a um novo contexto político brasileiro, foram (re)formulando as identidades americanas.

Os descendentes ocupavam diferentes profissões em vários lugares do país, casavam-se com não-americanos, deixavam de falar inglês, adquiriam hábitos dos moradores locais, afastavam-se dos princípios evangélicos ou assumiam outras religiões, participavam das atividades de lazer locais, estudavam nas escolas locais, e participavam também da política como cidadãos brasileiros. Assim, eles aparecem menos identificados como americanos, além do que outras etnias, particularmente os italianos, aparecem melhor identificados no contexto local.

O momento da Primeira Guerra é significativo para perceber como as etnias locais tomam evidência. O envolvimento do Brasil na guerra, ao lado dos norte-americanos, aciona a imprensa local que manifesta a presença dos americanos daqui, ainda que outras etnias, como a italiana e a síria apareceram também neste momento.

Em 13/05/1917, o jornal barbarensense noticia que "*em companhia de Cícero Jones seguiram para a capital diversos cidadãos americanos que foram oferecer os seus serviços, como voluntários para a defesa do seu país*"<sup>174</sup>. E em notícia de 08/07 do mesmo ano congratulava a colônia americana por ocasião do dia Independência dos Estados Unidos, decretado feriado nacional pelo Presidente da República<sup>175</sup>; em 09/09 informava a visita de cônsules americanos de São Paulo e Santos "*à colônia americana aqui domiciliada*", recebidos por Cícero Jones<sup>176</sup>.

---

<sup>174</sup> apud. "A Verdade".

<sup>175</sup> idem.

<sup>176</sup> ibidem.

Mas o destaque maior dos jornais, todavia, é em relação à participação italiana na Guerra, principalmente quando o Brasil entra na guerra, reconhecendo ao grande contingente de italianos e sua participação cada vez mais presente na localidade.

Os italianos e seus filhos, por essa época, ampliavam sua participação na agricultura e no comércio locais, na vida religiosa, nas atividades de lazer, e passavam a assumir cargos públicos<sup>177</sup>. Embora os periódicos locais assumissem um certo espírito paulista - diga-se nacionalista - relativizando a participação do imigrante no propalado progresso de São Paulo, geralmente é a presença dos italianos que é ressaltada:

*"O italiano identificou-se completamente com nosso meio: é hoje o nosso irmão, o nosso melhor companheiro em todas as manifestações da nossa vida intelectual, economica e social." ( "A Tribuna" 31/08/1924).*<sup>178</sup>

Em um novo contexto econômico das localidades, os americanos iam sendo associados não com o presente, mas com o

---

<sup>177</sup> Notadamente, já na passagem do século, as referências sobre os italianos nos periódicos locais eram constantes, como por exemplo, a notícia da manifestação de luto dos italianos diante de morte do Rei da Itália, Humberto I, em Villa Americana (*O Barbarense*. 05/08/1900) e a missa de exéquias realizada na ocasião na matriz pela colônia italiana (idem, 12/08/1900).

<sup>178</sup> Alguns descendentes, hoje, tem a idéia de que os italianos aprenderam as técnicas agrícolas e as habilidades com os americanos e foram melhor sucedidos na agricultura e depois na fabricação de máquinas agrícolas em Santa Bárbara e Americana. Alguns procuram estabelecer uma certa rivalidade entre os americanos e os italianos nas localidades que reflete as disputas pelos espaços econômicos no passado, todavia, os contatos entre as etnias, como nos casamentos, foram constantes.

passado das cidades, como tributários do passado agrícola. Ao traçar o perfil de Santa Bárbara, o jornal "A Tribuna" resgata:

*"Com uma população de quasi 10.000 almas e dispondo de um clima salubérrimo, o municipio é um dos grandes productores de cereaes, canna de assucar e algodão, cujas culturas são feitas pelo systema implantado pela colonia norte-americana, não só quanto ao aproveitamento do sólo por meio de adubos, como ao processo adiantado do uso de machinas e aparelhos agrarios dos mais modernos e aperfeiçoados."*  
(25/12/1923. Grifo nosso)

As suas trajetórias em um novo contexto local iam tornando os descendentes de americanos indistintos à vista dos outros. Eles se tornavam, antes de tudo, brasileiros.

O contexto político nacional também modificava-se, particularmente com a Era Vargas. A política que marcou este período preocupou-se, antes de tudo, em construir uma identidade brasileira. Não tinha o estrangeiro - e o descendente de estrangeiro no Brasil - um espaço no projeto nacionalista de Vargas. Nos quadros da política diplomática da boa-vizinhança, isto significava também construir uma identidade brasileira para norte-americano ver, associada à ícones como Carmem Miranda e Zé Carioca, e não aos descendentes americanos de confederados de Santa Bárbara e Americana. Neste contexto

nacionalista, tornava-se cada vez mais difícil ser americano no Brasil<sup>179</sup>.

Mas a construção de uma identidade brasileira, como um projeto político, constituiu-se antes de tudo uma invenção, uma arbitrariedade<sup>180</sup>. Se as trajetórias das gerações das famílias resultaram na sua dispersão e inserção à sociedade local, e isto foi reforçado pelo nacionalismo, como um revés, pode-se pensar que, a partir de meados de 50, quando o modelo populista-nacionalista patrocinado por Vargas esgotara-se, prenunciava-se um novo contexto político. Nesse contexto, quando as preocupações com a construção de uma "*identidade nacional*" saía da esfera do político com a crescente abertura da economia do país ao capital estrangeiro - particularmente com a entrada das multinacionais a partir do período Kubitschek - tornou-se possível a emergência da reconstrução do passado americano (confederado), que teve como marco a fundação da Fraternidade de Descendência Americana em 1954 e as posteriores reuniões no Cemitério.<sup>181</sup>

Neste sentido, se no espaço público os descendentes apareciam - e aparecem - como brasileiros, no espaço doméstico, último reduto das tradições, escondia-se - e esconde-se -, em

---

<sup>179</sup> Dawsey (1994) analisa, por outro lado, casos de descendentes que saíram de Santa Bárbara e Americana e inseriram-se no mercado de trabalho em empresas americanas e inglesas nesse período, casos diferentes dos focalizados no universo desta pesquisa.

<sup>180</sup> V. Anderson (1983), Gellner (1983) e Hobsbawn (1990).

<sup>181</sup> Notadamente, a emergência de uma "*identidade americana*" não se fez sem conflitos a partir desse período, considerando as imagens que se têm dos Estados Unidos, nem sempre positivas. D. Judith disse o quanto foi difícil a ela receber críticas quando da publicação de seu livro, "*Soldado descansa!*", em 1967, quando foi acusada de servir ao "*imperialismo yanque*", uma outra imagem que se faz dos Estados Unidos, particularmente pelas esquerdas brasileiras ( V. sobre isto em Dawsey, 1994).

latência, o ser americano no Brasil, que pode potencialmente emergir em outros contextos.

As lembranças dos descendentes do mundo doméstico irrompem em suas conversas: são lembranças, opacas e fugidias, de um tempo perdido, da infância, como do personagem proustiano. Elas remetem aos antepassados fazendeiros, aos casamentos endogâmicos, às conversas em inglês, às refeições, aos ensinamentos evangélicos, aos cultos no Cemitério, aos bailes da mocidade, ao ensino em língua inglesa. De tudo isto os descendentes foram se afastando ao longo de suas vidas, mas, quando indagados em suas entrevistas, eles se lembram: são lembranças de ser americano no Brasil.

Estas lembranças, uma reconstrução para o tempo presente - aliás, como toda a lembrança - potencialmente podem, hoje, irromper no espaço público para afirmar as identidades americanas. Nas festas, contudo, não são estas lembranças domésticas, cada vez mais distintas entre si - como distintas são as histórias de vida - , que vêm à tona, mas sim uma idealização do passado dos seus pais e avós para afirmarem-se americanos e confederados. O que irrompe, por outro lado, é o esquecimento (estratégico) para que se possa criar publicamente outras lembranças em um novo contexto internacional.

Todavia, estes brasileiros, que se tornaram e foram tornados brasileiros em um tempo passado, mas que descendem de americanos - ou mesmo os que por afinidade compactuam de um passado comum - podem buscar nas suas lembranças domésticas a identificação com os americanos mortos no Cemitério. Se não são estas as lembranças que estão aparecendo nas festas, pelos menos elas dão autenticidade para que estes brasileiros possam se (re)pensar como americanos e confederados.

## CAPÍTULO 4

### TRABALHO & NEGÓCIOS: OS BRASILEIROS, AMERICANOS E CONFEDERADOS

#### Etnia, economia e religião

O Sr. OMA, 76 anos, é neto de imigrantes americanos. Ele mora só, em Santa Bárbara, no sótão de uma oficina de funilaria, de propriedade seu filho, cuja parede apresenta uma arma que diz ter sido utilizada por seu bisavô durante a Guerra de Secessão. Este senhor, aposentado, não teve formação escolar, começou a vida como lavrador em um pequeno sítio de seu pai e depois trabalhou como operário em uma indústria metalúrgica de Santa Bárbara. O Sr. OMA define-se como pobre, principalmente em relação aos outros parentes descendentes de americanos que acredita serem bem-sucedidos.

A sua história é contada como uma vida quase que totalmente voltada ao trabalho. E ele considera o trabalho como necessário para obter a riqueza material. Como, então, explica o fato de ser pobre ao mesmo tempo que diz que viveu para o trabalho?

Mesmo não tendo formação religiosa protestante - não se lembra nem mesmo de seu pai ser vinculado a alguma igreja -, recorre sempre a uma velha Bíblia quando indagado sobre sua alegada pobreza. Fala que seu pai, lavrador, não fora bem-

sucedido nos negócios porque entregara-se à bebida, e citando um versículo, justifica:

*“O vinho, bebida forte, estremeecedora, todo aquele que por ela for vencido, nunca é sábio.” Sabe que a bebida traz pobreza, né?”*

Por causa da bebida e também da doença, fundamentando-se ainda na Bíblia, conclui que seu pai e também ele não tiveram oportunidades de desenvolver-se suficientemente no trabalho e, por isto, assim com o seu pai o fora, hoje, é pobre. Assim não basta apenas uma vida de trabalho, mas sim orientar a sua conduta para determinados valores.

A conduta no trabalho e nos negócios, diz o Sr. OMA, deve pautar-se pela Bíblia que ele cita:

*“Bem-aventurado todo aquele que teme ao Senhor e anda nos seus caminhos, pois comerás do trabalho de suas mãos. Feliz serás e ti irá bem. Tua mulher será como a videira frutífera no interior da casa, os teus filhos como planta de oliveira ao redor de tua mesa. Eis que assim será abençoado o homem que teme ao Senhor. E tu verás os filhos dos teus filhos e paz sobre Israel.”*

O Sr. OMA não participa das reuniões e das festas no Cemitério, não é sócio da Fraternidade de Descendência Americana, e nem mesmo recebe as visitas dos parentes descendentes. Porque é pobre, alega que é considerado como sendo menos americano pelos outros descendentes. A sua idéia é

a de que ser americano é ser bem-sucedido, e daí o seu isolamento pelos parentes, justificando, novamente, com um texto bíblico:

*“O pobre é odiado até pelo seu vizinho, mas os amigos dos ricos são muitos.”*

O caso do Sr. OMA pode ser indicativo para se pensar como, então, o descendente de americano, seja ele um operário, um agricultor, um profissional liberal, ou um empresário, pode conduzir o seu trabalho e os seus negócios ao longo do tempo em Americana e Santa Bárbara d'Oeste, construindo representações e práticas associadas a valores religiosos supostamente herdados.

### **O trabalho, o lucro e a acumulação**

Os outros descendentes, assim como o Sr. OMA, reconstróem, em suas histórias, que as suas vidas, e também a de seus pais e avós, foram quase que totalmente voltadas para o trabalho. O trabalho é a condição primeira para uma pessoa ser economicamente bem-sucedida, e, como contraponto, a pobreza é o resultado de uma vida sem trabalho.

O trabalho, contudo, deve ser conduzido por um comportamento regido por determinados valores. Em primeiro lugar, está a honestidade como ação moralmente desejada no trabalho. Os descendentes utilizam-se frequentemente de expressões como *"ser honesto"*, *"honrar a palavra dada"*, *"ser sincero"* como condutas necessárias, como avalia um deles:

*" Na vida profissional principalmente é... na questão de honestidade mesmo, de... de... não prometer mais do que a gente é capaz e... aquilo que a gente... é... a... procurar tratar com a pessoa fazer... fazer aquilo com... com... o melhor possível, é... não lesando o próximo, não enganando, sabe? E... procurar dar bastante transparência nessa parte que nós tamos agindo com bastante sinceridade e... honestidade." (Entrevista com JK)*

Mas também ao trabalho deve estar relacionada a realização pessoal. A trajetória profissional dos descendentes geralmente está associada à procura do trabalho para o qual estão vocacionados, considerando que, somente está satisfeito em sua profissão aquele que se motiva para o trabalho por ele escolhido; e, para tanto, precisa, como dizem, "*gostar do que está fazendo*".

Neste sentido, o trabalho honesto e vocacionado é que torna o profissional bem-sucedido. E esta ética do trabalho é pensada como contraponto positivo em relação ao enriquecimento fácil e ilícito.

A idéia de lucro remete a esta ética: é preferível obter um lucro a médio e longo prazo, pautado por princípios morais, a um lucro imediato, que comprometa estes princípios. De qualquer forma, esta conduta não traz nenhum prejuízo porque, pelo contrário, proporciona o lucro seguro. A lógica é a de que tal conduta é que dá crédito a um profissional no seu trabalho e nos seus negócios. O descendente JV, agricultor, por exemplo, diz como realiza os negócios com os seus fornecedores:

*" Eu não vou dizer dizer que meu milho está em bom estado se ele não se encontra, ... se ele está um pouquinho menos, ele vale também, não tanto, mais vale, e se eu mentir pra você, o ano que vem você não compra mais o milho, você já vem com um pé atrás. Então aprendi... com o meu pai.. Tanto é que todo ano eu vendo milho pra granja Ito e todo ano antes ela telefona pra mim, 'olha se o milho tiver pronto, pode mandar!' Eles não precisam vir ver meu milho. Eles sabem que eu vou mandar milho pra ele bom. Porque se não tive bom, eu vou ligar 'tá indo milho, mas não tá muito bom, viu?'... Sabe, eu não tenho problema em escoamento de nada o que eu produzo." ( Entrevista com JV)*

A lógica da acumulação está circunscrita, antes de tudo, pela lógica do trabalho. Assim é o trabalho, honesto e vocacionado, que proporciona a acumulação, constituindo a forma mais moralmente aceitável de enriquecimento. Ao contrário, a lógica da acumulação nunca deve reger a conduta do trabalho, o que poderia acarretar a ruptura com os valores morais.

A avaliação dos descendentes, geralmente, é a de que as suas trajetórias profissionais centraram-se na orientação para o trabalho e não para a acumulação, como nos casos de dois profissionais liberais entrevistados, um dentista e outro médico:

*"Eu... trabalhava sempre com a intenção... de... de... vamos dizer assim, de viver bem, de dar um conforto relativo pra família... sempre pensando pro lado... é, positivo... mas não assim de... de tornar um profissional assim bem-sucedido do*

*ponto de vista de enriquecimento. Isso eu nunca pensei."*  
(Entrevista com JK)

*"... Agora, a gente tem que afastar disso... não querer fazer da medicina um... um negócio. Porque isso existe muito dentro da medicina. Isso eu vejo... encaro como um... uma coisa muito mal. Entendeu? O mercantilismo dentro da medicina. Eu encaro isso pessimamente. Eu podia hoje, provavelmente, estar milionário. Não tô. Tô bem, tô razoável. Porque eu tive muita oportunidade na minha vida de... cobrar o que eu queria do cliente. Eu nunca fiz isso. Cobrei sempre o justo, sempre o honesto dentro daquilo que eu... que eu havia cobrado. Nunca... nunca fui explorador de... dos clientes, entendeu? Num... Eu acho isso uma... eu encaro isso como uma desonestidade. Infelizmente minha classe tem isso." (Entrevista com EF)*

O sucesso material provindo do trabalho depende também da forma como se lida com o dinheiro. A poupança é um valor positivo e os gastos desnecessários são condenados. Os investimentos nos negócios devem ser calculados e seguros. Alguns atribuem a uma atitude controlada dos gastos aos rigores do protestantismo que induz a um desligamento da vida mundana, ou seja, dos divertimentos, das bebidas e dos jogos. Esta atitude de poupar evita, portanto, o consumo e proporciona a acumulação.

O profissional que trabalha, com honestidade e por vocação, que poupa, e, como decorrência disso, acumula é associado pelos descendentes a sua formação familiar e protestante. Em um espaço doméstico-religioso e em um tempo pretérito de seus pais

e avós, idealmente construídos, os descendentes teriam aprendido estes valores.<sup>182</sup> As trajetórias profissionais são avaliadas enquanto afirmações ou rupturas deste tempo e espaço idealizados.

Mas a maioria dos descendentes vive, hoje, de modo diferente dos seus antepassados, resultado das suas trajetórias, e nem sempre são protestantes praticantes. E a medida que vão (re)construindo as suas trajetórias profissionais tem-se que a lógica do trabalho e a lógica da acumulação criam situações de conflito na sua conduta: entre um profissional que trabalha ou aquele que acumula.

### As profissões

Partindo das concepções de trabalho, de lucro e de acumulação, que associam a um origem familiar e religiosa, os descendentes sugerem que qualquer atividade profissional pode tornar uma pessoa bem-sucedida, como define um dentista:

*"Eu acho que... um profissional bem sucedido é aquele que... que conseguiu, vamos dizer, dentro da profissão, não... não apenas a... os bens materiais mas como é... ser conhecido como um bom profissional, é aquilo que eu acabei de falar, né? É... um profissional... é... como eu poderia dizer um... ser conhecido como um... um profissional que... que... sempre agiu corretamente dentro da profissão..."* (Entrevista com JK)

---

<sup>182</sup>Os entrevistados recuperam que, desde sua infância, em sua educação, foi reforçada a valorização do trabalho, sendo que era comum os pais atribuírem serviços às crianças, particularmente as que foram criadas nas fazendas.

Historicamente, no entanto, as trajetórias profissionais dos descendentes foram marcadas pela migração do trabalho agrícola para o trabalho liberal. Embora esta trajetória nem sempre ocorresse, ela constitui um mito de trajetória ideal. Mas o que regeu a valorização de uma profissão em detrimento da outra, se, como já visto, a riqueza material não é tomada como valor primeiro?

Considerando as ocupações de agricultor, empregado, profissional liberal, comerciante e empresário, os descendentes apontam dois aspectos para classificar estas ocupações: a qualificação do trabalho e a autonomia que o profissional tem para gerir seu próprio negócio.

O agricultor é relacionado a um trabalho de menor qualificação, ao trabalho árduo, ligado às intempéries do tempo, à natureza, como considera uma filha de agricultores:

*" A vida na roça é uma vida sacrificada... porque você não tem domingo, você não tem feriado e você não tem doença, só se você tiver morrendo mesmo... Porque o leite tem que ser tirado, as duas vezes por dia, não pode deixar, chova ou não chova, festa ou não festa, doença ou não doença, alguém tem que tirar. E a lavoura, se chover e correr tudo bem... hoje tem as... como é que a gente diz, as irrigações, naquele tempo não tinha, nós dependíamos da chuva do céu. Se chovia bem dava, se não chovia não dava. Às vezes você colhia, por exemplo, o algodão, quando chegava de colher o algodão não tinha preço, você tinha que vender... porque né, a gente ia vivendo, por exemplo nós,*

*por exemplo, a gente ia devendo no armazém pagava no fim da colheita." (Entrevista com ALV)*

E por oposição ao agricultor, a profissão liberal é associada, com uma valorização positiva, a um trabalho melhor qualificado, à formação pelos estudos, à cultura.

No entanto, o trabalho rural com uma valorização negativa, oposto ao trabalho liberal, evoca uma representação de passado que relativiza a oposição apontada. Os descendentes remetem, nostalgicamente, a um tempo pretérito dos antepassados fazendeiros, tempo de dificuldade, mas também um tempo resgatado com um sentido idílico e romântico. É freqüente os descendentes que deixaram o campo para exercer outras profissões nas cidades evocarem esse passado rural dizendo que ainda gostam do trabalho da terra. E os que se dedicam ainda hoje à agricultura é a este sentido idílico que remetem para justificar a continuidade do trabalho nas fazendas herdadas pela família, portanto, a continuidade da tradição:

*"Eu aprendi a amar a terra, eu nasci lá. ... Por isso que eu não quero abandonar a terra, e não quero tirar o amor do [seu] filho pela terra. Eu acho que ele vai ser um agrônomo, vai ser um engenheiro, vai ser um geneticista, mas ele vai voltar aqui!"*  
(Entrevista com JV)

O trabalho do agricultor, ligado a um tempo pretérito, ao mesmo tempo dificultoso e idílico, é o que mais pode ser

concebido como tempo que teria permitido uma conduta de trabalho pautada pelos valores familiares e protestantes. Pode-se dizer que o trabalho na terra constitui o mais identificado com os idealizados valores étnicos, norte-americanos sulistas, como menciona um empresário, lembrando não dos seus antepassados mas do filme "*...E o vento levou*":

*"É, porque, e... o... esses sulistas, o americano sulistas, eles são muito ligados à terra. Não sei se você assistiu 'E o vento levou...' Quando a Elisabeth O'Hara[ troca os nomes dos personagens; na verdade refere-se ao personagem Scarlet] volta na, na, na terra... que ela quer fazer sucesso na vida dela, ela chega e pega a terra lá em cima e diz: 'Terra é sempre terra'. O pai diz pra ela: 'Minha filha, a terra é sempre a terra'... Mas eu acho que se ele (meu pai) tivesse na profissão liberal ele teria sido muito mais bem sucedido... Mas, e o amor... à terra, quem é que tira? (Entrevista com DS)*

Mas as trajetórias profissionais, que historicamente convergiram da saída da terra para o trabalho liberal, são explicadas por um outro valor, além da qualificação do trabalho, considerado também favorável, qual seja: a autonomia que o profissional tem para gerir seu próprio trabalho e negócio, principalmente quando os descendentes opõem o profissional liberal ao empregado, e também ao empresário.

Neste sentido, particularmente na avaliação dos profissionais liberais, o empregado tem menos autonomia para gerir seu trabalho porque está ligado à estrutura organizacional de uma empresa, tais como salários, horários e hierarquia pré-

estabelecidos. E os empresários, porque estão ligados aos compromissos com sua empresa, que são regidos pelas leis de mercado, pelas relações de trabalho e pela necessidade constante de investimentos, têm uma autonomia relativa, ainda que maior do que a do empregado.

Neste sentido, o profissional liberal é que tem maior autonomia para conduzir seu próprio negócio, o que resulta na sua maior possibilidade de capacitação profissional e, portanto, de realização pessoal.

E, ainda, os profissionais liberais associam constantemente a sua ocupação profissional a um trabalho de filantropia, ou seja, um tipo de trabalho que pode contribuir para ajudar o próximo. É que o profissional liberal poderia, ainda, manter-se ligado à tradição protestante, tornando mais visível, no seu trabalho, valores como a honestidade e a vocação, como conta uma descendente sobre o seu pai no passado, o médico Cícero Jones:

*"... Às vezes, o cliente não tinha nem com que comprar os remédios ele... dava os remédios também. Ele... às vezes o cliente perguntava: 'Quanto é doutor?' Ele dizia assim: 'Você não tem nem para você, como é que você vai me pagar?' Então ele não cobrava..." (Entrevista com PJ)*

Hoje, um outro médico descendente resgata a sua filantropia, muito parecida com o que foi mencionado acima:

*"Então, dentro da sua atividade você vai ter que pelo menos ser honesto com seu cliente, você vai dar tudo aquilo que você tem condições de lhe dar, saber dos seus limites e... procurar tratar com cordialidade, com amor ao próximo procurar enfim, dar um... além da própria medicina em si um pouco de apoio espiritual também, que o paciente muitas vezes chega no consultório aflito. E às vezes você conversando com o cliente ele já sai melhor, mais aliviado, porque ele traz uma carga psicológica muito grande junto com ele. Então esses valores orientam também você na sua vida profissional como sua vida particular."* (Entrevista com EF)

A melhor qualificação e maior autonomia do profissional liberal e a possibilidade de continuidade de certos valores religiosos aprendidos sugerem porque as trajetórias foram migrando para as profissões liberais.<sup>183</sup>

### **Os empresários**

Se a profissão de agricultor remete a um tempo passado identificado com os valores americanos e protestantes, e se o profissional liberal pode ainda manter no tempo presente esses valores protestantes, pode-se pensar em que medida os empresários tomariam, a partir de sua conduta nos negócios, a

---

<sup>183</sup>O trabalho no comércio é uma ocupação que a grande maioria dos entrevistados não exerceria, julgando-se sem habilidades para fazer transações comerciais, e considerando que estas envolvem uma perspicácia que comprometeria os princípios nos quais foram formados. Sr. RM, que durante muitos anos se dedicou ao comércio de leite na cidade de Sumaré, disse que, quando montou o negócio, lhe haviam avisado que era um homem "honesto demais" para lidar com o comércio; ao que tudo indica, este senhor não se dera muito bem com esta ocupação.

responsabilidade de continuar ou não a tradição, ou seja, em que medida as concepções de trabalho, lucro e acumulação associadas à etnicidade estão orientando sua conduta.

Foram analisados os casos de quatro empresários descendentes da região de Campinas: (i) JW, proprietário de uma indústria de engomagem de fios em Nova Odessa, São Paulo; (ii) DS, proprietário de uma metalúrgica em Santa Bárbara; (iii) AP, proprietário também uma metalúrgica em Campinas; e, por fim, (iv) CP que é proprietário de uma indústria de lapidação de minerais em Campinas, e também de uma fábrica de Coca-Cola.

Os empresários indicam *a priori* que existem duas lógicas distintas que estão orientando sua conduta nos negócios: uma lógica do capital e uma lógica da pessoa do empresário, associada a seus valores étnico-religiosos.

As suas lógicas, todavia, perpassavam as histórias de vida, distintas entre si, de cada um dos empresários.

(i) JW é bisneto de imigrantes americanos. Embora seu bisavô, segundo disse, não era sulista (era de Cleveland, Ohio) e nem mesmo viera à mesma época que os outros imigrantes, e embora, ainda, o seu pai ia muito pouco aos cultos no Cemitério no passado e nem mesmo lá esteja enterrado, JW procura participar freqüentemente das festas e resgatar a sua ascendência, incentivado também pela sua esposa, bisneta de americanos, mesmo considerando que não fala o inglês e não é protestante<sup>184</sup>:

---

<sup>184</sup> JW e sua mulher são católicos. O seu pai era católico praticante, e por informações de sua mãe, o seu avô paterno também tinha formação católica, embora alguns de seus tios-avós fossem presbiterianos, o que pode indicar que a família fosse originalmente protestante. Sua mãe, de formação

" E... eu acho que isso [ tornar-se católico] acabou afastando um pouquinho... da comunidade. Depois, posteriormente é que... que... sei lá, né? A gente começa... começou a voltar, a falar: 'Puxa vida! Nós temos uma ascendência americana, tá?' 'Nós somos descendentes, nós temos que procurar alguma coisa, vê e tudo o mais...'"

E JW, diferentemente de seu pai, gostaria de ser enterrado no Cemitério do Campo:

"Por exemplo, se um dia eu morrer eu gostaria, porque eu acho que é bonito, eu acho bacana! Lá pelo menos, sei lá, você vai ficar num lugar mais arejado... [ri] Não sei se isso vale alguma coisa, mas... eu não sei, rapaz, eu... Lá nem parece cemitério, né?"

JW herdou a administração de uma indústria de engomagem de fios em Nova Odessa, fundada em 1951 por seu pai e um outro sócio. Iniciou suas atividades na empresa em 1976, quando seu pai desligou-se do sócio, e assume sozinho a direção desde 1982, quando ocorreu o afastamento e posterior falecimento do pai.

Ele resgata que o pai foi um bom administrador, ressaltando como qualidades deste último: a forma como este lidava com o

---

evangélica, acrescentou que "pelo seu caráter era como se [seu marido] fosse protestante".

capital, em que "gerava o dinheiro através da poupança para depois gastar"; a forma como lidava com os clientes, onde prezava, antes de tudo, "honrar o seu próprio nome" e "a honestidade", oferecendo a qualidade de seu produto<sup>185</sup>; e, também, a forma como lidava com os empregados, cuja relação era "quase que familiar".

No entanto, JW avalia que, com esta conduta, a empresa, quando administrada pelo pai, não se expandiu. Primeiro, porque, durante os anos em que seu pai teve outro sócio, havia falta de entendimentos quanto ao volume de investimentos em máquinas e equipamentos; e, depois, porque a atitude segura de seu pai, ligada a forma como que lidava com o capital, não permitia a expansão dos negócios.

Ao contrário do pai, o entrevistado assume uma atitude mais arrojada nos negócios, pois está justamente procurando expandir a sua empresa. Desde que assumiu a direção da empresa, há pouco mais de 10 anos, dobrou o número de máquinas e a capacidade de produção. Para os próximos anos, projeta diversificar os ramos de produção da empresa para além da engomagem.

A preocupação atual do empresário é com a continuidade dos negócios de engomagem. A empresa é, antes de tudo, prestadora de serviços para as indústrias têxteis da região. Em uma época de crise, JW diz que precisa convencer as tecelagens da vantagem de terceirizar os serviços de engomagem ao invés de ter sua engomadeira própria. Para tanto, procura vender a marca da

---

<sup>185</sup> Explica que esta conduta de colocar "a honra do nome" acima das relações de mercado proporcionava um lucro permanente baseado nas relações de confiança com os clientes, mesmo que resulte em perdas imediatas.

qualidade de seu produto, marca da empresa desde a época de seu pai.

Passada uma década de sua gestão empresarial, JW ainda toma seu pai como modelo de empresário:

*"Eu acho que ainda ficaria com o meu pai [como modelo de empresário] do que com os outros porque... Eu não queria ser um Antonio Ermírio... Não queria ser. Veja bem, eu acho que com todo dinheiro, com tudo que ele tem, ele não tem sossego na vida. Tá certo? E não adianta você querer ter muito mais, muito além daquilo, se não tem capacidade de gastar... Tá? Eu vivo bem com que eu tenho, vamos dizer assim, procuro sempre progredir mas também... sem sugar ninguém, nem sugar meu funcionário, sem... sabe?... De uma maneira tranquila. Agora... e o Brasil hoje não tem muito exemplo de bom empresário.*

Como seu pai, procura manter a mesma eficiência e a qualidade do produto, aliada a valores associados a seu nome, como a honestidade, e a mesma conduta segura nos investimentos:

*"Ele apesar do pouco conhecimento que ele tinha, de administração, e tudo mais... ele conseguiu fazer alguma coisa assim que eu diria interessante... manter uma firma em crescimento mas sem inchar... Deu continuidade, vamos dizer assim. Agora que nós já estamos tentando, vamos começar... a intenção nossa não é... não já a curto prazo, mas começar a*

*partir para outras áreas... não só ficar na engomagem... Só que nós estamos achando interessante partir para um outro ramo para também diversificar um pouco, pra não ficar dependente só de um ramo."*

O seu discurso mostra que é possível aliar o modelo de conduta empresarial de seu pai a uma postura de expansão dos negócios. No entanto, o que depreende-se do discurso é que JW vem promovendo rupturas no modelo de gestão de seu pai. Em conversas com outros membros da sua família, é sugerida uma oposição entre seu pai, considerado "*seguro*" e "*antigo*", e JW, tido como "*arrojado*" e "*moderno*".

O que se observa são conflitos originários de uma conduta que procura aliar uma lógica de origem familiar nos negócios, que passa pela pessoa do empresário, a uma lógica do capital, conflitos estes que estão se intensificando com a expansão da empresa.

(ii) DS, neto de americano, é proprietário de uma indústria metalúrgica em Santa Bárbara. O empresário vincula o passado americano sulista ao trabalho na terra. Em uma visão romântica do trabalho agrícola, fala que os sulistas sempre tiveram amor pela terra, pela natureza, e que ainda se sente de certa forma tributário desse passado, justificando:

*"Você vê, que a fábrica aqui... parece um bosque. Não tem uma fábrica aqui dentro de Santa Bárbara que seja assim.*

*Por quê? É o espírito do sulista que está aqui... que gosta da natureza, que gosta de planta. Você vê, está tudo plantado aí. Agora, anda por aí para ver se você encontra uma fábrica igual como essa aqui... Você não encontra."*

Mas DS lembra também da fabricação do primeiro arado americano por um antepassado seu, vinculando o fato de hoje ser proprietário de uma metalúrgica:

*"... e tinha que se fabricar um arado, principalmente um arado, por que é o que mais falta fazia... e... pra importar, era muito difícil aquele tempo. Então, o meu bisavô, junto com um alemão que também veio na imigração... quando ele construiu o primeiro arado no Brasil e... ele queria que desse continuidade aquilo, ele, tinha um imigrante italiano aqui na cidade chamado Matedi, foi um dos pioneiros, e ele ensinou esse Matedi a fazer o arado e a fazer o carroção...Então, aqui, no núcleo, as primeiras ferramentas agrícolas que tiveram no Brasil foram produzidas em Santa Bárbara..."*

DS resgata que, apesar de seus avós paternos serem originalmente presbiterianos, sua formação religiosa na família foi bastante liberal. E, mesmo que tenha estudado no Colégio Piracicabano, de origem metodista, resgata o caráter também "liberal" e "mais democrático" deste colégio no que se refere ao aspecto religioso.

A esta formação evangélica, ainda que nem tanto rigorosa, DS atribui que tenha sido inculcado como valores em sua conduta, a caridade e, principalmente, a honestidade. E diz a forma como a religião influencia os seus atos, tal como aprendera:

*"...Fazendo você sentir que é todos os atos que você pratica, tem um Criador supremo que está... também... observando aquele seu procedimento. Depois você faz um, um gesto de deslealdade, de, de desonestidade... com o seu semelhante, depois vai pedir pro Criador que te ajude? Então, são... pontos de vista que esclarecem diante da religião... que pro jovem toca bastante."*

A estes valores de origem religiosa alia um outro de origem familiar: a disciplina. Alega que na sua educação foi-lhe também ensinado "ser correto", "ser ordeiro", "disciplinado", o que permitiu a "aprender a ter responsabilidade".

A sua história de vida, no entanto, vem mostrar rupturas entre este passado familiar e religioso, que remete ao trabalho agrícola e à religião protestante. DS é adepto do espiritismo, herdando esta religião de seu próprio pai que fundou um Centro Espírita em Santa Bárbara. E, em sua vida profissional, passou por várias ocupações: foi lavrador na fazenda de seu pai em Santa Bárbara, e saiu do trabalho na terra, sendo, funcionário graduado de uma empresa multinacional de máquinas agrícolas em São Paulo, depois representante de vendas desta mesma empresa, e, por fim, empresário.

DS fundou uma empresa metalúrgica de pequeno porte em São Paulo em meados da década de 70 e transferiu-a para Santa Bárbara na década passada em virtude do crescimento pelo qual a empresa passava à época que tornava incompatível a estrutura da sede em São Paulo.<sup>186</sup>

O seu modelo de empresário é aquele que divide as responsabilidades da direção de empresa entre seus "colaboradores", chefes e operários, visando promover a "paz e o entendimento" entre estes. Para tanto, o empresário deve contribuir para que os "colaboradores" tenham satisfação pessoal em seu trabalho.

Neste modelo, os conflitos internos da empresa devem ser resolvidos com um trabalho de "recursos humanos", compreendendo-se aqui, "a amizade" e "o entendimento" entre o empresário e os "colaboradores". Esta conduta, que avalia como sendo um trabalho muito difícil para o empresário, remete a um sentido filantrópico:

*"Porque, você tem que partir do princípio que um colaborador seu... é um ser humano... E o ser humano... está sujeito a todos aqueles percalços que a vida traz. Muitas vezes o sujeito vem trabalhar, mas brigou com a mulher... ao sair de casa... deixou uma criança meio doente... se vem trabalhar, mas brigou com o vizinho por causa do cachorro do vizinho que vem lá latir pra acordar o filho... Então, são problemas que eles trazem... e você tem que ter sempre um pouco de paciência para*

---

<sup>186</sup> Ainda que não o dissesse, ficou claro que a escolha por Santa Bárbara, além de ser uma região que oferece certa infra-estrutura, deve-se também a sua origem familiar.

*estudar a causa porque a pessoa está... 'Ah, mas esse sujeito aí não está fazendo nada, está matando a peça hoje, ele nunca matou. O senhor tem que mandar ele embora'. Então, em vez de mandar embora e pôr outra pessoa... você devia de dar, dar uma ajuda para que aquela criatura se recomponha..."*

A conduta colaboracionista, como contraponto, evita os conflitos, como a influência de "*idéias radicais*", e a ação de "*sindicalismo selvagem*"<sup>187</sup>:

*"ainda tem o problema dos sindicatos, que na maioria das vezes são sindicatos muito... muito selvagem, atrasados, que enchem a cabeça do, do funcionário de coisas ruins...ou o empregado em si contra o patrão..."*

Esta conduta é justificada como um investimento porque proporciona lucros a médio prazo na medida em que o empresário diz estar contribuindo para formar pessoas "*que vão ter amor pela empresa*" e "*afinidade com os assuntos da empresa*". Assim, ao invés de ter uma rotatividade de empregados, mantém um quadro constante.

Este modelo de empresário associa-se com a sua formação religiosa e familiar. Nesta conduta, valores como a caridade, a honestidade e a responsabilidade, resgatados ao longo de seu discurso, estão presentes.

---

<sup>187</sup> O empresário avalia como ponto positivo de sua conduta que, com ela, não há greves em sua empresa.

Em suma, o discurso de DS apoia-se em uma lógica humanística, principalmente nas relações de trabalho, que passa pela conduta pessoal do empresário e que está sobreposta à lógica do capital. Todavia, a lógica do empresário não elimina a lógica do capital, mas sim vem reforçá-la porque esta conduta supõe a tentativa de eliminação dos conflitos nas relações do capital e trabalho e, em última instância, proporciona o lucro.

(iii) AP, neto de americanos, é proprietário de uma indústria metalúrgica em Campinas. O empresário e sua família são assíduos frequentadores das reuniões e participam da organização das festas no Cemitério, inclusive uma de suas filhas tem participado do grupo de danças, vestida como dama sulista, durante as solenidades.

O empresário resgata que foi criado em Santa Bárbara com seus avôs e tios maternos, descendentes de americanos, que já haviam deixado o campo, e também criado com o seu pai, um mecânico, imigrante alemão. De sua origem familiar, tanto americana quanto alemã, ele, como presbiteriano praticante hoje, lembra como foi a sua formação religiosa no passado:

*"Meus pais não, não eram um tipo de... de... religiosos extremistas. Por exemplo... existe religiões que... que concebe punições e repressões... Certo? Essa aqui não. Então, o tipo de religiosidade, é uma religiosidade bem bíblica, clara... e... são ensinamentos que... eles vêm quando... quando... você consegue transmitir os ensinamentos ... bíblicos de uma maneira ordenada eles vêm... naturalmente, eles não são impostos, certo?... Então,*

*os filhos acabam sendo co-participantes daquela... daquela situação..."*

Os princípios religiosos aprendidos são por ele considerados como orientadores de sua conduta. Assim, diz que a religião evangélica traz o "*conceito de salvação*" que orienta o seu comportamento, indicando-lhe, nas suas próprias palavras, "*que certas coisas que aparentemente são vantagens e lucros hoje, vão ser perdas amanhã*". Resgata que, por isto, tem "*domínio próprio*" e "*tem consciência de suas reações*".

A esse comportamento, relaciona um modo de ser dos descendentes americanos, como daqueles que participam dos eventos da Fraternidade de Descendência Americana:

*"Mas, temos [ os descendentes] muita coisa que é separado... certo? Então, isso daí que... que eu quero a... deixar, deixar claro, tá? E... e esses a... muitas das atitudes da... da... pessoas, a formação moral, a própria maneira de educação... o comportamento das pessoas, vem sendo... isso... no meio a... dos descendentes têm muita coisa que se o senhor [refere-se ao entrevistador] verificar que são, convenhamos... uma coisa em comum. Certo? Aí se vê que é comum aqui, comum lá, comum lá por quê? Porque a origem, a semente foi a mesma. Certo?... [Essa semente] É, a formação religiosa que eles tiveram, certo? Porque a... o senhor planta lá uma semente de laranja vai nascer laranja... não vai nascer banana! Certo? Então, é isso que eles plantaram, os avós plantaram, está sendo colhido hoje."*

Em sua trajetória profissional, AP teve diversas ocupações: trabalhou como empregado na área de produção em empresas multinacionais de origem americana e alemã de Campinas, foi representante de vendas de peças de uma empresa suíça, e prestou serviços técnico-industriais em projetos agropecuários<sup>188</sup>. Em 1997, juntamente com um outro sócio de nacionalidade alemã, fundou a empresa metalúrgica que especializou-se na produção de ferramentas sob encomenda e, hoje, como pretende AP, está se diversificando com a produção de uma linha de peças com tecnologia desenvolvida pela própria empresa.

Os princípios evangélicos, de origem étnica, orientam a conduta de AP como empresário, que define-a como sendo "*humanista*", "*séria*" e "*legalista*", e que a põe em prática nas relações com os empregados, com os clientes e na forma como lida com o lucro.

AP diferencia duas condutas: uma "*pragmática*", ligada ao jogo do mercado, que se liga ao lucro fácil e ilícito; e uma "*não-pragmática*" guiada por seus princípios, que resulta em perdas imediatas mas que são compensadas por outros ganhos como uma recompensa espiritual<sup>189</sup>.

---

<sup>188</sup> Sobre esta atividade comenta que é "*Herança... uma sementinha da agricultura, né? Aliás, eu gosto muito de agropecuária, agropecuária de corte*". Assim como o fez quanto à religião protestante, novamente, CP relaciona a idéia de "*semente*" para associar a sua origem étnica, ainda que seu pai (alemão) nunca tenha trabalhado no campo e ele mesmo não foi educado no campo. Ele fala que, dos americanos, nem todos eram vocacionados para serem fazendeiros, como os de sua família, que foram arrojados para novos empreendimentos e novos desafios. Mesmo assim, AP idealiza nostalgicamente um passado agrícola dos americanos.

<sup>189</sup> A essa conduta "*não-pragmática*", AP remete aos europeus, dizendo que aprendeu esta postura com alemães e suíços com quem trabalhou, onde "*existe uma seriedade muito grande com os negócios*"; e remete também a valores americanos, de origem familiar. Sobre estes últimos, todavia, refere-se

O seu discurso, contudo, evidencia um conflito: se como empresário o seu objetivo é "*ganhar mais, o lucro e o sucesso*", como pode manter a sua atitude moral? Sua avaliação, quanto ao seu desempenho como empresário, é, neste sentido, ambígua: diz que é "*um bom executivo, administrador, mas que não é o melhor ganhador de dinheiro*", que "*ainda estou aprendendo ganhar dinheiro*", e que "*como empresário estou sendo posto à prova*".

Mas AP também indica que está percebendo, atualmente, uma conduta mais honesta dos empresários, considerando, no contexto político do país, a existência de uma tomada de consciência de princípios éticos, os mesmos princípios que procura seguir, e isto vem resultando em uma nova moralidade. Esse contexto seria novo porque, para ele, o capitalismo brasileiro sempre foi tratado com "*irracionalidade*".

Depreende-se que o discurso de AP circunscreve a lógica do capital à lógica do empresário, pautada por princípios morais, ligados à religião evangélica e valores étnicos. E o seu discurso apontaria para uma tentativa de aproximar as duas lógicas: seriam os princípios morais do empresário que trariam racionalidade ao capital.

(iv) CP, neto de americanos, é proprietário, desde a década de 60, de uma empresa de lapidação e comércio de minerais em Campinas, e herdou um patrimônio empresarial de seu irmão mais velho, constituído de uma fábrica de Coca-Coia em Bauru,

---

a "*sociedade capitalista americana típica*" da atualidade associada a esta conduta "*pragmática*". O discurso de AP opõe, então, duas imagens dos Estados Unidos: a dos seus antepassados e a atual.

no estado de São Paulo, e de empreendimentos agro-pecuários no Centro-Oeste.

O empresário, filho de pai e mãe descendentes, foi educado com seus avós paternos em uma fazenda de Santa Bárbara. A sua vivência no campo - quando em criança trabalhou em pequenos serviços na lavoura - marcou a sua vocação para os negócios ligados à terra e à natureza:

*"Eu gosto de... coisas da natureza... agricultura, a... mineralogia... Geologia... a... botânica... Agricultura... são coisas dessa... sou homem dessas coisas aí.."*

CP lembra que teve a sua carreira de agrônomo abortada porque não conseguiu ingressar na Escola Agrícola, mas, de qualquer forma, justifica que o ramo de sua empresa, o de lapidação e mineralogia, ainda o vincula aos negócios ligados à terra.

À imagem de infância da vida na fazenda, o empresário associa a forma "*puritana*" de lidar com os negócios de seus avós fazendeiros, relacionada aos rigores da moral protestante: trata-se de uma conduta baseada na confiança entre os negociantes, na falta de ousadia e na segurança nos negócios. Ele lembra como os avós eram pouco ousados e ingênuos:

*"Eu fui criado no lado do meus... dos meus..pai, né? Pela família do meu pai... do lado dos meus pais eram mais religiosos, mais puritanos...e menos agressivos, quase todos*

*cresciam assim... pouco agressivos, né? Eles eram [nos negócios] muito puritanos, né? E facilmente eles se, se ...[eram] ludibriados!"*

Essa vida "puritana" dos avós remete, também, a forma como lidavam com o dinheiro, quando a intenção primeira era, antes de tudo, poupar e conter os gastos, sobretudo com o lazer, lembrando:

*" Quando eu tinha poucos anos de idade [ os avós] abriram uma carteira, como é que chama? De poupança, que chamava naquele tempo, acho que era na Caixa Econômica... e aquilo de vez em quando algum parente punha um dinheirinho lá... quando eu fiquei com 18 anos é que me falaram que eu tinha essa... poupança. E comecei a trabalhar, eu continuei poupando... Às vezes eu gastava até um pouco mais do que devia gastar, nas férias, passear, né? Ir n'algum lugar diferente."*

A combinação entre os negócios e os rigores do protestantismo, CP não atribui exatamente a sua origem étnica, mas sim ao fato de seus avós terem sido fazendeiros<sup>190</sup>. Ele diz que seu irmão, de forma diferente, foi criado pelo avô materno, filho de americano, mas que era médico e foi educado com outros princípios, menos guiados pela religião; e avalia que, com

---

<sup>190</sup> Ainda, neste caso, lembra como seus avós deixaram de produzir aguardente em seu engenho na fazenda. Diz que seus avós recebiam muitos missionários protestantes que passaram a pressionar seu avô para interromper a produção, que, mesmo constituindo um bom negócio, acabou desistindo da produção.

isto, o seu irmão tenha sido melhor preparado para lidar com os negócios:

*"E pro lado da minha mãe eram assim: menos religião e mais agressividade no bom sentido... Então, ele se saiu melhor nos negócios. Mais empreendedores..."*

CP saiu da vida no campo em Santa Bárbara e foi estudar em colégios protestantes, realizando os estudos secundários no curso comercial do Colégio Mackenzie em São Paulo. Começou a trabalhar com o seu irmão na fábrica de Coca-cola em Bauru, depois foi empregado graduado em empresas da região de Campinas. Finalmente, montou, em 1963, a sua empresa do ramo de minérios que especializou-se na exportação e, depois, nas atividades de mineração e de lapidação; na ocasião, juntou-se a outros dois sócios, embora sempre coube a ele a administração. Em 1988, herdou o patrinômio empresarial de seu irmão e passou a administrar uma fábrica de Coca-cola e também empreendimentos imobiliários.

A postura de CP nos negócios remete a duas condutas: primeiro, a uma conduta aliada aos princípios morais, como a honestidade, que resgata como sendo de sua origem étnico-religiosa; e remete a uma segunda conduta associada ao mercado, a qual, para expandir seus negócios, acredita que o empresário deva ser "vivo" e "arrojado". E opõe estas duas condutas: a primeira é moralmente desejável, porém "ultrapassada" e "ingênua", e por si só não sustenta os negócios de uma empresa; e a segunda, embora moralmente suspeita, é "necessária" para que uma empresa torne-se lucrativa e cresça.

Neste sentido, a sua idéia de lucro passaria pela segunda conduta:

*"É, a gente tem um bom relacionamento com os clientes, mas ao mesmo tempo, a gente... os negócios têm que ser dentro das normas da, da, firma...Eles [ os clientes] têm que aceitar aquilo. Talvez haja em certos negócios uma pequena a... maleabilidade, um pouquinho a mais um pouquinho a menos, pra um lado pro outro, mas, temos que... ele tem que aceitar aquelas condições que nos dá uma... uma... um lucro... uma margem... é...razoável."*

Recuperando a sua trajetória profissional, o empresário diz que foi a de alguém educado para seguir rigidamente os seus princípios, mas que teve que mudar para lidar com os negócios:

*"É. Eu ... eu...tive dificuldades no começo, como eu falei pra você, né? Dada a minha criação... mas eu fui vencendo essa barreria e... e... e entendendo que todo mundo quer aproveitar da gente... nos negócios. Então, eu fui mudando, fui mudando... aos poucos, né? Aos poucos... Aprendi, não tendo tanta boa fê, né? Nos outros... Fui mudando."*

Então, o seu discurso aponta para uma revisão de seus princípios, mesmo que, na sua avaliação, diga que não tenha rompido de todo com eles. Esta revisão foi necessária para expandir os negócios e ser um empresário bem-sucedido. Assim,

a lógica do empresário deve se adequar à lógica do capital, mesmo considerando que uma não exclua de todo a outra.

Considerados os casos dos quatro empresários, se, em um primeiro momento, pode-se inferir que a lógica capital estaria circunscrita a uma lógica da pessoa do empresário, de origem étnico-religiosa, as ambiguidades dos discursos, no entanto, vêm mostrar que existem situações de conflito relacionadas à forma como estes empresários lidam com ambas as lógicas na condução dos negócios.

O que se depreende dos discursos seria uma certa inviabilidade quanto a uma *práxis* empresarial orientada plenamente por valores da pessoa do empresário. A finalidade última da conduta nos negócios remete, em última instância, a uma prática voltada para o lucro, regida pela lógica do capital. Pode-se dizer que é o capital que vem determinar a sua *práxis* e que a lógica do empresário, posta em conflito diante do capital, seria negociada em determinados contextos, seja para ser afirmada ou seja para se romper com ela, no jogo das regras ditadas pelo mercado.

### **Ser brasileiro, americano e confederado no trabalho e nos negócios**

As concepções de trabalho, de lucro e de acumulação dos descendentes de diferentes profissões remetem à lembranças de um idealizado tempo pretérito dos antepassados fazendeiros, quando a lógica que regia a sua economia era, sobretudo, a do trabalho, associado a valores religiosos, como contraposição a

uma vida voltada, sobretudo, para os negócios, ou seja, para o lucro e a acumulação.

Historicamente, no entanto, as trajetórias das economias dos imigrantes promoveram rupturas em relação aos valores religiosos e, em diversos momentos, a lógica dos negócios, em oposição à lógica do trabalho, é que identificou publicamente os imigrantes e a descendência.

Os imigrantes americanos eram vistos, antes de tudo, como empreendedores. Os pioneiros desmataram os sítios, ensinaram os "*brasileiros*" a manejarem o arado, administraram as fazendas das regiões. E ficaram conhecidos pelos seus negócios agrícolas durante muito tempo nas localidades de Americana e Santa Bárbara. Alguns descendentes lembram, hoje, que mesmo nos cultos do Cemitério realizavam-se negócios. A tudo isso, e mesmo como decorrência disso, aliou-se o fato de que a vida religiosa de grande parte dos descendentes foi se distanciando dos valores protestantes ao longo do tempo.

Pode-se dizer que, no passado, os imigrantes foram americanos pretendendo ser brasileiros através da sua inserção nos negócios. Mas, no tempo presente, os descendentes, assim como vão às festas, em um tempo ritual-sagrado, também na sua vida cotidiana, em um tempo histórico-profano, podem lembrar-se, de alguma forma, que são americanos: eles são brasileiros pretendendo ser americanos através do reforço à ética do trabalho.

Todavia, eles, estrategicamente, se esquecem que os seus antepassados, em grande parte, viveram dos negócios e foram rompendo com os valores protestantes. O que os descendentes fazem é constituir lembranças de uma conduta no trabalho, -

lembranças estas que têm autenticidade porque vinculam-se a sua ancestralidade e a certos referenciais históricos - que, possivelmente, seus antepassados, e eles próprios, não tenham vivido.

É neste sentido que a festa, ela própria, está se transformando em um negócio para a Fraternidade de Descendência Americana, inserindo cada vez mais na indústria do turismo. Mas também aí, nas solenidades, os valores protestantes dos antepassados são lembrados (e idealizados) para participantes - dentre eles os descendentes - que, na prática, não se associam a estes valores: eles, sem problemas, comem os pratos típicos e tomam bebidas alcoólicas, próximos às lápides, em um dia considerado sagrado, o domingo.

Para ser americano no trabalho e nos negócios é necessário aos descendentes criar lembranças que supostamente estão associadas aos antepassados, e necessário também, estrategicamente, esquecer quem eles foram. Mas por que os descendentes constituem essas lembranças justamente neste momento, quando também vêm festejando no Cemitério?

Os valores éticos associados ao trabalho emergem diante de um contexto sócio-político específico do país. Valores como "*honestidade*", "*sinceridade*", "*honra a palavra*", que perpassam os discursos, são contraponto positivo para se afirmar em um contexto que questiona a moralidade nos negócios, como o enriquecimento fácil e desonesto, particularmente questionados por uma classe média que vem reivindicando um nova ética, tanto no que diz respeito ao trato dos negócios públicos, quanto à

atuação dos agentes econômicos, como trabalhadores e empresários.<sup>191</sup>

Notadamente, são os empresários os que mais associam os limites de sua atuação ao contexto do país. Como pequenos e médios empresários, eles expressam suas dificuldades:

*"Hoje é difícil porque as margens [de lucro] são bem menores que antigamente. Vamos dizer, nós podemos falar em Era AC e Era DC, antes de Collor e depois de Collor"* (Entrevista com JW)

*"A vida do empresário é, no Brasil, é uma vida cheia de altos e baixos, crises, e, e... e uma porção de coisas que o Brasil passa que não devia passar e que têm conseqüências danosa na vida do empresário, né?"* (Entrevista com CP)

E são os empresários que apresentam mais conflitos, opondo uma lógica da pessoa do empresário, associada a valores religiosos e étnicos, à lógica do capital. Eles ficam divididos entre as duas lógicas na medida em que constroem uma lógica do trabalho, ligada ao protestantismo, opondo a uma lógica dos negócios que, enfim, é a que rege a *práxis* empresarial. Provavelmente, evidenciam conflitos que nem mesmo os seus antepassados tenham vivenciado com tanta ênfase.

Pode-se pensar que são os empresários que apresentam maiores conflitos porque são os mais suscetíveis às

---

<sup>191</sup> As entrevistas foram realizadas no outono de 94, no contexto pós-impachment do Presidente Collor e das apurações do escândalo do orçamento na Câmara dos Deputados.

transformações do atual contexto da economia globalizada. Estes conflitos emergiriam porque as formas de acumulação do capital estão se modificando no contexto transnacional; e, diante de uma nova racionalidade do capital - ou na avaliação de um dos empresários de sua "*irracionalidade*" -, os empresários voltam-se para seus valores étnicos (idealizados, que sejam) para pensar quem podem ser, como agentes econômicos, em um contexto transnacional.

Os conflitos dos empresários e dos outros descendentes entre ser brasileiro, descendente de americano, no trabalho e nos negócios não estaria, portanto, deslocado do contexto de internacionalização contemporâneo. Assim como a festa, ao mostrar quem pode ser americano no Brasil, é realizada para se estreitar relações transnacionais, a emergência da etnicidade vinculada ao trabalho e aos negócios pode permitir aos descendentes obterem um lugar diferenciado no espaço econômico brasileiro e, quem sabe, mundial.

Neste sentido, a festa pode ser um caminho para que estes brasileiros, ao se mostrarem de alguma forma americanos, venham a obter algumas vantagens econômicas, como estudantes, trabalhadores e empresários nos Estados Unidos, ainda que este país que viriam a conhecer não seria decisivamente os (idealizados) Estados Confederados dos seus ancestrais. Poderia estar aí uma articulação possível entre o tempo do ritual, o da festa, e o tempo histórico, do trabalho e dos negócios.

Mas pensar a associação entre a etnicidade e a economia implica em considerar que a primeira é uma categoria analítica essencialmente fluida - tal como foi refletida ao longo deste trabalho - e que são desprovidas de um irredutível que as

constituiriam. Assim, as condutas no trabalho e nos negócios, associadas à etnicidade, poderiam apenas ser apreendidas enquanto configurações históricas em que se negociam estas práticas, como no atual contexto de globalização, ainda que sejam - para os pesquisadores também, inseridos em seu próprio tempo - configurações provisórias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As construções e reformulações das identidades americanas em Santa Bárbara d'Oeste e Americana ao longo do tempo remetem para três temporalidades distintas.

Uma temporalidade refere-se ao presente, em tempo histórico-profano, quando os descendentes afirmam-se, antes de tudo, ser brasileiros, mas lembram, de alguma forma, que são americanos. Estas lembranças, de um mundo doméstico, opacas e fugidias, são distintas, e associam-se à histórias de vidas cada vez mais distintas, que remetem às trajetórias passadas de dispersão e amálgama à sociedade local das 2a. e 3a. gerações, inseridas em contextos políticos que reforçavam o nacionalismo, como o da Era Vargas.

É que no passado, uma outra temporalidade, os imigrantes da 1a. geração identificaram-se - e foram identificados - como americanos no Brasil - não foram confederados - porque passaram pelas experiências comuns da imigração e do estabelecimento em Santa Bárbara e Americana, e porque, também, associaram-se a uma imagem dos Estados Unidos do século passado, como nação progressista no contexto da Republicano recém-proclamada. Mas, dadas as fragilidades históricas com que construíram as marcas identitárias - já frágeis, por definição -, que escondiam a heterogeneidade do grupo de imigrantes - dentre eles, aristocratas e soldados confederados -, os americanos tornavam-se brasileiros.

Por fim, há uma terceira temporalidade, no presente, em um tempo mítico-sagrado, o das reuniões e das festas no cemitério, quando os descendentes e moradores das localidades utilizam-se de suas lembranças - e de uma imagem presumida do que são os Estados Unidos contemporâneos - como forma de dar autenticidade ao fato de afirmarem-se americanos e confederados; mesmo porque, os mortos lembram a todos a existência de um tempo pretérito.

Mas não são estas as lembranças que emergem, mas sim, estrategicamente, os esquecimentos de um passado idealizado: do Sul, da Confederação e da Guerra. Os descendentes se esquecem - o que, de fato, seus antepassados nem puderam ter sido - para que possam criar novas lembranças, reforçadas por um outro contexto, o de internacionalização contemporâneo.

Estes processos identitários, dos eventos no cemitério, induzem, também, à lembranças e esquecimentos associados, particularmente, às trajetórias do trabalho e aos negócios. Aqui, os descendentes, constituem lembranças de que seus antepassados viveram sob uma ética protestante do trabalho, esquecendo-se que eles foram vivendo de seus negócios; isto, também, constitui uma estratégia para se (re)pensarem quem podem ser, como agentes econômicos, diante do processo de globalização das economias mundiais. Estaria aí uma articulação entre o tempo do ritual e o tempo histórico, para além das lápides do cemitério.

De tudo exposto, a noção de identidade, largamente utilizada neste estudo, e que vem sendo desconstruída analiticamente tantas vezes em outros estudos recentes, pode encerrar também um problema empírico: não existe o irreduzível que marca os

grupos sociais.<sup>192</sup> No caso aqui analisado, tudo e todos podem potencialmente ser americanos, e se tudo e todos podem sê-lo, daí que qualquer um pode ser ou vir a ser, de fato, brasileiro, americano e confederado de Americana e Santa Bárbara: basta que acione processos simbólicos que têm uma margem estratégica de (re)formulação infinda, porque negociados entre esquecimentos e lembranças, inseridos em diversos contextos históricos.

O caso dos descendentes de americanos confederados de Santa Bárbara e Americana nos permite refletir sobre processos mais gerais de formulação das identidades dos grupos nas sociedades contemporâneas.

Primeiro, pode-se pensar, que as identidades sociais reformulam-se através de uma idealização do passado, quando grupos, estrategicamente, acionam referências históricas trazendo-as para o tempo presente: o passado idealizado é uma criação entre as lembranças voluntárias e esquecimentos.

Em sentido semelhante ao enfatizado por De Decca (1992), a partir da análise da obra de Pierre Nora, o que os grupos sociais incorporariam seria uma fórmula-híbrida: "*a memória-histórica*". Não se trataria, então, de um simples resgate da memória, mas sim de uma memória voluntária, construída, porque perdeu o referencial do vivido, tornando-se uma "*percepção histórica do vivido*". Não se trataria, também, da história, porque se perdeu o que é a marca do trabalho do historiador, ou seja, a dimensão crítica. Seria, antes de tudo, o meio termo entre memória e história, que espera e induz a

---

<sup>192</sup> V. Ruben (1988, 1992).

lembranças e a esquecimentos sobre os quais reformulam-se as identidades.

Segundo, pode-se também pensar, que as identidades sociais estão se reformulando como decorrência do cenário de internacionalização contemporâneo. Habermas(1989) sustenta que a consciência histórica nacional encontra-se problematizada no bojo da universalização da democracia e dos direitos constitucionais dos povos. Neste sentido, verifica-se a emergência de uma consciência pós-tradicional onde os indivíduos assumem responsabilidade pública de continuar ou não a tradição através das gerações. Tomando como exemplo a Alemanha atual, Habermas se pergunta: "*queremos ou não ser de outra maneira?*", questão significativa para apontar a existência de identidades transnacionais que vêm possibilitando aos grupos se questionarem sobre quem podem ser neste novo cenário mundial.

Em anos recentes, a política de nacionalidade de alguns países, como Portugal e Itália, vem incorporando um contingente de imigrantes e seus descendentes como cidadãos de seus respectivos países através de medidas como direito à dupla cidadania. O Japão vem incorporando os descendentes de imigrantes como trabalhadores, como verificado no fenômeno "*dekassegui*". E os descendentes de americanos confederados tentam estreitar seus laços com os Estados Unidos, numa tentativa de formalizar redes de relações transnacionais.<sup>193</sup>

Assim, um bisneto de imigrantes italianos de São Paulo, tanto quanto um de Buenos Aires, pode ser cidadão (pelo menos

---

<sup>193</sup> V. sobre portugueses nos Estados Unidos in Feldman-Bianco (1992); sobre italianos em São Paulo in Chiarini (1992); e sobre o fenômeno *dekassegui* in Castro (1994).

em termos legais) da Itália; um neto de português do Rio de Janeiro ou um de New Bedford, nos Estados Unidos, pode ser cidadão de Portugal; e um sansei do interior do Estado de São Paulo, do Paraná, ou do Pará, pode ser trabalhador no Japão. Pode-se indagar, também, se os netos, bisnetos e tataranetos de americanos confederados de Santa Bárbara e Americana poderão vir a ser cidadãos, trabalhadores ou estudantes nos Estados Unidos.

Mas estas pessoas não deixarão de ser argentinas, norte-americanas, e brasileiras, e estes, ainda, paulistas, cariocas, paranaenses, paraenses, barbarenenses ou americanenses. Elas serão cidadãs de um mundo globalizado, como um forma de serem também brasileiras, norte-americanas e argentinas.

Na essência, a reformulação das identidades no interior contexto transnacional viria indagar a todos nós, brasileiros, como se pergunta Habermas(1989): "*queremos ou não ser de outra maneira?*"

Partindo da análise do caso estudado, poderia se pensar que a identidade nacional, inserida em um contexto transnacional, não se construiria a partir de traços diacríticos constituídos - como tantos por tantas vezes buscaram defini-la - mas se reformularia a partir de uma infinidade de traços historicamente constituídos.

Assim, se os descendentes de americanos são americanos como uma forma de serem brasileiros, assim como os descendentes de japoneses, italianos, portugueses, e também índios e negros, e se, potencialmente, todos poderiam ser brasileiros, pode-se pensar que qualquer um pode ser, de fato, brasileiro.

E se pode pensar, também, que a nacionalidade poderia ser reformulada, em um contexto transnacional, mais a partir daquilo que não é, do que a partir daquilo que é, mais a partir da ausência do que presença de um ponto central definidor desta nacionalidade.

A identidade nacional, compreendendo-se que não existe um ponto central que a constitui, viria a ser reformulada a partir de uma potencialidade diacrítica infinita. E se há esta potencialidade diacrítica, nada seria fundamentalmente necessário para a construção de uma nacionalidade. Não seria esta a contra-mão de alguns estudos em que se debruçaram tantas vezes os cientistas sociais para definir uma "*identidade brasileira*"?

A marca da identidade brasileira poderia ser o fato de que ela (a marca) não existe. Na ausência da marca do "*ser brasileiro*" é que viria a se construir a identidade brasileira. Como disse o compositor Waly Salomão em um programa televisivo<sup>194</sup>: "*É porque tantos têm muito de não-brasileiros é que podem se sentir brasileiros.*"

Em suma, a construção da identidade nacional, inserida no contexto de internacionalização contemporâneo, poderia ser representada por um jogo de quebra-cabeças, onde as peças disponíveis, que revelariam sentidos identitários ocultos, nunca configurariam um quadro definido, porque elas são infinitas. O olhar de um antropólogo não tomaria como foco, apenas, a figura que se forma em determinados contextos históricos, mas sim, focaria as tantas peças que poderiam vir a ser disponíveis como contribuição do trabalho etnográfico.

---

<sup>194</sup> Trata-se do Programa Legal da Rede Globo, encabeçado pela humorista Regina Casé; curiosamente, este programa é produzido por um antropólogo, Hermano Viana.

Voltemos para o caso dos brasileiros, descendentes de americanos confederados de Santa Bárbara e Americana, particularmente para a mais famosa descendente, a cantora e compositora Rita Lee Jones, que já declarou no passado ser a "ovelha negra" da família, estigmatizada pelos parentes como "roqueira".

A sua irmã e empresária, Virginia Lee, em uma das festas, disse-me como é forte a influência americana na sua vida e na de sua irmã, e que seu pai contava a elas muitas histórias: "*lá em casa fomos sempre muito patriotas, amamos a pátria americana*". Contou, ainda, que quando vai com a Rita para os Estados Unidos, elas se sentem em casa, porque lá a Rita não é famosa, passando imperceptível, sendo que aqui ela é logo identificada.

A Rita, ela mesma, de tempos em tempos, declara à imprensa que "*lembro-me de ter sido fascinada, como ainda sou, pela comida e por aquela loucura toda do cemitério*", mas que "*depois que meu pai e minha mãe morreram, eu deixei de participar, mas quero ter tempo para voltar a levar meus filhos.*"<sup>195</sup>

Certa vez, em um show que apresentou em Americana, sentindo-se também em casa junto aos primos e primas, a cantora referiu-se várias vezes, em meio as suas músicas, aos piqueniques no cemitério (de novo, aproximam-se a morte e a festa, aqui o próprio show).

Naquele dia, nos ensaios, conversei com a Rita. Ela ficou curiosa com o meu trabalho, ao qual se referiu como "*pesquisa*

---

<sup>195</sup> "Museu em São Paulo lembra a guerra civil dos EUA". Folha de São Paulo, 22/11/87.

*com experiências de vida*" (sic!), e disse-me que iria fazer uma visita ao Cemitério, já agendada, e que eu poderia lá encontrá-la. Na mesma hora, considerei que aquilo poderia ser, como dizem no jargão jornalístico, um "*furo*", um "*furo de campo*".

Preparei-me para o campo, levando blocos de notas, máquina fotográfica - e uma amiga fotógrafa - e gravador, e fomos ao Cemitério, cortando os canaviais. Chegando lá, nada de Rita! O Cemitério estava vazio, exceto pelo zelador e família, como deve ser em todas as vezes que não acontecem as reuniões e as festas. Fiquei pensando se ela teria se esquecido da visita ao Cemitério.

Mas nada disto tem importância, nem mesmo a minha momentânea frustração naquele dia. Mesmo sem ir ao cemitério, Rita, e também os seus filhos, provavelmente se sentirão à vontade, sempre com muitas lembranças, para identificarem-se como americanos confederados, seja aqui ou nos Estados Unidos, ainda que, como diz o compositor Caetano Veloso, na conhecida música "*Sampa*", a Rita Lee seja, para São Paulo, "*a sua mais perfeita tradução*."

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 1. Livros, ensaios e teses

- ANDERSON, Benedict. Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism. Londres: Verso, 1983.
- ANTUNES DE OLIVEIRA, Betty. Antecedentes. Emigrados dos Estados Unidos da América em Santa Bárbara, S. Paulo. Sua contribuição para a comunidade e seus reflexos. In. Centelha em restolho seco: uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil. Rio de Janeiro: ERCA, parte A, p.7-62, 1985.
- BARBANTI, Maria Lúcia Hilsdorf. Escolas americanas de confissão protestante na Província de São Paulo. São Paulo: USP, 1977 (tese de mest.).
- BARTH, Frederic. Ethnic groups and boundaries. The social organization of culture difference. Bergen Oslo: University for Galet, 1969.
- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade - lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BRITO, Jolumá. História da cidade de Campinas. São Paulo: Saraiva, 1969.
- BRYAN, Abílio S. Americana, sua história. Americana: São Paulo, 1967.
- \_\_\_\_\_, Edição histórica: Americana. São Paulo: Focus.
- CANABRAVA, Alice. O Algodão na Província de São Paulo. São Paulo, 1984.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Identidade, etnia e estrutura social. São Paulo: Pioneira, 1976.
- \_\_\_\_\_. Enigmas e soluções. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível. In. \_\_\_\_\_ Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade. São Paulo: Brasiliense/ EDUSP, 1986.
- \_\_\_\_\_. Negros, estrangeiros. Os escravos libertos e sua volta à África. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CASTRO, Marco Luiz. Entre o Japão e o Brasil: a construção da nacionalidade na trajetória de vida de Hiroshi Saito. Campinas: IFCH/UNICAMP (dissert. de mestrado).

COHEN, Abner. Custom and politics in Urban Africa: a study of Hausa migrants in Yoruba towns. Califórnia: University of California, 1969.

CHIARINI, Ana Maria. Imigrantes e italiani all'estero: Os diferentes caminhos da italianidade em São Paulo. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1992 (dissert. de mest.).

COSTA, Ana Maria de Siqueira. O destino (não)manifesto: os imigrantes norte-americanos no Brasil. São Paulo: USP, 1985 (tese de dout.).

CRIVELARI, José Maria (coord.) Edição Histórica: Santa Bárbara d'Oeste. São Paulo: Focus.

CZESNAST et alli. O teatro público: Oktoberfest ( a construção cultural de uma festa municipal) XII Encontro Regional de História da ANPUH. Campinas, 1994 (texto).

DAWSEY, Cyrus B & Dawsey, James M. (org.) The confederados: old south immigrants in Brazil. The University of Alabama Press. Alabama, 1995.

DAWSEY, John Cowart. O espelho americano: americanos para brasileiro ver e brazilians for american to see. In Revista de Antropologia. São Paulo: USP, 1994.

DE DECCA, Edgar Salvadori. Memória e cidadania. In. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: Depto. Histórico de São Paulo, 1992.

ELIADE, Mircea. O mito do eterno retorno. Lisboa: Edições 70, 1978.

EVANS-PRITCHARD, E.E. Antropologia e Historia. In. \_\_\_\_\_. Ensayos de Antropologia Social. Madrid: Siglo XXI, 1978.

FAUSTO, Boris. Historiografia para a imigração em São Paulo. São Paulo: Sumaré/FAPESP, 1991.

FERREIRA, Júlio de Andrade. História da Igreja Presbiteriana no Brasil. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, vol. I, 1959.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Multiple layers of time and space: the construction of class, ethnicity and nationalism among portuguese immigrants. In. Annals of the New York Academy of sciences. vol 645. New York, 1992

FREYRE, Gilberto. Novo mundo nos trópicos. São Paulo: Nacional/USP, p. 117-19, 1971.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In. \_\_\_\_\_. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

GASTON, J. Mc F. Hunting a home in Brazil. The agriculture resources and other characteristics of the country. Philadelphia: King & Baird Printers, 1867.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GELLNER, Ernest. Nations and nationalism. Oxford: Basil Blackwell, 1983.

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In. FELDMAN-BIANCO (ed). Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos. São Paulo: Global, 1987.

GOLDMAN, Frank. Os pioneiros americanos no Brasil: educadores, sacerdotes, covos e reis. São Paulo: Pioneira, 1972.

\_\_\_\_\_, Americanos em São Paulo. Folha da Manhã (I- XV) São Paulo, 1956.

GRIER, Douglas Audenreid. Confederate emmigration to Brazil (1865-1870), s.e., University of Michigan, 1968 (tese de dout.).

GUILHON, Norma. Confederados em Santarém: saga americana na Amazônia. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

HABERMAS, J. Identidades nacionais y identidades postnacionais. Madri: Tecnos, 1989.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Pioneira, 1972.

HARTER, Eugene C. A colônia perdida da Confederação: a imigração norte-americana para o Brasil após a Guerra de Secessão. Rio de Janeiro: Nórdica, 1987.

HOBBSBAWN, E. Nações e nacionalismo desde 1780: mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

JONES, Judith Mac Knight, Soldado descansa! Uma epopéia americana sob os céus do Brasil. São Paulo: Jarde, 1967.

LÉONARD, Émile G. O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social. São Paulo: HASTE, 1963.

KIDDER, Daniel P. e FLETCHER, J.C. O Brasil e os brasileiros. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1941.

LE GOFF, Jacques. História e memória. São Paulo: UNICAMP, 1992.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Estrutura e ecologia. In. \_\_\_\_\_. O olhar distanciado. Lisboa: Edições 70, 1986.

\_\_\_\_\_. Os tristes trópicos. Lisboa: Martins Fontes/Portugália, 1976.

MARCUS, George. Past, present and emergent identities: equirements for ethnographies of late twentieth century modernity worldwide. ABA, 1990 (dat.).

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In. Sociologia e antropologia. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MESQUITA, Zuleica. Metodistas e liberais em Piracicaba: uma aliança histórica. In. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, ano II, no. 2, São Paulo, 1992.

MITCHELL, Margareth. ...E o vento levou. São Paulo: Record.

NIETZSCHE, Friedrico. Da utilidade e dos inconvenientes da história para a vida. In. Considerações Intempestivas. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1978.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: CPDOC/ FGV, vol. 2, no. 3, 1989.

PONTES, Carlos. Tavares Bastos. Rio de Janeiro: Cia Editora Nacional, 1975.

PROUST, Marcel. Em busca do tempo perdido. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

RAMOS, Artur. Confederados no Brasil. In. A aculturação negra no Brasil. São Paulo: Nacional, p. 307-313, 1942.

RIBEIRO, Boanerges. Protestantismo e cultura brasileira: aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

RUBEN, Guillermo Raúl. Empresários e globalização: prolegômenos de uma metodologia de compreensão e de ação. In. Revista Brasileira de Ciências Sociais no. 28. São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_. As identidades e nacionalidades latino-americanas no contexto transnacional. In. ZARUR, G. (org) Identidades em America Latina. Flacso, 1992.

- \_\_\_\_\_. O que é nacionalidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- \_\_\_\_\_. Teoria da identidade na antropologia: um exercício de etnografia do pensamento moderno. In. CORRÊA, Mariza e LARAIA, Roque (orgs.). Roberto Cardoso de Oliveira: homenagem. São Paulo: IFCH/UNICAMP, 1992.
- \_\_\_\_\_. Teoria da identidade: uma crítica. In. Anuário Antropológico/86. Brasília, 1988.
- SCHILLER, Nina Glick (org.) et al. Towards a transnational perspective on migration: race, class, ethnicity and nationalism reconsidered. N. Y.: The New York Academy of Sciences, 1992.
- THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- TURNER, Victor. The forest of symbols: aspects of Ndembu ritual. Ithaca: Cornell University, 1967.
- VANSINA, Jan. Oral history: a study in historical methodology. Chicago: Aldine, 1965.
- \_\_\_\_\_. Oral tradition as history. Madison: The University Wisconsin, 1985.
- VAN VELSEN, J. A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. In. FELDMAN-BIANCO (ed.) Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos. São Paulo: Global, 1987.
- VIANA MOOG, Clodomiro. Bandeirantes e pioneiros: paralelo entre duas culturas, Porto Alegre: Globo, p. 33-42, 1974.
- VIEIRA, David Gueiros. O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil. Brasília: Editora de UNB, 1980.
- WACHTEL, Nathan. Memory and history. Introduction. In. BOURGET, VALENSI, WACHTEL (eds.) Between memory and history. History and anthropology, vol 2, part 2, 1986.
- WEAVER, Blanche. Confederate emmigration to Brazil. In. Journal of Southern History, 1961.
- \_\_\_\_\_. Confederate immigrants and evangelical churches in Brazil. In. Journal of Southern History, 1952.
- WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Pioneira, 1979.

ZALUAR, J. Peregrinação pela Província de São Paulo. 1860-61. Belo Horizonte/Itatiaia, 1975.

## 2. Artigos de Periódicos

### 2.1. Periódicos nacionais

- 04 jan 1941 Os antigos confederados norte-americanos no Brasil. Diário Popular.SP.
- 25 jan 1947 Uma aventura americana. O Cruzeiro. RJ.
- 16 nov 1955 Americana no 31o. aniversário de sua emancipação política.O Estado de São Paulo.
- 07 abr 1956 A história curiosa da cidade que os norte-americanos deram ao Brasil. A Gazeta.SP.
- 28 out 1956/  
23 dez 1956 Americanos em São Paulo (I - XV). Folha da Manhã. SP.
- 13 jan 1957 A "Hopewell Church", marco histórico da civilização americana do norte em nosso município. Jornal d'Oeste. Santa Bárbara d'Oeste.
- 06 jul 1958 Os "pionners" de Santa Bárbara d'Oeste. Jornal d'Oeste.
- 31 set 1961 Os americanos. Jornal d'Oeste.
- 26 jan 1962 Americana trabalha em casa. Visão. SP.
- 08 nov 1963 D. Pérola Byington. A Gazeta. SP.
- 13 abr 1965 Evocação na cidade de Americana: um século depois da guerra dos sulistas nos EUA. Diário Popular. Campinas.
- 11 jun 1965 Edição do 17o. aniversário. Jornal d'Oeste. Santa Bárbara d'Oeste.
- 20 fev 1966/  
15 jan 1967 Dossiê sobre o Centenário da Imigração norte-americana. O Liberal. Americana.
- 11 mar 1966 Encontrou final feliz no Brasil a tragédia "E o Vento Levou". Diário de São Paulo.

- 13 mar 1966 O cemitério das sepulturas que falam. Diário de São Paulo.
- 10 jul 1966 Edição do 18o. aniversário. Jornal d'Oeste. Santa Bárbara d'Oeste.
- 30 out 1966 Centenário dos Americanos. Jornal d'Oeste.
- 23 jul 1967 Soldado descansa! O Liberal. Americana.
- 03 set 1967 Rotary Clube irá homenagear Dona Judith Mac Knight Jones. Jornal d'Oeste. Santa Bárbara d'Oeste.
- 12 jan 1969 Cemitério dos Americanos: patrimônio histórico de Americana. O Diário. Piracicaba.
- 08 jun 1969 O fim de uma história triste. Diário Popular. SP.
- 15 jun 1969 Edição do 1o. Centenário. Jornal d'Oeste. Santa Bárbara d'Oeste.
- 14 ago 1969 Museu histórico e pedagógico para Santa Bárbara d'Oeste. Jornal d'Oeste.
- 28 fev 1971 A epopéia dos confederados. Correio Popular. Campinas.
- 12 set 1971 Um centenário batista. Jornal Batista. RJ.
- 26 set 1971 Trabalhadores construíram uma cidade e vivem nela: Americana. Diário do Povo. Campinas.
- 23 abr 1972 Governador da Geórgia visita o Cemitério do Campo. Jornal d'Oeste. Santa Bárbara d'Oeste.
- 24 set 1972 Guerra civil americana para alguns terminou em São Paulo. O Globo. RJ.
- 10 nov 1974 O cinquentenário e a feira de Americana. O Estado de Paulo.
- 17 nov 1974 Criada pelos confederados, Americana comemora 50 anos. Jornal do Brasil. RJ.
- 13 abr 1975 Na estação, o berço da cidade. Domingo Jornal. Americana.
- 23 out 1975 Os americanos continuam chegando. Jornal d'Oeste. Santa Bárbara d'Oeste.
- 19 nov 1975 Americanos no Brasil. Manchete. RJ.
- 08 jun 1976 Um museu mostrando a cultura dos imigrantes. O Liberal.

Americana.

- 04 jul 1976 Americana perde traços da origem. Campinas, s.r.
- jul 1976 ...E o vento levou. Isto é. SP.
- 11 jul 1976 Uma reunião festiva marcará a passagem do bicentenário. S.r.
- 15 jul 1976 Semi-tróli recorda os sulistas. O Estado de São Paulo.
- 07 nov 1976 Jimmy Carter visitou nossa cidade. Jornal d'Oeste. Santa Bárbara d'Oeste.
- 1976 Vitória de Carter lembra visita. O Liberal. Americana.
- 1976 Colonos americanos no Brasil. Opinião. SP.
- 31 jan 1977 Os confederados de Americana. Jornal do Brasil. RJ.
- 1977 "Independence Day", festa em Americana. O Estado de São Paulo.
- 07 jan 1978 Os EUA filmam sua colônia no Brasil. Folha de São Paulo.
- 16 jul 1978 O futuro do Cemitério do Campo. Jornal d'Oeste. Santa Bárbara d'Oeste.
- ago 1980 Americana: o novo país dos confederados. Revista Geográfica Universal. RJ.
- 24 set 1980 Americana, uma cidade que nasceu dos confederados. Jornal do Brasil. RJ.
- 04 out 1980 Santa Bárbara: disputa pelo cemitério americano. Correio Popular. Campinas.
- 09 mai 1981 Histórias da cidade. Edição Barbarense.
- 13 jun 1981 Santa Bárbara e seus 112 anos de emancipação política. Jornal d'Oeste. Santa Bárbara d'Oeste.
- 04 dez 1981 A semente plantada por D. Margarida prosperou. Edição Barbarense.
- 14 fev 1982 James R. Jones: a ganância está pondo o homem a perder. O Liberal. Americana
- 22 mai 1982/ 26 jun 1982. Passado distante (I - V). Edição Barbarense

- 15 nov 1982 Santa Bárbara guarda a memória dos confederados. Correio Popular. Campinas.
- fev 1983 O sonho americano. Revista da CESP. SP.
- 16 jul 1985 A festa dos norte-americanos. O Estado de São Paulo.
- 26 nov 1986 História será resguardada - museu vai lembrar imigração americana para o Brasil. Visão. SP.
- 23 nov 1987 Museu em São Paulo lembra guerra civil dos EUA. Folha de São Paulo.
- 06 abr 1988 A recomposição de uma imigração - museu reúne os fragmentos da história americana no Brasil. Visão. SP.
- 08 jun 1989 Americana guarda traços do sul dos EUA. Folha de São Paulo.
- 04 jul 1990 A saga americana em solo brasileiro. Jornal da Tarde. São Paulo.
- 10 out 1990 Nossos americanos. Veja. SP.
- 25 dez 1990 Descendentes de americanos fazem reuniões. Folha de São Paulo.
- 16 nov 1991 Descendentes de americanos promovem sua festa. Agora Jornal. Santa Bárbara d'Oeste.
- 25 dez 1991 Lendas e tradições marcam Natal na região - descendentes de estrangeiros relembram costumes natalinos característicos dos países de origem. Folha de São Paulo.
- 24 jul 1991. Americana: a dama do rock está de volta. Veja. SP.
- 17 nov 1991 Americanos ou brasileiros? Diário de Santa Bárbara.
- 19 jan 1992 A cidade: Cemitério do Campo, um marco histórico de Santa Bárbara. Diário de Santa Bárbara.
- 20 mai 1992 Grupo de Americanos visita a cidade. Diário de Santa Bárbara.
- 17 jul 1992 Descendentes brigam por brasão de Americana - descendentes de italianos recusam referência apenas a norte-americanos. Correio Popular. Campinas.
- 30 ago 1992 Judith Mac Night Jones: seu trabalho é reconhecido internacionalmente. O Liberal. Americana.

- 31 out 1992 Festa Confederada. O Liberal.
- 31 out 1992 Eleição nos EUA divide opinião de descendentes. O Liberal.
- 01 nov 1992 Comemoração de americanos será no Cemitério do Campo. Jornal de Piracicaba.
- 04 nov 1992 Imigração americana é tema de exposição no Politec. O Liberal.
- 11 nov 1992 Festa Confederada. O Liberal.
- 11 nov 1992 Num outro continente, confederados vicejam. O Liberal.
- 21 nov 1992 Confederados. Diário de Santa Bárbara.
- 22 nov 1992 Bill Clinton envia carta aos confederados. Diário de Santa Bárbara.
- 25 nov 1992 Cemitério dos Americanos: Prefeitura e Fraternidade reformam.. Diário de Santa Bárbara.
- 27 nov 1992 Festa confederada adiada para o dia 5. O Liberal. Americana.
- nov 1992 Museus da imigração. Nova Escola. SP.
- 04 dez 1992 Bill Clinton envia carta a descendentes de americanos. Correio Popular. Campinas.
- 04 dez 1992 Passeios na cidade. Diário de Santa Bárbara.
- 05 dez 1992 Americanos realizam hoje Festa de Confraternização. O Liberal. Americana.
- 06 dez 1992 Cemitério do Campo. O Liberal.
- 06 dez 1992 Festa confederada reuniu duas mil pessoas. O Liberal.
- 08 dez 1992. Festa dos Americanos foi sucesso. Diário de Santa Bárbara.
- 11 dez 1992 Festa confederada divulgou o nome de Santa Bárbara d'Oeste. Diário de Santa Bárbara.
- 16 jan 1993 Descendentes de americanos querem mais confraternização. Jornal de Piracicaba.
- 06 abr 1993 Consulado americano apóia plano de "Cidade Irmã". Diário de Santa Bárbara.

- 24 abr 1993 FDA faz "tea cake" no Cemitério do Campo. Diário de Santa Bárbara.
- 28 abr 1993 "Resgatando a Cultura" passa para o Museu. Diário de Santa Bárbara.
- 26 mai 1993 Universitários americanos visitaram o município. Diário de Santa Bárbara.
- 05 set 1993 FDA realiza Festa Confederada Brasil-Estados Unidos. Diário de Santa Bárbara.
- 09 set 1993 Tudo pronto para a Festa Confederada. O Liberal. Americana.
- 10 set 1993 Festa dos Americanos é ameaçada pela chuva. Diário de Santa Bárbara.
- 12 set 1993 Mau tempo obriga FDA a transferir Festa Confederada - visitantes desafiaram chuva e frio. Diário de Santa Bárbara.
- 16 set 1993 Festa Confederada está mantida para sábado, diz FDA. Diário de Santa Bárbara.
- 18 set 1993 FDA espera grande público para a Festa Confederada. Diário de Santa Bárbara.
- 19 set 1993 Festa Confederada reúne mais de duas mil pessoas. O Liberal. Americana.
- 21 set 1993 Festa Confederada recebe milhares no Cemitério. Diário de Santa Bárbara.
- 09 nov 1993 Seminário discute memória e identidade cultural da região. Diário de Santa Bárbara.
- 09 mar 1994 Festa Confederada entra para o calendário turístico. O Liberal.
- 11 mar 1994 Brasão de Americana reacende rivalidade - Comissão estuda mudanças no atual emblema que, segundo a colônia italiana, só faz referência à norte-americana. Correio Popular. Campinas.
- 16 abr 1994 Festa mostra cultura do povo americano. O Liberal. Americana.
- 17 abr 1994 CBS documenta a Festa Confederada. Festa Confederada, em Santa Bárbara atraiu bom público. O Liberal.
- 18 abr 1994 Imigrantes revivem tradições americanas - descendentes cultuam em

Americana os costumes dos antepassados que deixaram os EUA na Guerra de Secessão. Correio Popular. Campinas

- 19 abr 1994 Organizador avalia festa confederada: um sucesso. O Liberal. Americana.
- 25 jun 1994 Novo brasão provoca polêmica em Americana - encomendado pelo prefeito, emblema não faz referência à colônia de norte-americanos e causa indignação e protestos. Correio Popular. Campinas.
- 03 jul 1994 Jogo provoca nova "secessão" - descendentes norte-americanos residentes em Americana se dividem entre torcer para o Brasil ou para os Estados Unidos no jogo de amanhã; grupos preservam a identidade. Correio Popular. Campinas.
- 05 jul 1994 Descendentes americanos também festejaram a vitória do Brasil. Diário de Santa Bárbara.

Americanos. Manchete. RJ. S.d.

Dr. Cícero Jones. S.r.

Cemitério do Campo: fundada uma sociedade para administrar o patrimônio desse cemitério localizado em Cillos. S.r.

Confederados em Americana. S.r.

Descendentes de confederados se reúnem quatro vezes por ano. S.r.

Em 1870 já existia um jornal em língua portuguesa nos EUA. S.r.

Uma explicação sobre os nossos museus. Santa Bárbara d'Oeste. S.r.

Fraternidade de Descendência Americana. S.r.

Major Burton, o confederado. S.r.

Marco brasileiro na fuga dos confederados. S.r.

Missão americana procura contatos. S.r.

Norte-americano pesquisa televisão e descendência. O Liberal. S.d.

Pioneiros norte-americanos querem preservar sua história. S.r.

Rebeldes, com ou sem causa. Rumos. S.d.

Santa Bárbara prepara a sua edição histórica. S.r.

Santa Bárbara: museu em novo prédio. S.r.

Seguindo a bandeira de uma só estrela. S.r.

Tradição de Pioneirismo de Santa Bárbara d'Oeste. Jornal d'Oeste. S.d.

## 2.2. Periódicos norte-americanos

- abr 1928 An american colony in Brazil. Geographical Review.
- 13 fev 1960 Colonists preserve southern way of life in highlands of Brazil. Birmingham Post-herald.
- 22 out 1962 Colony of confederates still thrives in Brazil. Asheville Citizen Times
- 20 abr 1965 Eufalians colonized Brazil. The Eufalia Tribune. Eufalia, Alabama.
- 03 jun 1965 Alabama accent in Brazil? The Charlotte Observer.
- 26 dez 1965 The south has risen again- confederate colony of Americana plans events to celebrate 100th anniversary. The Courier Journal.Louisville.
- 16 jan 1966 Self-exiled rebels' kin holding out. Los Angeles Times.
- 20 mar 1966 Rebs made a stand in Brazil. The Washington Post.
- nov 1966 Dixie city in Brazil. S.r.
- jul 1967 My day in Americana. The United Daughters of the Confederance Review, vol. XXX, no. 7. Richmond, Virginia.
- dez 1967 Old south sill alive in Brasil. The Alanta Journal
- 19 fev 1968 South rises again. The Washington Daily News.
- 15 nov 1970 They still sing "Dixie" in Brazil. Tulsa Sunday World.
- 15 nov 1970 A touch of Old South still lives in Brazilian tropics. The Miami Herald.
- 15 nov 1970 Dixie in Brazil just a memory. Express News.

- 19 nov 1970 A little bit of Dixie lives on Vila Americana, Brazil. The Washington Post.
- 11 jun 1972 Jimmy Carter in Latin America. The Atlanta Journal and Constitution Magazine.
- 20 jun 1972 Museum to unearth US Civil War history buried in Santa Barbara. Brazil Herald.
- 25 out 1972 Descendants of Confederate Civil War veterans form brother-hood. The Sun. Baltimore.
- 15 jul 1973 Americana celebrates US Independence Day. Brazil Herald.
- 22 ago 1975 The confederate outpost in Brazil. Wall Street Journal.
- 29 set 1975 Way down South. Newsweek.
- 05 dez 1975 Confederate descendants. Los Angeles Times.
- 05 jul 1976 "Americans" in Brazil - bicentennial celebration slates Sunday. The Goldsden Times.
- 06 jul 1976 Brazilians fly confederate flag. Athens Daily Review.
- 08 jul 1976 Descendants of rebels stay in Brazil. Ann Arbor News.
- 1976 Southern descendants celebrate. S.r.
- 1976 Stars and bars to be flown as Brazilian celebrate. Tuscaloosa News. Alabama.
- jan 1977 Confederate exiles in Brazil. Civil War Times Review, vol. XV, Gettysburg.
- 13 fev 1977 They got a lot rebels in Brazil. Dixie.
- 26 jul 1977 A tale of Americana. Times of Brazil/ Brazil Herald's Supplement.
- 26 ago 1979 Confederate colony thrives in Brazil. The Plain Dealer.
- 19 ago 1979 Confederates' descendants keep tradition in Brazil. The New York Times.
- 22 ago 1979 Descendants of Civil War rebels - an echo of the Confederacy in a Brazil town.
- 10 ago 1980 Southern fried chicken, biscuits, corn bread, pecan-pie - is this Brazil? - Americana, home to the descendants of a band of ex-Confederate who came to Brazil at the end Civil War. Latin

- America. Daily Post.
- 1980 Group fled when south lost - echoes of Dixie found in Brazilian Cemetery. Los Angeles Times.
- 03 abr 1981 Americana: home away from home for disgruntled southerns. Brazil Herald.
- 03 mai 1981 Confederate colony shriveling in Brazil. The Atlanta Journal and Constitution Magazine.
- 1981 U.S. Civil War refugees thriving in Brazil. S.r.
- 05 jul 1982 A little bit of Dixie in Brazil. Times Union and Journal.
- 26 ago 1982 Americana: where the confederates came to stay. Latin America Daily Post.
- 24 mai 1984 Few southerns survived in post-Civil War Brazil. The News and Observer.
- 23 ago 1984 They're keeping the Old South alive - in Brazil. Philadelphia Inquirer.
- 30 set 1984 Americana: little bits if Dixie persevere in Brazil's Confederate colony. The Birmingham News.
- 1987 Whistling Dixie in Brazil. Americas Magazine.
- mar 1989 The Brazilian connection. Memphis, vol. XIII, n. 12.
- 06 jan 1991 Confederate descendants keep Dixie alive in Brazil News-Press.
- jul 1991 Confederate descendants in Brazil. Confederate Veteran Review.
- 29 jul 1992 Brazilian native visits pike county cousin. The Troy Progress. Troy, Alabama.
- 06 set 1991 A continente away, confederates flourish. Parade Magazine.
- America's confederacy still lives on in Brazil. S.r.
- A bit of Dixie in Brazil. S.r.
- Confederate flag, "Dixie" mark Americana, Brazil. The Times-Picayune, New Orleans. S.d.
- The last confederate. S.r.
- The last confederate live in Brazil. The Atlanta Journal and

Constitution Magazine. S.d.

"Old South" still lives in Brazil. Washington Post. S.d.

S. America's land of cotton: sons of south thrive in Brazil. The Daily News. S.d.

A southern accent in Brazil. S.r.

Stars and bars in Brazil. Culture. S.d.

A tale from way down South in an unreconstructed Dixie. S.r.

There's some of Dixie in Brazil. S.r.

They've gone - back home. The last of a confederate colony. S.r.

The town that time forgot. S.r.

### 3. Fontes

#### 3.1. Museu da Imigração de Santa Bárbara d'Oeste

- Correspondências particulares, correspondências comerciais, recibos de compras, escrituras de compra e venda de imóveis, documentos escolares, que provém particularmente da família Pyles, e que datam da última década do século passado às três primeiras décadas deste século.

- Livretos, folhetos turísticos, cartões-postais sobre os Estados Unidos, além de correspondências particulares e correspondências com associações norte-americanas doados pela família Jones e datados das três últimas décadas.

- Boletins publicados pela Fraternidade de Descendência Americana do no. 01 ao no. 30, de 1979 a 1987.

- Livros de Atas da Câmara Municipal de Santa Bárbara:

I - Livro de "Registro de Óbitos de Assentamentos no Cemitério" (1887-1888);

II - Livro de "Declaração de Estrangeiros" (1890);

III - Livro da "Comissão Eleitoral de Santa Bárbara";

IV - Livro de Lançamento de Indústrias e Profissões (1897);

V - Livro de Lançamento "Imposto sobre Café" (1914-1932).

### *3.2. Arquivo Histórico da Fundação Romi*

- Jornais:

- I - "O Barbarense" (1900-1901);
- II - "O Trabalho" (1909-1910);
- III - "O Barbarense" (1916-1917);
- V - A Tribuna (1923-1924);
- VI - "A Metralha" (1933);
- VII - " O Bandeirante" (1934);
- VIII - "Cidade de Santa Bárbara" (1925-1949).

### *3.3. Cartório de Registro Civil de Santa Bárbara d'Oeste*

- Caderno B-1 a B-11 de Registros de Casamentos ( 06/01/1889 a 17/12/1940).

### *3.4. Cartório de Registro de Imóveis de Santa Bárbara d'Oeste*

- Cadernos 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 19A, 20, 21, 24, 28, 29, 30, 31, 32 de Registro de Compra e Venda de Imóveis e outros ( 27/10/1866 a 30/03/1891).

- Cadernos 12-A (11/12/1866-06/08/1870), 14-A (10/02/1870-01/03/1875), e parte do Livro 19 (26/07/1875-11/08/1880) Especialmente Destinados ao Registro de Escrituras de Escravos.

### *3.5. Centro de Memória da UNICAMP*

- Almanques:

- I - "Almanaque da Província de São Paulo" (1873);
- II - "Almanaque Administrativo e Comercial da Província de São Paulo" (1886);
- III - "Almanach do Estado de São Paulo" (1890-1891);
- IV - "Almanach de Campinas" (1908);
- V - "Almanach Histórico e Estatístico de Campinas" (1912-1914);
- VI - "Ensaio de um quadro demonstrativo do desmembramento dos municípios" (1931).

- Cadernos de "Imposto de Meia Siza de Escravos" (1866 a 1875)

### *3.6. Arquivo da Igreja Presbiteriana de Americana*

- Resumo Histórico dos Trabalhos Evangélicos em Americana

3. 7. *Agência do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de Americana*

- Livro do Censo Econômico do IBGE (1985);
- Livro do Censo Populacional (1991);
- Sumário de Dados da Região de Campinas (1992).

## **ANEXOS**

## ANEXO I: DOMICÍLIOS DOS DESCENDENTES

**TABELA : LOCALIDADES DOS DOMICÍLIOS DOS DESCENDENTES QUE REBECAM O BOLETIM DA FRATERNIDADE DE DESCENDÊNCIA AMERICANA<sup>1</sup>**

LOCALIZAÇÃO	DOMICÍLIOS
Aguai	01
Americana	21
Anápolis (GO)	01
Andradina	01
Araçatuba	01
Balsas (MA)	01
Bauru	03
Bragança Psta.	01
Belém	01
Belo Horizonte	01
Bocaina	01
Boituva	02
Campinas	32
Campo Grande	01
Campo Limpo Psta.	01
Capivari	01
Carapicuíba	01
Conchal	01
Cotia	01
Elias Fausto	01
Florianópolis	01
Gália	01
Goiânia	01
Griffith (EUA)	01
Guarulhos	02
Indaiatuba	01
Ipeúna	01
Itajubá (MG)	01
Itu	01
Jacareí	01
Jau	01
Joinville	01
Juiz de Fora	01

<sup>1</sup> Os domicílios pertencem aos descendentes associados, bem como aos descendentes não-associados na Fraternidade. Utilizei como fonte a listagem apresentada pela secretária da Fraternidade.

LOCALIZAÇÃO	DOMICÍLIOS
Jundiaí	08
Limeira	01
Mauá	02
Miami (EUA)	01
Natal	01
Nilópolis	01
Niterói	07
Nova Odessa	08
Paraguaçu Psta	01
Paulínia	01
Peruíbe	01
Piracicaba	09
Pirassununga	01
Porto Feliz	01
Rio Claro	08
Rio de Janeiro	11
Rio Verde (GO)	02
Rudge Campos	01
Sta Bárbara d'Oeste	45
Santarém (PA)	01
Santo André	04
Santos	03
São Bernardo do Campo	03
São Carlos	01
São José do Rio Preto	01
São Paulo	62
São Roque	01
Serra (ES)	01
Sertãozinho	01
Sorocaba	07
Sumaré	24
Tabatinga	01
Teresina	01
Tupi	01
Uberlândia	01
Vera (MT)	01
Vinhedo	02
<b>TOTAL</b>	<b>315</b>

**ANEXO II: PERFIL DOS DESCENDENTES DE NORTE-AMERICANOS PARTICIPANTES DA REUNIÃO DA FRATERNIDADE DE DESCENDÊNCIA AMERICANA DE ABRIL/93<sup>2</sup>**

**TABELA I: GERAÇÃO**

GERAÇÃO	número	%
neto	11	44
bisneto	09	36
tataraneto	05	20
<b>TOTAL</b>	<b>25</b>	<b>100</b>

**TABELA II: DOMICÍLIO**

DOMICÍLIO	número	%
Americana	03	12
Campinas	02	08
Santa Bárbara d'Oeste	10	40
Santo André	01	04
Sorocaba	03	12
Sumaré	06	24
<b>TOTAL</b>	<b>25</b>	<b>100</b>

**TABELA III: SEXO**

SEXO	número	%
masculino	06	24
feminino	19	76
<b>TOTAL</b>	<b>25</b>	<b>100</b>

<sup>2</sup> Resultado de survey realizado com 25 descendentes participantes, representando aproximadamente 25% dos presentes na reunião.

**TABELA IV: IDADE**

IDADE	número	%
menor de 20	01	04
de 21 a 30	05	20
de 31 a 40	03	12
de 41 a 50	07	28
de 51 a 60	03	12
de 61 a 70	02	08
de 71 a 80	02	08
TOTAL	25	100

**TABELA V: RENDA MENSAL ( EM SALÁRIO-MÍNIMO)\***

RENDA	número	%
01 a 03 SM	02	08
03 a 05 SM	09	36
05 a 10 SM	04	16
mais de 10 SM	08	32
não informou	02	08
TOTAL	25	100

\*OBS.: Como informação adicional: 25 (100 %) descendentes moram em casa própria, 22 (88 %) possuem automóvel e 5 (20 %) propriedade rural.

**TABELA VI: ESCOLARIDADE**

ESCOLARIDADE	número	%
primária	04	16
1o. grau incompleta	01	04
1o. grau	07	28
2o. grau incompleta	01	04
2o. grau	06	24
superior incompleto	03	12
superior	03	12
TOTAL	25	100

**TABELA VII: OCUPAÇÃO**

OCUPAÇÃO	número
aposentado	01
bancário	01
comerciante	02
dentista	01
doméstica	07
escriturário	01
estudante	03
funcionário público	02
professor	02
secretário	01
sem ocupação	01
vendedor	02

**TABELA VIII: DESCENDÊNCIA DOS CÔNJUGES POR GERAÇÃO\***

CÔNJUGE/GERAÇÃO	neto	bisneto	tataraneto	TOTAL	%
americano	02	01	-	03	18,75
"brasileiro"	01	-	-	01	6,25
italiano	03	03	-	06	37,50
português	02	01	-	03	18,75
espanhol	01	-	-	01	6,25
desconhecido	-	01	01	02	12,50
<b>TOTAL</b>	<b>09</b>	<b>06</b>	<b>01</b>	<b>16</b>	<b>100,00</b>

\*OBS.: 07 ( 28%) dos descendentes entrevistados são solteiros.

**TABELA IX: RELIGIÃO POR GERAÇÃO**

RELIGIÃO	neto	bisneto	tataraneto	TOTAL	%
batista	01	-	-	01	04
católica	10	05	01	10	40
metodista	02	-	-	02	08
presbiteriana	02	03	04	09	36
outras	02	01	-	03	12
<b>TOTAL</b>	<b>11</b>	<b>09</b>	<b>05</b>	<b>25</b>	<b>100</b>

**TABELA X: DOMÍNIO DA LÍNGUA INGLESA POR GERAÇÃO\*\***

DOMÍNIO/ GERAÇÃO	neto	bisneto	tataraneto	TOTAL	%
sim	03	02	01	06	24
pouco	04	02	01	07	28
não	04	05	03	12	48
<b>TOTAL</b>	<b>11</b>	<b>09</b>	<b>05</b>	<b>25</b>	<b>100</b>

\*\*OBS.: Como informação adicional: 06 aprenderam com família (5 netos e 01 bisneto), 06 aprenderam na escola (01 neto, 03 bisnetos e 02 tataranetos) e 01 (neto) é autodidata; 09 aprenderam na infância (07 netos, 01 bisneto e 01 tataraneto), 03 na juventude (2 bisnetos e 01 tataraneto) e 02 (bisnetos) não informaram.

**TABELA XI: CONTATO COM OS ESTADOS UNIDOS POR GERAÇÃO**

VIAGEM AOS EUA/GERAÇÃO	neto	bisneto	tataraneto	TOTAL	%
sim	02	01	-	03	12
não	09	08	05	22	88
<b>TOTAL</b>	<b>11</b>	<b>09</b>	<b>05</b>	<b>25</b>	<b>100</b>
PARENTES NOS EUA/GERAÇÃO	neto	bisneto	tataraneto	TOTAL	%
sim	11	08	04	23	92*
não	-	01	01	02	08
<b>TOTAL</b>	<b>11</b>	<b>09</b>	<b>05</b>	<b>25</b>	<b>100</b>

\*OBS.: 18 (88 %) dos entrevistados referem-se a uma categoria genérica de primos distantes, ramos de sua família que não emigraram e que não mantêm contato.

**TABELA XII: SÓCIOS DA FRATERNIDADE DE DESCENDÊNCIA AMERICANA POR GERAÇÃO\***

SÓCIOS/ GERAÇÃO	neto	bisneto	tataraneto	TOTAL	%
sim	10	06	04	20	80
não	01	03	01	05	20
<b>TOTAL</b>	<b>11</b>	<b>09</b>	<b>05</b>	<b>25</b>	<b>100</b>

\*OBS.: Como informação adicional 06 (24%) associaram-se na década de 80 e 06 (24%) na década de 70.

**TABELA XIII: PARTICIPAÇÃO NAS REUNIÕES POR GERAÇÃO\*\***

PARTICIPAÇÃO/ GERAÇÃO	neto	bisneto	tataraneto	TOTAL	%
sempre	04	04	02	10	40
quase sempre	03	03	02	08	32
às vezes	04	01	01	06	24
1a. vez	-	01	-	01	04
<b>TOTAL</b>	<b>11</b>	<b>09</b>	<b>05</b>	<b>25</b>	<b>100</b>

OBS.: Como informação adicional 13 (52%) responderam que participam desde a infância (5 netos, 04 bisnetos e 05 tataranetos).

**TABELA XIV: PARTICIPAÇÃO NAS FESTAS ANUAIS POR GERAÇÃO\***

PARTICIPAÇÃO/ GERAÇÃO	neto	bisneto	tataraneto	TOTAL	%
sempre	09	07	04	20	80
quase sempre	-	02	01	03	12
às vezes	02	-	-	02	08
<b>TOTAL</b>	<b>11</b>	<b>09</b>	<b>05</b>	<b>25</b>	<b>100</b>

\* OBS.: Como informação adicional 18 (72 %) dos participantes dizem que participam da organização das festas e 20 (80 %) participam desde a 1a. festa.

**TABELA XV: FREQUÊNCIA AO CEMITÉRIO DO CAMPO POR GERAÇÃO**

FREQUÊNCIA/ GERAÇÃO	neto	bisneto	tataraneto	TOTAL	%
sim	08	05	03	16	64
às vezes	02	01	02	03	12
não	01	03	-	04	16
<b>TOTAL</b>	<b>11</b>	<b>09</b>	<b>05</b>	<b>25</b>	<b>100</b>

**ANEXO III: PERFIL DOS PARTICIPANTES DA X FESTA CONFEDERADA BRASIL-ESTADOS UNIDOS REALIZADA EM ABRIL/94<sup>1</sup>**

**PARTE A: DESCENDENTES DE NORTE-AMERICANOS**

**TABELA I: GERAÇÃO**

GERAÇÃO	número	%
neto	36	54
bisneto	21	31
tataraneto	09	14
não informado	01	1
TOTAL	67	100

**TABELA II: DOMICÍLIO**

DOMICÍLIO	número	%
Americana	10	15
Campinas	14	21
Santa Bárbara d'Oeste	20	30
São Paulo	06	09
Sorocaba	02	3
Sumaré	08	12
Outras	07	10
TOTAL	67	100

**TABELA III: SEXO**

SEXO	número	%
masculino	38	57
feminino	29	43
TOTAL	67	100

<sup>1</sup> De um total de aproximadamente 3.000, foram cadastrados 118 participantes, representando aproximadamente 4% do total, sendo: 67 ( 56%) descendentes de americanos e 51 (44%) não-descendentes.

**TABELA IV: IDADE**

IDADE	número	%
menor de 20	16	24
de 21 a 30	08	12
de 31 a 40	10	15
de 41 a 50	14	21
de 51 a 60	08	12
de 61 a 70	05	08
de 71 a 80	03	04
mais de 80	01	01
não informado	02	03
TOTAL	67	100

**TABELA V: ESCOLARIDADE**

ESCOLARIDADE	número	%
1o. grau	15	23
2o. grau	19	28
superior	32	47
não informado	01	02
TOTAL	67	100

**TABELA VI: OCUPAÇÃO**

OCUPAÇÃO	número	%
empregado	19	28
comerciante	08	12
empresário	04	06
profissional liberal	04	06
outros*	32	48
<b>TOTAL</b>	<b>67</b>	<b>100</b>

\*OBS: Incluem, majoritariamente, estudantes (31%) e domésticas (14%)

**TABELA VII: ESTADO CIVIL**

ESTADO CIVIL	número	%
solteiro	27	40
casado	34	51
outros	06	09
<b>TOTAL</b>	<b>67</b>	<b>100</b>

**TABELA VIII: RELIGIÃO**

RELIGIÃO	TOTAL	%
batista	10	15
católica	36	54
metodista	03	4
presbiteriana	14	21
outras	04	6
<b>TOTAL</b>	<b>67</b>	<b>100</b>

**TABELA IX: DOMÍNIO DA LÍNGUA INGLESA\***

DOMÍNIO	TOTAL	%
sim	30	45
não	37	55
TOTAL	67	100

\*OBS.: Não foi perguntado qual o nível de conhecimento da língua.

**TABELA X: CONTATO COM OS ESTADOS UNIDOS**

CONHECE OS EUA	TOTAL	%
sim	20	30
não	47	70
TOTAL	67	100

**TABELA XI: SÓCIOS DA FRATERNIDADE DE DESCENDÊNCIA AMERICANA**

SÓCIOS	TOTAL	%
sim	36	54
não	31	46
TOTAL	67	100

**TABELA XII: PARTICIPAÇÃO NAS REUNIÕES**

PARTICIPAÇÃO	TOTAL	%
sim	42	63
não	25	37
TOTAL	67	100

**TABELA XIII: FREQUÊNCIA AO CEMITÉRIO DO CAMPO**

FREQUÊNCIA	TOTAL	%
sim	63	94
não	04	06
TOTAL	67	100

**PARTE B: NÃO-DESCENDENTES DE NORTE-AMERICANOS**

**TABELA I: DOMICÍLIO**

DOMICÍLIO	número	%
Americana	12	23
Campinas	01	02
Holambra	01	02
Limeira	02	04
Nova Odessa	04	08
Piracicaba	03	06
São Paulo	02	04
Santa Bárbara d'Oeste	24	47
Sumaré	02	04
TOTAL	51	100

**TABELA II: SEXO**

SEXO	número	%
masculino	37	73
feminino	14	27
TOTAL	51	100

**TABELA III: IDADE**

IDADE	número	%
menor de 20	26	50
de 21 a 30	04	08
de 31 a 40	12	24
de 41 a 50	06	12
de 51 a 60	02	04
de 61 a 70	01	02
TOTAL	51	100

**TABELA IV: ESCOLARIDADE**

ESCOLARIDADE	número	%
1o. grau	22	43
2o. grau	19	37
superior	09	18
não informado	01	02
TOTAL	51	100

**TABELA V: OCUPAÇÃO**

OCUPAÇÃO	número	%
empregado	16	30
comerciante	03	06
empresário	06	12
profissional liberal	02	04
outros*	24	48
TOTAL	51	100

\*OBS.: Refere-se majoritariamente a estudantes (84%).

**TABELA VI: ESTADO CIVIL**

ESTADO CIVIL	número	%
solteiro	34	66
casado	14	28
outros	02	04
não informado	01	02
TOTAL	51	100

**TABELA VII: RELIGIÃO**

RELIGIÃO	TOTAL	%
batista	03	06
católica	38	74
metodista	-	-
presbiteriana	03	06
outras	07	14
TOTAL	51	100

**TABELA VIII: DOMÍNIO DA LÍNGUA INGLESA**

DOMÍNIO	TOTAL	%
sim	-	-
não	51	100
TOTAL	51	100

**TABELA IX: CONTATO COM OS ESTADOS UNIDOS**

CONHECE OS EUA	TOTAL	%
sim	51	51
não	-	-
TOTAL	51	100

**TABELA X: PARTICIPAÇÃO NAS REUNIÕES**

PARTICIPAÇÃO	TOTAL	%
sim	-	-
não	51	51
TOTAL	51	100

**TABELA XI: FREQUÊNCIA AO CEMITÉRIO DO CAMPO**

FREQUÊNCIA	TOTAL	%
sim	-	-
não	51	51
TOTAL	51	100

#### ANEXO IV

**TABELA: REGISTROS DE COMPRA E VENDA DE IMÓVEIS E OUTROS POR E ENTRE NORTE-AMERICANOS CONSTANTES DOS CADERNOS 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 19A, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32 (1866-1891) DO CARTÓRIO DE REGISTROS DE IMÓVEIS DE SANTA BÁRBARA d'OESTE**

ANO	REGISTROS	TIPOS DE REGISTROS						
		Compra	Venda	Compra e Venda	Hipoteca	Procuração	Testamento	Outros <sup>3</sup>
1866	03	03						
1867	08	03		05				
1870	04	03		01				
1871	08	02	01	05				
1872	07		01	07				
1873	12			01			01	01
1874	09	01	01	03	01	01		02
1875	27	01		03	01	14 <sup>4</sup>	01	07
1876	13		01	06	03		01	02
1877	02	03			01			01
1878	09	02	01	02		03	01	
1879	09	01	01	04	01		02	
1880	07	03	01	01	01		01	
1881	11	02	02	04	01		01	01
1882	06	01		01	03			01
1883	11	05		02	01		02	01
1884	06	04	01		01			
1885	16	04	01	04	03			04
1886	21	06		06	06	02		01
1887	15	06	01	03	02			02
1888	09		02	03	02			02
1889	16	01	03	08	03			01
1890	03	06	06	06				04
1891	05	01	02	02				
TOTAL	237	52	25	77	30	20	10	30

<sup>3</sup> Refere-se, entre outros a: declaração de divisas, locação e serviços, partilha de bens, assentamentos.

<sup>4</sup> Refere-se a uma Caderno específico da procurações referente a este ano

## ANEXO V

**TABELA: REGISTROS DE COMPRA DE ESCRAVOS POR NORTE-AMERICANOS CONSTANTES DOS CADERNOS 12-A, 14-A e 19 (1866-1880) DO CARTÓRIO DE REGISTROS DE IMÓVEIS DE SANTA BÁRBARA d'OESTE**

ANO	REGISTROS	QUANTIDADE DE ESCRAVOS	%
1866	01	07	10,60
1867	03	09	13,63
1868	02	03	4,55
1869	03	03	4,55
1870	06	03	4,55
1871	01	01	1,51
1872	04	04	6,06
1873	12	14	21,22
1874	04	04	6,06
1875	02	02	3,03
1876	03	06	9,09
1877	02	03	4,55
1878	03	04	6,06
1879	01	01	1,51
1880	02	02	3,03
<b>TOTAL</b>	<b>49</b>	<b>66</b>	<b>100,00</b>

## ANEXO VI

**TABELA: TABELA DE REGISTROS DE CASAMENTOS DE NORTE-AMERICANOS E DESCENDENTES CONSTANTES DOS LIVROS B-1 A B-11 DO CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL DE SANTA BÁRBARA D'OESTE (1889-1940)**

DÉCADA	CASAMENTOS				REGISTROS	
	ENTRE AMERICANOS/DESCENDENTES		MISTOS			
	Total	%	Total	%	Total	%
1890-1900	15	79	04	21	19	100
1901-1910	11	61	07	39	18	100
1911-1920	14	47	16	53	30	100
1921-1930	02	17	10	83	12	100
1931-1940	06	31	13	69	19	100
<b>TOTAL</b>	<b>48</b>	<b>49</b>	<b>50</b>	<b>51</b>	<b>98</b>	<b>100</b>

## ANEXO VII

**TABELA: PERFIL DOS DESCENDENTES ENTREVISTADOS**

Nome	Sexo	Geração	Idade	Ocupação
ALC	f	3	69	professora
ALV	f	2	77	doméstica
AMK	f	3	47	dentista
AMP	m	3	45	empresário
CP	m	3	75	empresário
CV	f	3	70	secretária
CV(i)	m	3	38	agricultor
DS	m	3	70	empresário
EF	m	3	60	médico
EMV	f	4	37	professora
ERW	f	4	35	doméstica
GT	f	2	94	lavradora
JK	m	3	58	dentista
JM	m	3	65	func. público
JV	m	3	47	agricultor
JW	m	4	44	empresário
LFD	f	3	70	func. pública
LMV	f	3	75	doméstica
MJ	f	3	47	prof. liberal
MMK	m	3	55	operário
MWC	f	3	76	comerciante
NMK	m	3	65	agricultor
OMA	m	3	76	operário
PJ	f	2	86	doméstica
RSM	m	3	72	comerciante
SP	m	3	69	agricultor
ST	m	2	85	lavrador